

Cr\$ 1,50
em todo
o Brasil

Revista da Semana

ANO XLIII - N.º 48 - 28 de Novembro de 1942



LINGUA SOLTA PODE

CUSTAR VIDAS

Reportagem
no Texto



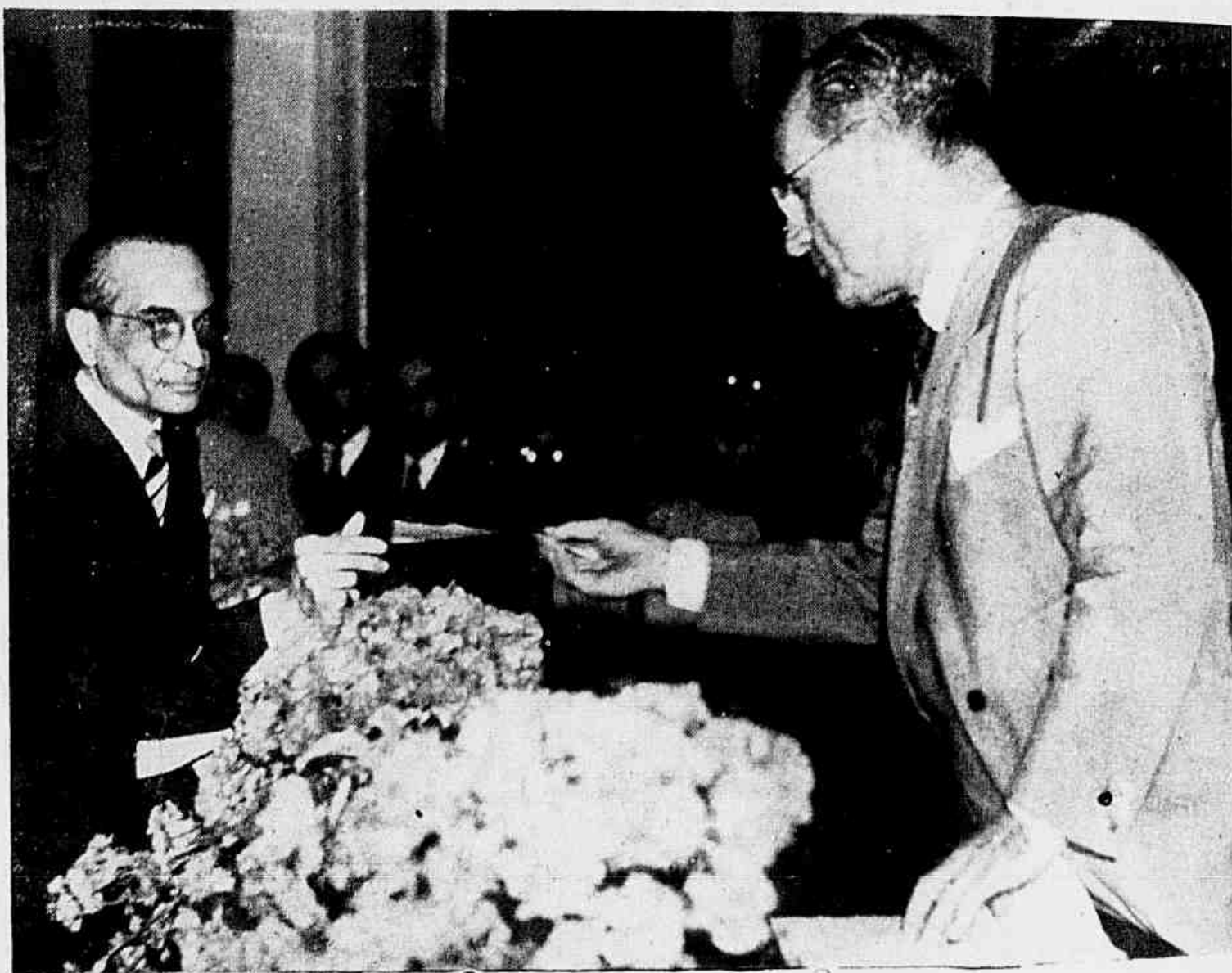
Dr. Sérgio Corrêa da Costa, representante da Exma. Sra. Oswaldo Aranha, encarregado de receber o cheque de Cr\$ 58.000,00, produto da coleta entre os funcionários do Banco, em favor das vítimas dos torpedamentos; e general Ministro Manoel Rabelo.

O presidente da "Associação Atlética Banco do Brasil" fazendo entrega do cheque ao Dr. Marques dos Reis.

Ecos das comemorações do 10 de Novembro

Aspectos colhidos no Salão de Assembleias do Banco do Brasil, na tarde do dia 9, por ocasião da sessão cívica promovida pelo "Conselho Anti-eixista de Vigilância e Trabalho dos Funcionários do Banco do Brasil" comemorando o 5.º aniversário do Estado Novo, e que foi presidida pelo Presidente do Banco do Brasil.

A mesa que dirigiu a sessão ficou assim constituída, a partir da esquerda: major Roberto Carneiro de Mendonça, diretor do Banco, e que proferiu brilhante discurso; general Ivo Soares, presidente da Cruz Vermelha Brasileira, que recebeu 52.000 cruzeiros recolhidos pelo Conselho; e dr. João Marques dos Reis, presidente do Banco do Brasil.



Aspecto da grande e solene assistência no luxuoso Salão do Banco.



AS VIAGENS E OS LIVROS

♦ POR HERMAN LIMA ♦♦♦

As viagens são verdadeiros estados d'alma.

Efetivamente não sei de nada que mais hiperestesia a nossa emoção do *terroir* do que certos encontros no estrangeiro. Seja uma árvore do Brasil, plantada no Miradouro do Monte, em Lisboa; uma imagem de Santo Antonio (o mesmo Santo Antonio da Mouraria, da Bahia), rodeada de velas, no fundo duma igreja de Londres; uma frase na lingua natal, miraculosamente ouvida em plena rua de cidade estranha, como por exemplo me aconteceu àquela vez em Bruxelas. Aliás, não sei também de coincidência mais assombrosa do que essa, de ir abstratamente num bondinho noturno, para um giro sem destino pelos arrabaldes da pequenina capital, antes de recolher ao hotel, e de repente, ao parar o carro, num trecho

de Boulevard Anspach, a exclamação que me chega em puro sotaque carioca:

— Mas você ainda tem coragem de sair hoje para dançar?

Meto a cabeça pela vidraça, num grande espanto deliciado, e por pouco não atiro um adeus de velho conhecimento à patricia desconhecida que ali estava de pé, junto ao poste de parada, com semelhante pergunta de velada censura ao marido. Que brasileiros seriam aqueles dois, a tantas mil milhas da Avenida Rio Branco, com aquele ar de terem vindo agora mesmo, ele, do escritório e ela, duma volta pelas lojas, reunidos à espera do bonde de Muda ou do Leme, sob o crepúsculo do Rio que se estendeu de repente, por cima do recorte das casas de *pignons* flamengos? Sei de mim que todo o resto do passeio, através das ruínas adormecidas, o que eu estou vendo, ao longo da linha, é apenas um pedaço da praça Saenz Pena, o Jardim da Gloria com os repuxos cantando (ali por volta do *square* Marie Louise) a serenidade confortável das chacaras da rua S. Clemente, espiando com sono de dentro dos largos portões senhoriais...

A mesma coisa em Louvain, que me lembra logo Fortaleza, a Fortaleza dos meus tempos de rapaz, quando os arranha-céus não haviam surgido ainda sequer no Rio: aquelas mesmas ruas de casas de um ou raros dois andares, de fachadas coloridas e alegres, calcamento de pedra pontaguda, o traçado das ruas em retas impecáveis, tal qual o da minha cidadezinha "namorada do sol"... E, para mais viva sugestão de presença, um verdadeiro scl cearense lavando tudo, até as veneráveis marcas do passado.

Vou-me, pois, por essas ruazinhas claras e convidativas, até a Grand'Place, onde a joia arquitetural do seu Hotel de Ville, o mais belo da Belgica, se ostenta em toda a maravilha dos seus florões, ogivas e nichos, rendarias de pedra, estatuas e torrelas duma graça e duma leveza que parece volatilizarem-se na altura. Impossível contemplar esses relicários urbanos que são as prefeituras da Belgica, e penetrar nesses umbrais filigranados como as *guipures* de Malines e de Bruges, sem o recolhimento de quem invadisse um sacrário. Estamos agora em véspera de festas, há um tapete solene, traçando um longo risco de purpura sob os pés, folhas cheirosas para serem pisadas, como nos festejos do natal, do Norte. Quasi em face de Hotel, no outro lado da praça, a igreja de S. Gudula, mais alem outra igreja, remanescente do antigo e suntuoso templo de S. Pedro, que os alemães bombardearam em 14. Andam preparativos de festa por aqui também e outro risco vermelho de tapete para os pés do senhor bispo está sendo igualmente ajustado por meia dúzia de operários.

E' que Setembro começou e é a data justamente das alegres comemorações da cidade universitária. Amanhã eu depois, na praça da Universidade, a dois passos daqui, há de rolar nos ares a buliçosa algazarra dos cantos e das contradanças da *Kermesse*, a mesma que anda celebrada nos quadros de Teniers, de Brueghel e de Rubens, há tres e quatro séculos.

A Universidade, que os alemães do Kaiser incendiaram meticulosamente, num fogaréu que foi propagado depois, com toda a pachorra, em frio calculo, a 1800 construções da cidade — ergue a fachada no mesmo velho estilo brabantão a que vem obedecendo a maioria das reconstruções posteriores à guerra. E seus cursos, que vêm de 1426, guardam ainda a memória das aulas de Jansenius e de Erasmo, o mesmo Erasmo que afirmava em 1521: "Em parte alguma a cultura literaria tem raízes mais profundas do que em Louvain." Deante do casarão venerável, restituído à vida pela munificência dos filantropos americanos, arrumam-se toldas de circos e barraquinhas de arraial, carrouséis e tendas de jogo, em plena perspectiva familiar das nossas cidadezinhas do sertão, com o mesmo ar de delicioso provincianismo envolvendo as ingenuas arapucas de prazer inocente e barato.

Eis senão quando um vendedor de *torroni*, que é o primeiro instalado no comercio das barraquinhas, um arabe ou egípcio de cara de bronze e fez iniludível, indaga de dentro do seu balcão:

— *Ustedes hablan espanol?*

Uma surpresa grande no nosso grupo, onde minhas filhinhas andam espalhando olhos compridos para os montes de guloseimas enfileirados nas prateleiras. E logo o homem se desmancha num sorriso feliz, quando lhe digo que somos do Brasil, do Rio de Janeiro.

— Ah! Rio de Janeiro! Conheço, sim! Estive lá dois anos! Conheço também a Bahia...

— Dois anos no Rio? Fazendo o quê?

— Vendendo *torroni* na Lapa...

E' outra vez o Brasil, que chega, de repente, abrindo na paisagem contemporânea de Godofredo III a copa verde das figueiras do Passeio Publico, e pescoço de girafa do Edifício Mesbla, o recorte dos Arcos por cima da Avenida Mem de Sá...

Como esses encontros nas viagens que a guerra veio sustentar, sabe Deus até quando — são as sugestões que nos dão certos livros, como este *Restea de Sol*, de Otacilio de Azevedo que acaba de me chegar às mãos, vindo do Ceará.

Brochurinha humilde, saída a lume à custa de quanto sacrifício, ainda hoje, no entanto, familiar aos autores da provincia, essa coletânea de menos de cem paginas veio despertar no meu coração a mesma transfiguradora emoção daquelas vozes familiares, daqueles instintos vagabundos do meu roteiro da Europa.

Otacilio de Azevedo começou a escrever quando eu também, por volta dos meus vinte anos em flor, me ensaiava na prosa, como dizia o Anselmo Ribas, da "Conquista". Um quarto de século já se foi, de permissão, meia dúzia de metempsicoses talvez já se processou na minha vida e todavia, ao ler estes versos dum tempo que não existe mais senão em diluída aquarela, mais no coração do que na memória, é como se tivesse havido apenas um parentese de breves dias; o que meus olhos estão mirando, para além das montanhas da Gavea, não é a risca do Leblon, mas a curva côr de mel das areias de Mucuripe:

*No ermo ventre da noite, onde o meu ser se entranha
e erram, convulsos, no ar, os meus fundos gemidos,
é o teu amor, cuja saudade me acompanha,
o objeto singular de meus cinco sentidos...*

*Rios correm, que o luar o argenteo dorso estanha
e onde põe sombras de ouro, em cambiantes diluídos...
O vento sopra e as rijas árvores assanha,
mas só o teu nome é que me canta nos ouvidos!*

*Onde quer que derrame o dubio olhar enfermo,
surgem fantasmas deslizando na penumbra
que enche de horror e tedio esta noite sem termo!*

*Porém, mal penso em ti, faz-se a treva arrebol,
E o teu vulto divino o meu leito deslumbra,
como em dias de chuva aurea restea de sol!*

Podem os coriteus da poesia moderna (que agravante trazer ainda para aqui esta outra voz do passado!) estremecer de susto à clara ressonancia desta linguagem que para eles não terá sentido maior do que têm os seus poemas hermeticos para o povo que sempre soube amar os belos versos — o povo, que é o supremo antologista na expressão de Agrippino Grieco. Que me importa, se posso achar ainda nos sonetos de meu amigo Otacilio o mesmo encanto das nossas reuniões à mesa do *Café Riche*, de Fortaleza, para a colheita diaria de versos cu a gostosa audição de gloriosas reminiscencias dos maiores da turma — Antonio Salles, recém-chegado do Rio, e o poeta José Albano, vindo pouco antes de Paris?

Para que negar que eu gosto mesmo do cadenciado rolar destes alexandrinos *old fashioned*, bem sei, mas nem por isso menos belos?

*Rodam, tardas, gemendo, as rodas arrastando
os pesados pranchões de pau d'arco. Angustiado,
ora altivo e roufenho, ora amoroso e brando,
todo o carro de bois é um soluço abafado...*

*A' hora triste e glacial do crepúsculo, quando
o sol desce, o seu canto é tão doce e maguado
que ora nos prende à terra, ora nos vai levando
na asa de ouro de um sonho a um longínquo passado.*

*Choram, tristes, á frente, os bois mortos de sono...
Há uma vaga tristeza, uma ansiedade, em tudo,
e a paisagem dir-se-ia um pôr de sol, no outono...*

*Oh! Natureza-Mãe! sei quanto sofres, pois
vejo ansioso rolar todo o teu pranto mudo
pelos bons olhos melancolicos dos bois...*

Quem está ouvindo estes versos não é mais o pretensio intelectual que andou bebendo na concha das mãos, por tanto caminho andado e desandado, a agua muita vez poluída da fonte dos livros e vê, no crepúsculo que se avizinha, a prata dos primeiros cabelos brancos, como poeira de luar propicio à meditação e ao repouso; nem é mais a criatura pavidia desta hora de tremendos espantos, que olha sem bussola o horizonte do mundo sumindo no novo aos. E' outra vez o adolescente da praça do Ferreira do lim da outra guerra, o caixeirinho tímido que saía do armazem de fazendas grosseiras e vinha, mais do que dizer, ouvir a palavra dos companheiros de *team*, numa hora inelavel em que a gloria parecia sorrir-nos à simples visão das primeiras tentativas literarias em letra de fôrma na imprensa local.

Ainda mais que as viagens, por conseguinte, mais do que outra *Maquina de explorar o tempo*, à maneira de Wells, o que esse pequeno livro de versos me trouxe nesta noite mansa foi a renovação dum estado d'alma, de que seria doce não despertar amanhã...



Para a mãe e o filho

MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO.

**SABONETE DE
REUTER**

Esse algo intangível
que se chama formo-
sura é o que toda
mulher ambiciona. A
base é uma cutis deli-
ciosamente asseada.
Use diariamente o

**SABONETE DE
REUTER**
para conse-
guir a.



Numeros atrasados desta
revista em Sergipe

Procurar a LIVRARIA REGINA

Rua João Pessoa, 137 — Aracajú

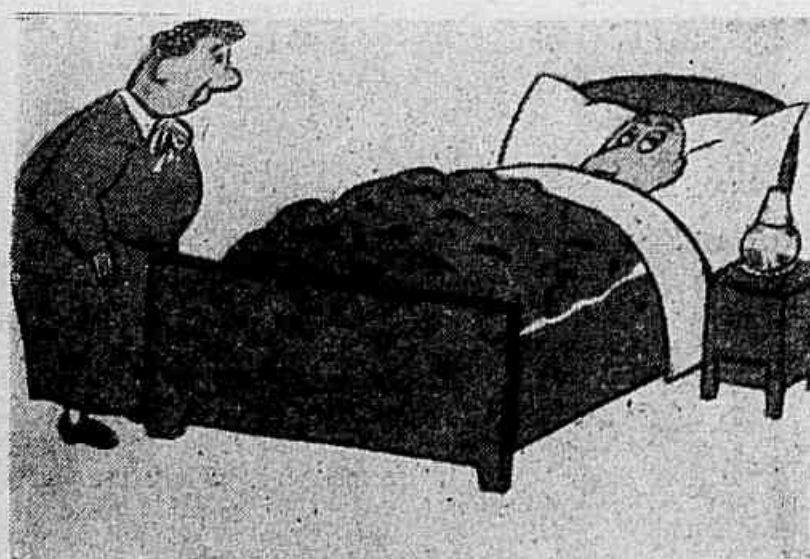
**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

OUTROS RIRAM

Diagnóstico



Embora já em convalescença, tão aborrecido se sentia o sr. Gonçalves com as receitas dos médicos formados que resolveu mandar vir um curandeiro para terminar a cura.



Para fazer a vontade ao enfermo, sua esposa telefonou ao curandeiro, dizendo-lhe isso mesmo: que se tratava duma convalescença. E o prático tomou concientemente nota do que ouvira.



Pouco depois chega o nosso sábio à casa do doente. Cheio de importância, de solenidade, faz perguntas, toma o pulso ausculta meticulosamente. E acaba declarando:

— A senhora tinha razão: trata-se, com efeito, dum caso grave de convalescença. Mas tranquilize-se: Eu o curei!



— O patrão saiu e esqueceu-se de deixar dinheiro para pagar essa conta.

— E como sabe você disso?

— Ora essa! Porque ele mesmo m'o disse!



— Detenha-se, desgraçado! Pense em sua esposa!

— Homem, não me fale nela; se não, dou mesmo ao gatilho.

— E como te vais dando com teu marido?

— Eu lhe digo, titia: A princípio falava ele e eu ouvia; depois, falava eu e ele ouvia; agora, falamos ambos e toda a vizinhança não ouve.



— Seu Pereira, eu queria lhe pedir uma coisa.

— Diga, meu bemzinho.

— Não venha tantas vezes jantar cá em casa, porque, quando o senhor sai, mamãe vira bicho e eu e maninha é que pagamos!



— Escute, seu Fernandes... Quando o senhor se lava, como sabe onde acaba a cara?



— Não se envergonha de voltar para casa às nove da manhã?

— E você? Não se envergonha de estar ainda na cama a estas horas?

— Achas então que tua irmã gosta de mim?

— Com certeza! Ainda ontem papai disse que o senhor era um idiota e ela respondeu que não era tanto como parecia.



AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome, endereço e fins a que as mesmas se destinam.

Objetos perdidos

CONTO DE ADRIEN VÉLY

Caía uma chuva cerrada, teimosa, das que dão a impressão de nunca poderem passar de todo. Na Secção dos Objetos Perdidos, um funcionário, amodorrado pelo ambiente espesso e a irradiação do calorífero, espapava-se na cadeira, de olhos semi-cerrados. Abriu-os de repente, sobressaltado pelo rumor da porta que se abria.

Um homem entrava no recinto, perguntando:

— E' aqui a Secção dos Objetos Perdidos?

— Aqui mesmo.

— Venho ver se estará aí um guarda-chuva...

— Que o senhor perdeu?

— Justamente.

O funcionário passeou lentamente pelo recém-chegado um olhar de desconfiança. Era com efeito um indivíduo de má aparência, roupa mais que usada, sapatos sujíssimos...

— Está certo disso? perguntou o burocrata.

— Certo de que?

— De ter perdido um guarda-chuva?

— E o senhor? Está certo?

— De que?

— De ser obrigação sua restituir os objetos àqueles que os perderam!

O empregado público reconheceu que não tinha entabulado bem o colóquio e resolveu encaminhá-lo para outro terreno:

— Se o senhor perdeu um guarda-chuva, não deve ter dificuldade em o descrever. Como era ele?

— Bom... Não tinha nada de especial. Cabo simples, de volta... Bastar-me-á, porém, vê-lo para o reconhecer imediatamente.

Dirigindo-se a si próprio, o funcionário resmungou:

— Está certo. E' o tal plano.

Mas o outro, depreendendo uma recusa, protestou, um tanto indignado:

— Como assim? Não quer tentar a prova que lhe proponho?

— Quero, pois não! Vamos a isso!

Foi lá dentro e voltou com um guarda-chuva de acordo com a vaga indicação do reclamante, mas em péssimo estado:

— Será este?

Tendo olhado rapidamente o objeto, o homem abanou a cabeça:

— Não, senhor.

O funcionário desapareceu de novo, para reaparecer com outro guarda-chuva mais ou menos nas condições do primeiro:

— E este?

Nova olhadela sumária:

— Também não.

Da terceira vez o funcionário voltou com um guarda-chuva excelente e quasi novo em folha. Então o homem não hesitou um segundo; estendendo o braço, declarou peremptoriamente:

— Ora, cá está ele!

— Como ?!

— O meu guarda-chuva! E' este mesmo!

— Sim? troçou o funcionário, com uma rizadinha. — Ora espere aí que já o arranjo!

E tirou o fone do gancho.

— Que vai fazer? interrogou o postulante, com a maior calma.

— Mandar vir um agente de polícia, naturalmente.

— Para que?

— Para o levar preso, pois para que ha de ser? Este guarda-chuva pertence-me. Logo desconfiei que você era um larápio. Agora tenho a prova disso.

Mas o homem, sem se perturbar, retrucou:

— Alto lá! Se aqui ha um ladrão, não sou eu!

— Quem então?

— O senhor.

O funcionário, estupefacto, pendurou o fone, ficou um momento de olhos muito abertos e parados:

— Hein! Pois você atreve-se?... Atrave-se a dizer...

— Digo e repito que o gatuno é o senhor.

— Então este guarda-chuva não é meu?

— Está claro que não. Pois se é meu!

— Prove! Prove!

— Ao senhor é que compete provar.

— A mim? Essa agora!

— Há muito eu suspeitava que os empregados desta repartição se apropriavam dos objetos que deviam escrupulosamente guardar. Agora, tenho a prova. O meu guarda-chuva agradou-lhe e o senhor, zás! deitou-lhe a unha.

— Um guarda-chuva que eu comprei nos *Cem mil guarda-sós!*

— Que esperteza! A marca da casa está aí, no cabo...

— Mas se ainda não ha oito dias que o comprei...

— O senhor, não! Eu! Por isso ele está ainda sem uso nenhum.

— Você, comprar um guarda-chuva destes? Um homem que anda vestido dessa maneira...

— Justamente por estar chovendo, vesti a roupa mais velha que tinha. Além disso... basta de conversa! Eu é que vou procurar um agente e queixar-me de que o senhor quer furtar o meu guarda-chuva.

E deu um passo para a porta.

— Mas o senhor não pode fazer isso! exclamou, mau grado seu, o funcionário.

Sentia-se agora um tanto inquieto. Embora estivesse em paz com a sua consciência; embora a acusação do outro não tivesse o menor fundamento, precisaria talvez de discutir, apresentar provas... Que provas? Depois, com a polícia nunca se sabe como as coisas poderão terminar. Mas, por outro lado, devia ele consentir que um larápio descarado lhe levasse um guarda-chuva comprado há menos de oito dias? Entregue a estas reflexões angustiosas, ouviu a voz do malandrim:

— Não posso? Quer ver como faço? Quer ver?

E aproximou-se da porta. O funcionário sentiu uma espécie de vácuo no cérebro e na alma. Precisava de conservar o seu guarda-chuva e evitar a intromissão da polícia... E escaparam-lhe dos lábios estas palavras inconcipientes:

— Ora, vamos... Procurando bem, talvez eu encontrasse outro guarda-chuva...

— Que o senhor furtaria a outra pessoa, não é assim? Mas para cá vem de carrinho. O que eu quero é o meu guarda-chuva, o meu!

O funcionário estremeceu fortemente. E foi como se esse abalo o fizesse voltar a si, restituindo-lhe a posse da propria individualidade:

— Pois então, vá, chame o agente! E nós veremos!

Cessara a bátega. Lá fóra fulgurava o sol. O homem atravessou a soleira da porta, hesitou ainda um momento, deu à voz uma energia, uma veemência formidável:

— E depois, quer saber duma coisa? Fique com ele, com o meu guarda-chuva. Não sou homem que me prenda com essas ninharias. Passar bem!

E saiu, batendo com a porta.





Não se pôde trabalhar com os Rins doentes!

Que martírio! Dóres nas costas, nas juntas, reumatismo, pés inchados, urina turva e escuras — cuidado com estes sintomas. Tudo isto pôde ser sinal de uricemia, eliminação insuficiente do ácido úrico, que está envenenando seu sangue. Tome Pílulas de Foster e combata este mal.

Pílulas de FOSTER

Para os Rins e a Bexiga.

Preferidas porque são:

- Diuréticas e balsâmicas.
- Desinfetam e ativam os rins.
- Fáceis de tomar.
- Indicadas para uricemias, uretrites, pielites e cistites.



COMO PODE UMA MULHER CONQUISTAR UM HOMEM E UM HOMEM OBTER

o Respeito de outros Homens

Sem que um litro de suco biliar flua diariamente do fígado para os intestinos, os alimentos fermentam nos intestinos. Isso perturba todo o organismo. A língua se torna saburrosa, a pele amarelada... aparecem espinhas, os olhos ficam embaciados, sobrevém mau hálito, boca amargosa, gases, vertigens e dores de cabeça. Tornamo-nos feios e desagradáveis e todos fogem de nós.

Uma simples evacuação da parte inferior dos intestinos não tocará a causa porque não elimina toda a comida em decomposição.

Se o fluxo natural do suco biliar é que evita a fermentação nos intestinos. As Pílulas Carter são o remédio de efeito suave, que faz fluir livremente o suco biliar. Contém os melhores extratos vegetais. Se quiser recuperar seu encanto pessoal, comece a tomar as Pílulas Carter de saúde com a bala. Preço: 3\$000.

Mantenha a sua
cabeleira bella,
sedosa e abundante



usando o

TONICO ORIENTAL

Combate a
caspa e evita a
calvície.



PRISÃO de VENTRE?

Pílulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.



REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; seis meses — Cr. \$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00 RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

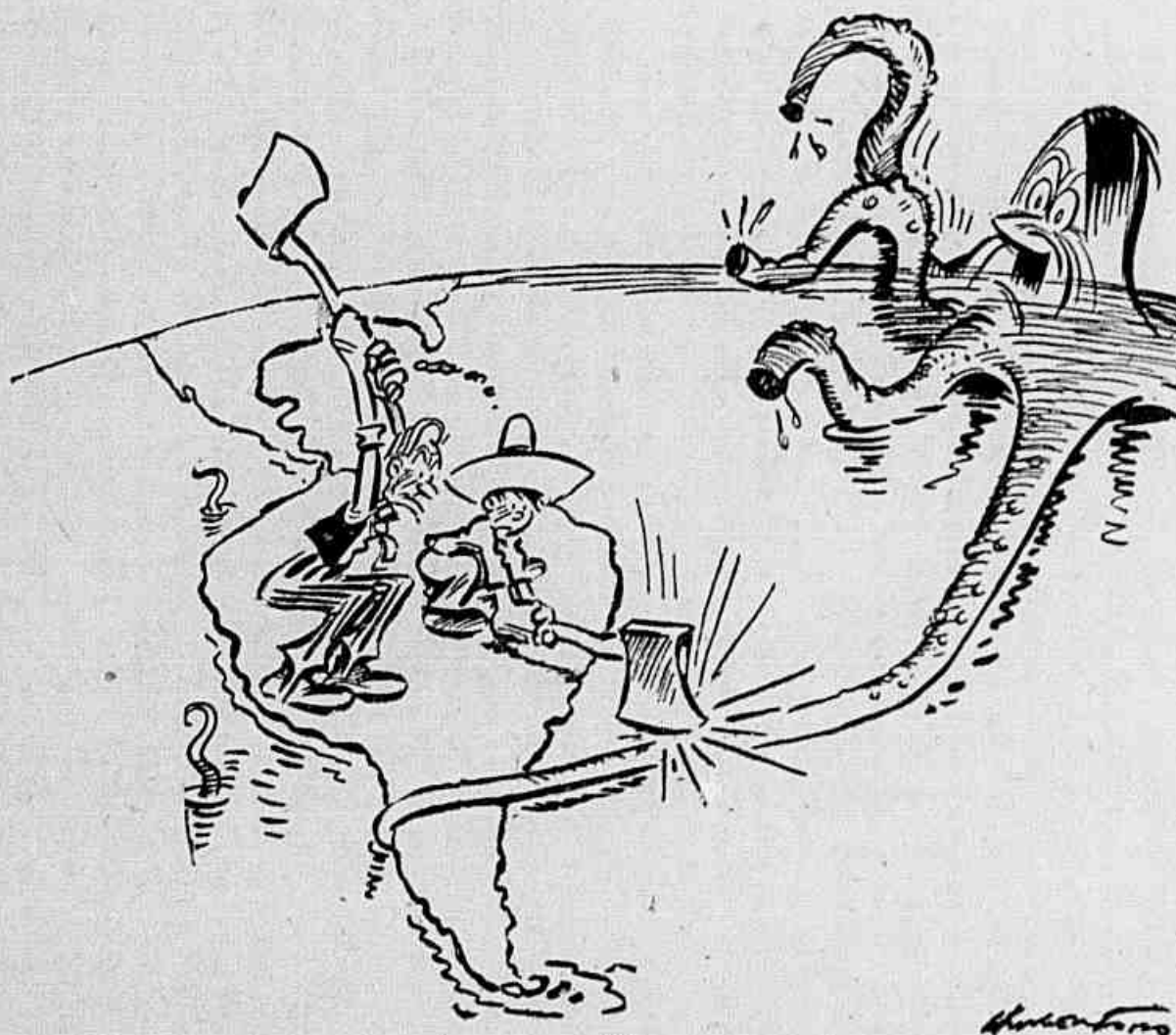
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



Cortando os tentáculos do polvo eixista:

(Do New York Times).

O povo alemão, bode explório para o quarto inverno de guerra



"Devemos juntar todas as nossas energias para a vitória final"

(Do Manchester Daily Dispatch)

Revista Brasileira de Geografia

Recebemos os números 1 e 2 do ano IV da "Revista Brasileira de Geografia", publicação do "Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística". São os números correspondentes a Janeiro-Março e Abril-Junho, de 1942. Trazem, como sempre matéria interessante.

Revista de Combate á Lepra

Temos o n.º da Revista de Combate á Lepra referente a Março de 1942. Além de importantes notas editoriais, traz vasta colaboração, motivo porque o volume vai a quase duzentas páginas.

A nossa capa



O sugestivo painel que ilustra a capa deste numero da REVISTA DA SEMANA foi profusamente divulgado nos Estados Unidos, bem como os demais cartazes que compõem a reportagem *Lingua solta pode custar vidas*, inserta nesta edição. Não exageramos dizendo que uma simples palavra indiscreta pode ser a ponta do fio que leva a uma cena como a reproduzida pelo referido painel. Principalmente com relação a tudo que se relaciona com navegação desenvolve-se a atividade solapante dos nossos inimigos. Ainda há pouco pudemos saber que mais de 500 barcos de nações americanas, num total de 4 milhões de toneladas já foram afundados. Publicando esse magnífico cartaz, acreditamos estar colaborando para redução dessas alentadas cifras.

ARQUIVO DO DIREITO MILITAR

ANO I — N.º I — 1942

Recebemos o primeiro exemplar do *Arquivo do Direito Militar*, publicação que vem de ser lançada sob os auspícios do Ministerio da Guerra.

Trata-se de um volume, que conta mais de quatrocentas paginas, confeccionado na Imprensa Nacional.

E' obra — como o titulo indica — destinada ao Direito Militar em geral, devendo aparecer de quatro em quatro meses.

NAÇÃO ARMADA

Temos sobre a mesa o numero 36 correspondente ao 3.º ano do mensario ilustrado *Nação Armada*.

Numero de aniversario, traz materia desenvolvida, vem repleto de colaboração interessante preparada por civis e militares, o que fez o volume subir a quase quatrocentas paginas.

A *Nação Armada* na pessoa de seu lustre diretor, tenente-coronel Afonso de Carvalho, nossos cumprimentos.

SOFRE DE CATARRO E NÃO OUVES BEM?

O aturdimto, provocado pelo catarro, é muito incômodo e aborrecido. As pessoas que não ouvem bem, que sofrem de zumbidos nos ouvidos e padecem de aturdimto catarral, encontram pronto alívio tomando PARMINT — o remédio realmente eficaz no tratamento da afecção catarral. Pela sua ação tonificante, Parmint reduz a inflamação do ouvido médio, causadora do catarro. E uma vez eliminada a inflamação, cessam os zumbidos nos ouvidos e a dor de cabeça, e desaparecem gradualmente o aturdimto e a dificuldade de ouvir. Parmint é obtido em qualquer farmácia ou drogaria. Todos que sofrem de catarro, aturdimto catarral e zumbidos nos ouvidos, farão bem experimentando Parmint.

Santos e Efemérides da Semana

NOVEMBRO

28 SÃO TIAGO. — Nasceu em 1389 em Ancona. Atravessando Assis um dia ficou de tal maneira edificado com a piedade dos religiosos de S. Francisco que entrou para a Ordem. Tornando-se depois arcebispo de Milão, pregou a cruzada contra os turcos. Morreu em 1479.

— SANTA QUIETA. — Virgem e martir, natural da França.

— BEMAVENTURADA ANA. — Viuva de Constantinopla, mãe de Santo Estêvão o Moço. Morreu em 764.

— Falece no Rio Luiz Joaquim Duque Estrada Fernando de Mendonça, ministro do Supremo Tribunal (1834). — Falece no naufragio do vapor *Hermes* nas costas de Macaé, Manoel Antonio de Almeida, médico, romancista, autor das *Memórias de um Sargento de Milícias*, nascido no Rio de Janeiro, patrono da cadeira 28 da Academia Brasileira (1861). — Capitulação do Salto, no Uruguai (1864). — Falece no Rio Coelho Netto, natural do Maranhão, jornalista, professor, cronista, teatrólogo, da Academia Brasileira (1934).

29 SÃO SATURNINO. — Pregou o Evangelho nas Galias no século III, foi o primeiro bispo de Tolosa e sofreu o martírio em 250. Segundo a lenda, os padres dos ídolos prenderam-no pelos pés a um touro furioso que o arrastou e lhe partiu a cabeça pelos degraus do Capitólio da sua cidade natal.

— SANTA STRATONICE. — Filha do preleito de Cysica no Oriente, converteu-se diante da calma dos mártires da perseguição. Teve a mesma sorte deles; mas, dada a sua categoria social, suportou todos os requintes de crueldade.

— Nasce na fazenda do Corrego-Secco, sitio onde está hoje Petropolis, Saturnino de Souza e Oliveira Coutinho, senador, ministro de Estado, presidente do Rio G. Sul (1803). — Nasce em Rio Pardo Manoel de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, pintor, poeta, orador, professor, teatrólogo, patrono da cadeira 32 da Academia Brasileira (1806). — Parte do Tejo a frota que conduzia ao Brasil a Família Real Portuguesa (1807). — Falece na capital do Maranhão D. Marcos Antonio de Sousa, 13.º bispo da diocese (1842). — Falece no Rio Alberto de Faria, advogado, polemista, da Academia Brasileira (1931).

30 SANTO ANDRÉ. — Irmão de São Pedro e pescador como ele, foi primeiramente discípulo de João Batista. Tendo assistido às bodas de Caná e testemunhado o primeiro milagre de Jesus Cristo, pregou na Asia Menor e na Grecia, e foi martirizado em Patras, sob Domiciano. Foi em honra de Santo André que o rei de Espanha, Filipe II, filho de Carlos-Quinto, creou a ordem da Tosão de Ouro.

— SANTA THAIS. — Cortezã do Egito, passou uma parte da mocidade na maior dissipação. Convertida por um piedoso solitário, Paphnucio, queimou todas as suas riquezas e retirou-se para um convento onde morreu no século V.

— Combate de Maricota, perto de Goyana, no qual os revolucionários de Pernambuco são batidos (1848). — Ceremonia da bênção do Hospicio de Pedro II, de iniciativa de José Clemente Pereira (1852).

DEZEMBRO

1 SANTO ELOI. — Nascido em 588 em Cadillac, perto de Limoges, foi a principio ourives, levando a arte a um grau extraordinario de perfeição para o seu tempo. Empregava a maior parte dos bens em fazer caridade. Investido mais tarde na confiança integral de Dagoberto, desempenhou com sucesso numerosas missões delicadas. Nomeado bispo de Noyon em 610, morreu em 659.

— SANTA FLORENCIA. — Nascida na Phrygia, colocou-se sob a direção espiritual de Santo Hilario, bispo de Poitiers, e morreu em 367.

— Nasce no Serro (Minas) o poeta José Eloi Ottoni (1764). — Sagração e coroação do Imperador D. Pedro I (1822). — Decreto da criação da Ordem Imperial do Cruzeiro (1822). — E' jurada no Recife a Constituição do Império (1824). — Falece no Rio, onde nascera, o conego Luiz Gonçalves dos Santos, alcunhado o *Pererêca*, teólogo, literato, autor das *Memórias para a Historia do Reino do Brasil* (1844). — Falece no Rio Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, carpinteiro, mestre-escola, romancista, poeta (1861).

2 SÃO PEDRO CRISOLOGO. — Chamado Crisologo — no grego, "que tem fala de ouro" — em razão da sua grande eloquência. Denotou desde jovem uma inteligência vivíssima, que o levou a ser nomeado logo bispo de Ravenna (433), cargo em que se distinguiu pelos sermões e pela piedade.

— SANTA BIBIANA. — Virgem que foi martirizada em Roma quando da perseguição do imperador Juliano (363). Foi-lhe erigida sobre o túmulo uma capela, que se transformou na bela igreja de Santa-Maria-Maior.

— Falece no Rio o pregador frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, nascido em Taubaté (1817). — Nasce no Rio de Janeiro, no palácio da Boa-Vista, D. Pedro II, ultimo imperador do Brasil (1825). — Decreto criando no Rio o Imperial Collegio de Pedro II (1837). — Falece no Rio, onde nascera, o general Francisco de Lima e Silva, Regente do Imperio, pai do Duque de Caxias (1853). — Abertura da primeira Exposição Nacional, no edificio da Escola Politécnica (1861). — Falecem no Rio

os ministros do Supremo Tribunal José Paulo Figueirôa Nabuco de Araujo (1863) e José Mariani (1875).

3 SÃO FRANCISCO XAVIER. — Nasceu em 1506 no castelo de Xavier, perto de Pamplona. Fez estudos em Paris, no Collegio Santa Barbara, onde se ligou a Santo Inácio de Loyola, o fundador da ordem dos Jesuitas. Ele próprio entrou pouco tempo depois para a nova Companhia e fez voto, em 1534, de trabalhar pela conversão dos infieis. Partiu para as Indias e foi até ao Japão, onde fez numerosos prosélitos. Morreu em 1556.

— SANTA HILARIA. — Mulher romana, torturada e morta por causa da sua fé, ao mesmo tempo que seu marido, São Claudio, e seus dois filhos, S. Jason e S. Mauro, em 283.

— Inaugura-se no Rio o Hospicio de Pedro II (1852). — Nasce na Bahia Xavier Marques, jornalista, romancista, da Academia Brasileira (1861). — Falece em Nice (França), Tavares Bastos, jornalista, político, sociólogo, nascido em Alagôas, patrono da cadeira 35 da Academia Brasileira (1875). — Falece no Rio Viriato Bandeira Duarte, ministro do Supremo Tribunal (1893).

4 SANTO OSMUNDO. — Um dos companheiros de Guilherme o Conquistador. Participou da conquista da Inglaterra (1066); foi conde de Dorset, grande chanceler, depois bispo de Salisbury. Morreu em 1099.

— SANTA BARBARA. — Filha de um rico patricio da Nicomedia, nasceu em 215. Educada na religião por Valentiniano, foi martirizada em razão da sua fé. Martelaram-lhe a cabeça, dilaceraram-lhe o peito com unhas de ferro e, por fim, decapitaram-na (235).

— Carta régia do principe D. João — D. João VI — creando no Rio a Academia Militar, depois Escola Militar (1810). — Juramento da Constituição do Imperio no Ceará (1824). — Falece no Rio João Antonio Rodrigues de Carvalho, ministro do Supremo Tribunal (1840). — Nasce no Paraná Rocha Pombo, professor, historiador, da Academia Brasileira (1857).

BANCO ALEMÃO TRANSATLANTICO em liquidação -- Rio

O pagamento do rateio de 40 % (quarenta por cento) relativo ao mês de Novembro, dos saldos de depósitos anteriores a 24-8-42, será feito obedecendo á seguinte ordem de chamada das letras iniciais dos nomes dos correntistas:

LETRAS

DIAS

A, B, R e S 3 a 7

C e H 9 a 12

D, E, I e J 13 a 17

F, K e L 18 a 21

G, M e N 23 a 26

O a Q e T a Z . . . 27 a 30

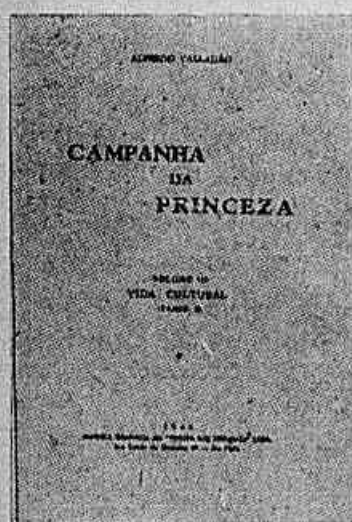
Os saldos até Cr\$ 10.000,00 e os das contas de depósitos especiais serão liquidados imediatamente.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

LIVROS NOVOS

CAMPANHA DA PRINCEZA, de Alfredo Valadão — *Empreza Grafica da Revista dos Tribunais* — São Paulo 1942.



Certo professor norte-americano que visitou o nosso país, surpreendeu-se com a exuberância dos estudos históricos entre nós, enquanto que na sua Pátria — e no resto do mundo — eles estão em visível declínio.

Isto é uma grande vantagem para nós. Por dois motivos: primeiro, porque os futuros sociólogos só poderão trabalhar dispondo de informações completas sobre a evolução do povo, tomada nos seus múltiplos aspectos. Segundo, porque a história é a consciência viva de um

povo, é a sua personalidade no tempo; só ela pode impregnar as gerações novas desse espírito sagrado que vem das origens. A história é a própria vitalidade dos povos.

Estudando Campanha da Princesa, cidade sul-mineira, o sr. Alfredo Valadão vem escrevendo uma alentada obra, cujo terceiro volume, dedicado à vida cultural, acaba de aparecer.

E' uma obra que transcende aos limites do que se chama vulgarmente história administrativa. Analisa os fatos sob todas as dimensões.

O texto divide-se em XXIV capítulos, através de 288 páginas, abordando todas as iniciativas culturais,

desde o penúltimo quartel do Setecentos. Escolas, sociedades literárias, monumentos, campanhas, imprensa, todos esses aspectos de intelectualismo estão cuidadosamente focalizados.

GARCIA REDONDO, de Sebastião Almeida Oliveira — São Paulo — 1942.



No Brasil ainda é relativamente pobre a bibliografia sobre vultos ilustres de sua literatura. Pobre, mormente pelo fato de que as existentes mantêm-se no campo tremendamente monótono da enumeração de dados cronológicos. E não é assim que se estuda uma vida. E' necessário investigar todas as circunstâncias que influíram no seu desenvolvimento. Surpreende-la de todos os ângulos, com uma técnica verdadeiramente fotográfica.

Parece que o sr. Sebastião Almeida Oliveira compreendeu bem isso. Tendo que escrever o trabalho, para satisfazer exigências do Regimento Interno da Academia de Ciências e Letras de São Paulo, procurou fazê-lo com uma técnica que poderíamos rotular de *totalista*, citando, no prefácio, as seguintes palavras de Sílvia Ro-

mero: "Para se criticar um livro é preciso, é necessário escrever a história íntima, pinturesca, viva e anedótica do autor."

A FAMÍLIA E A QUESTÃO SOCIAL — Edição do Grupo de Ação Social — Rio — 1942 — Distribuidora: — Livraria José Olimpio — Editora.



Encaramos sempre com escrúpulo as coletâneas. Mormente os anais de congressos. Volumes e volumes de literatice andam por aí, entupindo as livrarias, absolutamente inúteis e, às vezes, até, prejudiciais.

O mesmo não acontece com o volume de que estamos tratando, no qual estão reunidos os trabalhos apresentados à 4ª sessão das semanas de ação social do Brasil.

Nas suas 374 páginas, os problemas são ventilados objetivamente. Das conferências distinguem-se entre outras a do sr. Alceu Amoroso Lima, intitulado *A Família e o Estado*, e a do sr. Romeu Rodrigues Silva, *O Problema Social no Brasil Contemporâneo*.

Ha também a discriminação final das conclusões e resoluções do Congresso, página que muito interessa a qualquer estudioso do problema social no mundo contemporâneo.

TRATADO DE HIGIENE, de João de Barros Barreto — *Imprensa Nacional* — Rio — 1942.



A higiene é uma ciência cujo desenvolvimento data de época mais ou menos recente. Foi, por assim dizer, a complexidade crescente da vida moderna, a expansão formidável das metrópoles, os novos problemas demográficos, que exigiram uma preocupação mais séria, no sentido de zelar pela segurança sanitária das populações. Para resolver os problemas, tornou-se necessário conhecê-los. Por isso multiplicaram-se os estudos, cresceu a bibliografia no assunto. No Brasil, entretanto, ela ainda não cresceu muito. O trabalho do professor João de Barros Barreto veio, portanto, enriquecê-la consideravelmente. Não só pelos títulos que recomendam o autor, como pela apresentação do livro, pela sua divisão — pelo conteúdo de seus capítulos.

Este volume, que é o primeiro do Tratado a ser publicado, distingue-se pelas ilustrações e gráficos que completam o texto.

BIBLIOGRAFIA DE GONÇALVES DIAS, por M. Nogueira da Silva — *Ministerio da Educação e Saúde* — Instituto Nacional do Livro — Rio — 1942.



E' um trabalho beneditino este, empreendido pelo sr. Nogueira da Silva. Beneditino, porque tais obras, não grangeando para o autor os louros fáceis das vitórias estrepitosas, exigem, não obstante, em sua realização muita capacidade de trabalho e muito idealismo.

Podemos afirmar que a presente bibliografia é o material de informações mais completo sobre o Poeta dos Timbiras, elaborado mediante paciente peregrinação pelos arquivos e bibliotecas do país.

Oportuno, sobretudo, lembrarmos que Gonçalves Dias não foi somente um poeta. Foi, sobretudo, o pioneiro dos estudos etnográficos entre nós, notabilizando-se ainda como pedagogo, dramaturgo, historiador e jornalista. Um homem-índice, portanto, da inteligência brasileira.

O VENCEDOR É SEU
quando adquire uma caneta Parker Vacuumatic. A única que possui a combinação ideal de qualidades para ganhar, sempre e sempre, nas mais severas competições.

Contrato de Garantia por Vida
com Diamante Azul da Parker

TELEVISÃO Total do Depósito de Tinta
mostra sempre o nível

Sem saco de borracha Assim ha espaço para 1/3 mais de tinta.

Parker
VACUMATIC

Orgulhe-se de possuir Parker — Vencedora em muitas competições Sobre Preferência de Canetas

Milhares de pessoas exigentes manifestaram insistentemente a sua preferência pela Parker sobre todas as outras canetas. Estas competições recentes mostram a V.S. que Parker Vacuumatic deve possuir vantagens especiais. Peça ao seu revendedor uma demonstração destas características "vitoriosas", e depois escolha a sua Vacuumatic.

1ª em facilidade de escrever. A rigidez da pena da Parker, "lubrificada" pela sutileza do Osmiridio, estabelece um novo padrão em facilidade de escrever e vibratibilidade.

1ª em confiança que merece. O depósito de tinta da Parker, de televisão total, permite ver sempre o nível da tinta. Contém 1/3 mais do que as canetas com saco de borracha.

1ª em comodidade. O enchedor patenteado, a uma só mão, faz da Parker, entre todas as canetas, a mais fácil de encher, como provaram as experiências do Laboratório Deavitt, Chicago, Ill.

1ª em beleza. Parker Vacuumatic é de fato a "Joia das Canetas". Nenhuma outra caneta iguala a luminosa beleza de seus cintilantes anéis de pérola laminada.

Contrato de Garantia Por Vida
O "Diamante Azul" no segurado representa nosso Contrato por Vida com o possuidor, garantindo o reparo de qualquer avaria (exceto em caso de perda ou dano intencional), cobrando apenas seis mil réis para embalagem, porte e seguro, desde que a caneta venha completa para conserto.

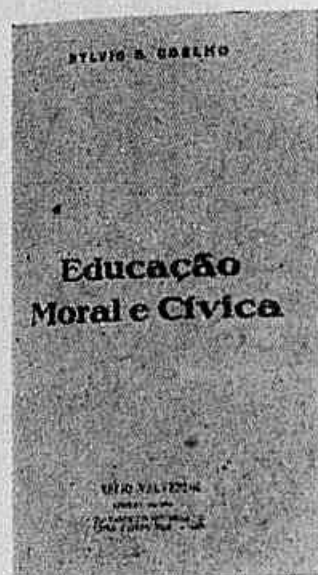


CONFIDÊNCIAS, de Lausimar Laus Gomes — Livraria Zélio Valverde, Editor — Rio.

Neste volume de 145 páginas, em papel *bufon*, sob uma capa ilustrada de Wallace, são divulgados trinta e três pequenos poemas de Lausimar Laus Gomes, jovem poetisa catarinense, colaboradora apreciada da imprensa carioca.

São composições de metro variado, cujo valor vem apenas confirmar os dotes da Escritora, já revelados anteriormente em *História para os meus alunos* e *No mundo das Carinhas miúdas*.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA, de Sylvio B. Coelho — Zélio Valverde — Livreiro Editor — Rio.

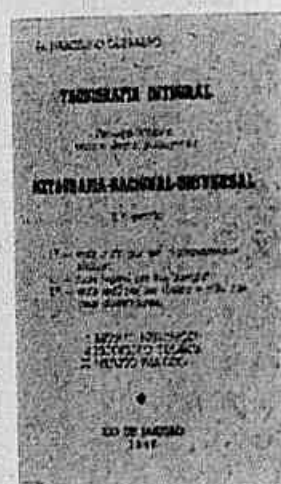


Ninguém melhor do que um militar para escrever um livro desta natureza. Os soldados, pela sua formação, pela própria natureza de seu papel, estão perfeitamente identificados com os valores da Pátria, pátria essa a cujo serviço se encontram.

Neste volume o 1.º tenente Sylvio Coelho procura instruir o mundo leitor no que se relaciona aos símbolos e festas nacionais, ocupando-se, também das biografias de alguns vultos da história militar e política da Pátria.

E' um livro indicado principalmente, para as professoras primárias em geral, ou para os chefes de quaisquer grupos juvenis.

TAQUIGRAFIA INTEGRAL, do padre Marcelino Guerreiro. — Rio — 1942.



Os interessados encontrarão neste livro notícia detalhada do que seja taquigrafia. Analisa suas origens, sua história, classifica os sistemas, entrando depois na teoria, examinando os diversos sistemas vigentes de maneira precisa.

A importância da arte taquigráfica é incalculável, nos dias presentes. Sua aplicação cresce cada vez mais, seja nos congressos, nas reuniões, ou mesmo no comércio. E', portanto, digno de aplausos o aparecimento deste volume, mormente levando-se em conta

que foi escrito por alguém que possui credenciais de autoridade no assunto.

DIRETRIZES SOCIAIS CATOLICAS, de R. P. Chagnon, S. J. — Editora Anchieta Limitada — São Paulo — 1942.

Promovendo congressos, intensificando movimentos, ventilando problemas, a Igreja vem assumindo no Brasil, neste últimos tempos, um papel dinâmico por excelência.

Esse ritmo nota-se, aliás, pelo mundo inteiro. E' bom frizar que a Igreja não tem propriamente um programa social, que seria um programa político. Esse cabe ao Estado. Na hierarquia das sociedades humanas, porém, ela está acima de todas as outras — é idealmente perfeita. Daí as encíclicas papais externarem as normas que deverão orientar os homens na resolução dos problemas da coletividade — nada mais.

Os planos, os sistemas, esses serão elaborados de acordo com a realidade de cada terra. Útil, portanto, esta edição da Livraria Anchieta, num momento em que os magnos problemas sociais estão sendo encarados de frente pelo Governo Brasileiro.

REVIVENDO O PASSADO e OPUSCULOS, de Clovis Bevilacqua — Rio — 1942.

Extraordinário o mestre Clovis Bevilacqua. De uma capacidade de trabalho espantosa, ele não se distingue, apenas, como o douto autor de substanciosos tratados de Direito. E' também o beletista elegante, o literato, na acepção mais fina do termo, o homem-antena, sempre sensível aos acontecimentos que circundam ao seu redor, na hora presente.

Suas últimas publicações cujos títulos iniciam esta nota, são bem representativas neste sentido. Principalmente *Opúsculos*, onde o Mestre aborda os problemas jurídicos concernentes à solidariedade americana, além de outros temas de grande atualidade.

LORD CLIVE, O CONQUISTADOR DA INDIA.

A importância da Índia e o vasto trabalho de reconstrução e organização que se vem processando no seu vasto território, não têm sido suficientemente considerados na América e mesmo na Europa. Uma obra como essa de W. Hoffmann Harnisch, onde está fixada, através da ação de um homem superior, em linguagem acessível ao leitor de mediana cultura, o drama imenso que é a fase moderna da história desse país de cultura milenar, merece uma grande divulgação. Hoffmann Harnisch já é nosso conhecido como autor de obras de divulgação das coisas do Brasil e de estudos do nosso facies cultural. *O Brasil que eu vi*, *Goethe e o Brasil* são obras suas editadas em nosso idioma. Essa sua biografia romanesca *Lord Clive* é entretanto uma obra de bem mais vastas proporções. As suas edições alemãs e inglesas criaram uma reputação para o autor.

Roberto Clive nasceu em 1725 em Styche, na Inglaterra. Quando menino foi ele o terror da sua cidade e na sua família, e tais foram as diabruras que praticou que seu pai resolveu mandá-lo para a Índia, para casa do diabo, a fim de se ver livre dele. Isso era por volta do meado do século dezoito.

Naquela época eram poucos os pontos que a Inglaterra ocupava na Índia. A mais importante destas posições era Pondichere, comandada pelo Marquês de Dupleix, um dos mais hábeis políticos da Índia do século XVIII, cuja prudência, cujo conhecimento profundo do país, equivalia "vasos de guerra, artilharia, regimentos e fortificações". Mas além das suas qualidades políticas possuía Joseph François de Dupleix um tesouro inestimável: sua

bela e culta e educada como também uma Índia, familiarizada com a mentalidade e o caráter dos índios, que conhecia nada menos que uma dúzia de idiomas e dialetos e que tecia uma rede de intrigas e espionagem cobrindo todo o vasto território do antigo e fabuloso império. Com certeza, o Marquês de Dupleix e sua Jeanne tinham o direito de sonhar aquele ambicioso sonho que exatamente dois milhares de anos antes sonhava o Grande Alexandre da Grécia: subir ao eterno trono imperial de Delhi...

Foi quando o pequeno escriptorio Roberto Clive se revelou. Com uma série de invenções e feitos geniais, logrou terminar com as imposições e a influência das autoridades francesas e assegurar o domínio inglês na vasta região. Roberto Clive toma atitude, organiza forças e, de conquista em conquista, vai ao posto de general e merece o título de Lord. Mas toda essa glória custa ao agitado e inconstante ex-excriturário sofrimentos, injustiças e traições, como sempre acontece aos verdadeiros heróis.

E' sobre essa existência acidentada, que termina com uma bala de suicídio, que o sr. Hoffmann Harnisch escreveu uma palpitante e emocionante biografia. C. F.



CUIDADO COM A PREGUIÇA INTESTINAL

A preguiça intestinal sobrecarrega o organismo com as toxinas resultantes do acúmulo de alimentos incompletamente digeridos. Dai, malestar, tonteiras, dor de cabeça, irritabilidade que perturbam o ritmo vital. Reeduque o intestino com o uso de ENTEROBIL, produto científico que regulariza o intestino, sem irritar e sem habituar.

Enterobil

UM PRODUTO ★ RAUL LEITE ★



O orador

Quem não está habituado a falar em publico e é obrigado a fazê-lo, facilmente se perturba e perde a calma e a naturalidade precisas para que a sua oração seja ouvida com prazer. É aconselhavel, em oportunidades tais, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, que agem suavemente sobre o sistema nervoso, restabelecendo-lhe a normalidade. ADALINA é um produto Bayer.

ADALINA

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



Agóra muitos usam DENTADURA POSTIÇA com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postica se desprenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentaduras posticas mais firmes e torna-as mais oômodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

92-B

Tratar a prisão de ventre com

PILULAS DE BRISTOL,

que asseguram uma suave e perfeita limpeza do estomago e intestinos, é o mesmo que renovar estes órgãos, e isto importa em um optimo funcionamento.

L&K

Vários papéis...



Papêl fino de papelôtes



Papêl teatral



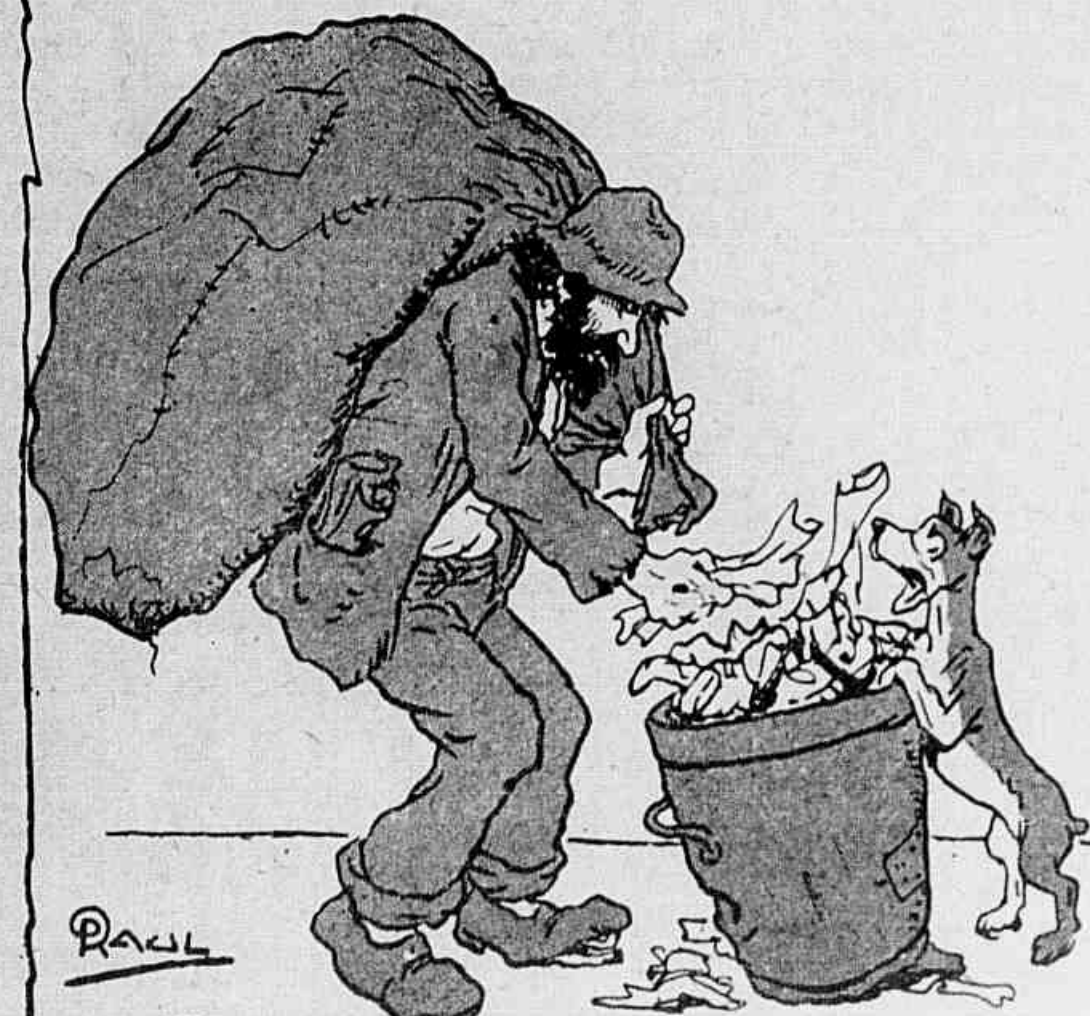
Papêl moêda



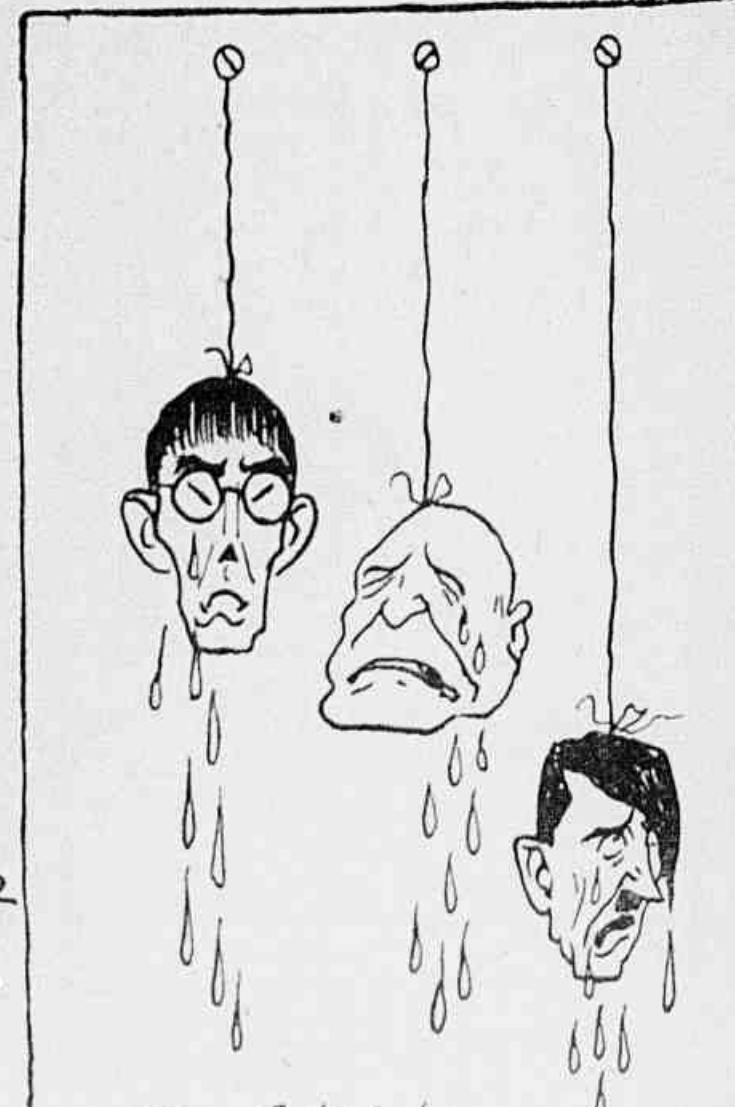
Papêlório ou papelada



Papêl de "embrulho"



Papêl velho ou sujo



Papêl triste...

A SEMANA QUE PASSOU



Ceará, a viúva de um fazendeiro guardava trinta contos em dinheiro, dentro de um baú. Isso para que os outros parentes não se apossassem da herança. Com o advento da nova moeda, ela procurou os *pacotes*, para trocar, e — que decepção! — tudo destruído pelos cupins!...

UM DIA A CASA CAI — O empenho do homem em contrariar a natureza, nas suas leis ou nas suas forças, é por demais conhecido. Essa vontade, consubstanciada na técnica, caracteriza-o mesmo, desde os tempos mais primitivos.

Hoje, a engenharia, a medicina, a química, a ciência, enfim, colocou ao seu alcance possibilidades quasi infinitas, de conquista e domínio das coisas. Mas, no que toca a certos fatos, continua tão incapaz quanto o seu ancestral das cavernas. Na domesticação dos animais ferozes, por exemplo. As vitórias nessa arte são problemáticas, de duração efêmera. Dobra-se o bicho, tudo vai muito bem, até que um dia os instintos lalam e pronto...

A atriz francesa Gina Manes, que se exibia no Circo Medrano, em Paris, no interior de uma jaula de tigres, foi subitamente atacada, ficando *knock-out*.



COMO NAS LENDAS — Os romances de aventuras, as crônicas heroicas são, de há muito, procurados pelo homem, nos seus lares. Precisamos de uma parcela do fantástico em nossa imaginação. E nenhum veículo mais próprio para ele do que essas histórias.

A proporção que a civilização avança sobre a terra, a mediocridade vai se alastrando. Os desastres, as próprias tragédias são terrivelmente prosaicas. Reponta, entretanto, de vez em quando, uma exceção.

Telegramas de Belem do Pará contam que no Município de Altamira os

índios atacaram uma colônia agrícola, depredando, matando e saqueando, de arco e flecha. Acompanhando-os, diz-se que havia uma mulher branca, raptada há tempos e agora perfeitamente integrada na vida selvagem. Será verdade?

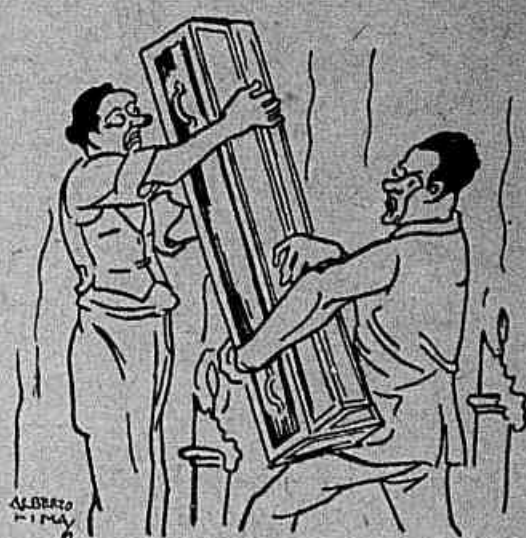
VIOLÃO, CIUME, QUEROZENE — A alma dos homens — e principalmente a das mulheres — não evoluiu no que encerra de mais profundo e de mais forte. Não obstante a marcha do progresso material, a sucessão das crises sociais e políticas de toda ordem, hoje — como há milênios na Babilônia — ainda se mata por ciume, por amor.

Por singular coincidência, o acontecimento se passou mesmo na Babilônia, isto é no morro da Babilônia, aqui no Rio. Maria do Carmo, vivendo em companhia de Sebastião da Silva, não queria que ele fosse tocar violão numa festa. Ele foi. Ela não teve dúvidas, embebeu a roupa em querozene e este, embora, racionado, chegou para conduzi-la a outras paragens.



de pistola, vingando a afronta. A polícia tomou conta do lato. Acharmos que as associações protetoras das plantas também deveriam intervir, condecorando o homem. Realmente, ele matou por uma árvore!

PAPA-DEFUNTOS — Nas proximidades dos hospitais fazem ponto certos tipos, representantes das empresas funerárias, alcunhados *papa-defuntos*. Ganhanciosos, não raro apressados nos seus golpes, eles querem a *gaita* de qualquer maneira, ainda que seja necessário *malar* o "defunto". A mortalidade é o ideal desses homens. E tanto esta afirmativa é verdadeira que Camilo Lopes e Antônio Mediano, de uma funerária, anunciaram à família de um doente que ele morrerá, tratando do enterro. A morte, entretanto, não trabalhou "de bandido" desta vez. O cadáver ainda não estava *apto* ao caixão. Resultado: os dois empresários e mais um cúmplice foram parar no Distrito.



cias, a mulher desviou-se um pouco do seu papel, da sua finalidade, subvertendo a ordem social.

A experiência não surtiu bom efeito. Não falando nas consequências gerais, reterimo-nos ao que decorreu da ação mesma da mulher nos setores de trabalho. Várias organizações foram boicotando o ingresso de mulheres no corpo de colaboradores, limitando-o ao plano dos serviços subalternos e mecânicos.

Coerentes com a doutrina cristã, achamos que a mulher não é nenhum ser inferior, de possibilidades intelectuais restritas. Entretanto sua finalidade não é *competir* com o homem, e sim *colaborar* com ele no equilíbrio social, dentro do âmbito familiar.

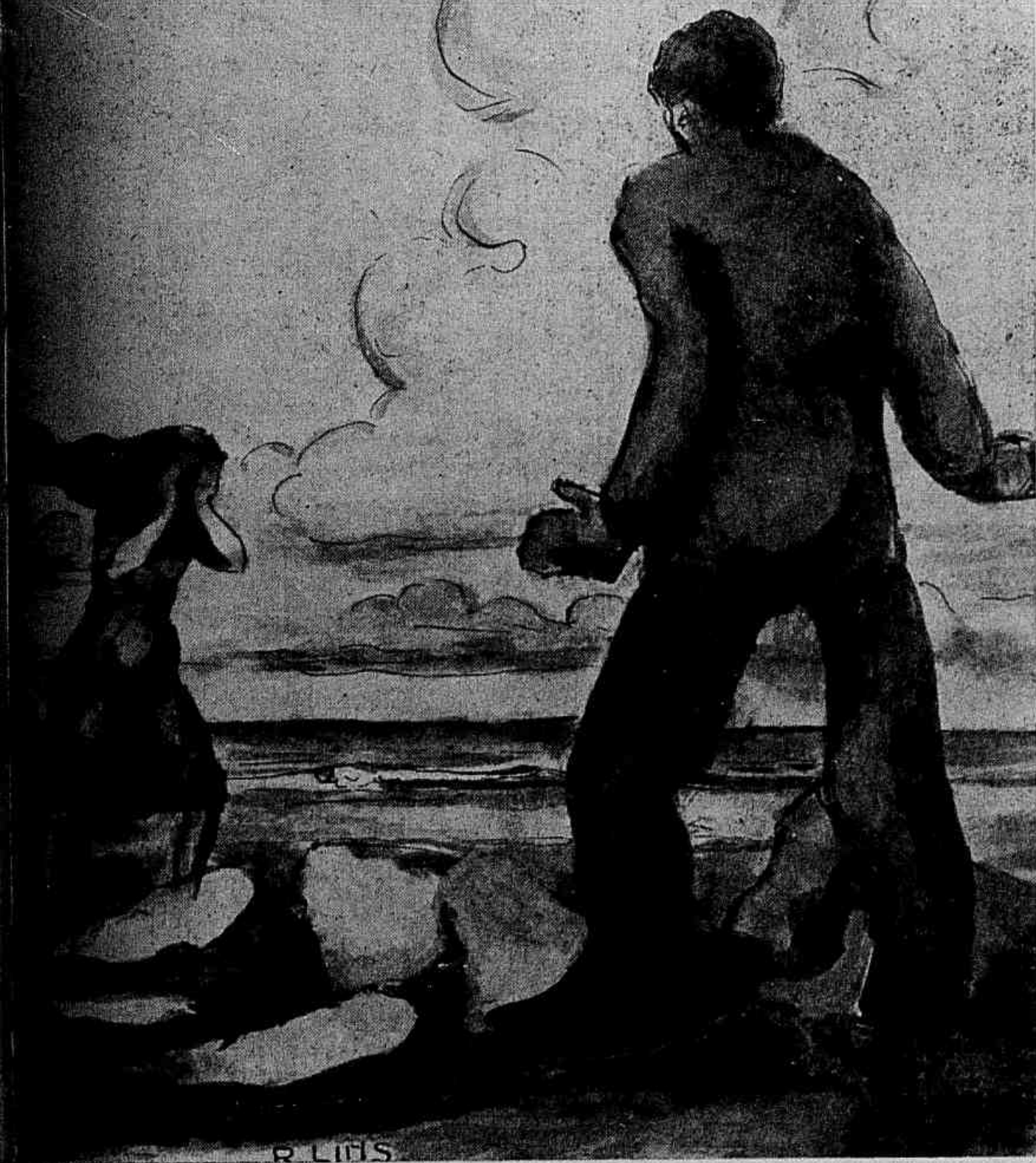
A representante do Brasil a um congresso internacional de mulheres que se está realizando alhures não pensa assim. Acaba de apresentar um projeto para que seja feita declaração solene da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Com a palavra, pois, as congressistas...

FLÁVIO

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES
DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre com as suas
remessas de dinheiro, nome, endereço
e fins a que as mesmas se destinam.

MARIQUITA

POR
XAVIER MARQUES

I

Nos tempos em que ela se chamava pelo seu nome barbaço de Mairaguiqui, em razão da orla asperíssima de rochedos que se eriçava á foz do Rio Vermelho, havia lá caboclos do legítimo tronco tupi, que ás escancaras, com o honesto cinismo do estado selvagem, praticavam todos os atos naturais da vida. Mairaguiqui era então, imagina-se, um paraíso de Lindoias que em plena liberdade, na mais decente nudez tão simples como as robustas fêras da floresta, óra se embalavam na rede entretecida de penas de tucano e papagaio, ora pulando das varas do girau, com a agilidade graciosa das onças de pêlo dourado, iam aos braços dos jangadeiros morenos, que chegavam da pesca mais sensíveis ainda ao cheiro e á formosura das filhas do sol.

De toda aquela edênica beleza, que a fantasia mais que a imaginação reproduz, está quasi tudo perdido. Resta o rio, sangrado, tinto de argila açafroada, a espreguiçar-se até á praia. Restam os parcs ferrenhos, á volta dos quais despapa a escuma a vaga intrepida do Atlântico; e o monte do Conselho, cujos flancos tímidos lembram as curvas do camuê em que os índios sepultavam o corpo embalsamado dos nobres caciques. Morreram as arvores galhudas que deram larga sombra á tribu pescadora. Caíram as selvas por onde rechinavam as flechas do monteador traçozeiro, rival do jaguaretê e da boicininga. Outra raça armou suas tendas junto da aldeia; outras gerações de jangadeiros, de sangue menos puro e costumes mais brandos, ali se reuniram, pescaram, proliferaram, construindo a casa por modelo diferente, falando diversa lingua, usando vestes mais discretas e menos coloridas que a tanga de plumas purpúreas e amarelas.

A policia colonial estendeu-se á superfície inteira das coisas e penetrou c'Amago das almas. Mairaguiqui, arrabalde da cidade, atenuou-se nesse apelido catita que faz lembrar travessuras de rapariga alegre, pelintra e fandanguera. Mairaguiqui tornou-se Mariquita.

Os novos caboclos, os que há meio século a povoavam herdaram da velha raça a jangada, a cor dos cabelos, a sombra da pele, meia dúzia de palavras tronchas e um pouco da indolência avoenga. Restarão da antiga cêpa, além dessas rugosidades da casca, algumas raízes finíssimas que por acaso tenham perfurado tantas camadas úmidas e revolvidas?

A linda baixada do monte do Conselho era já nesses dias remotos um ponto saudável, buscado por doentes e enfatiados, preferido para o convívio dos ricos vagabundos, a quem o próprio jangadeiro ia levar, ainda a estremecer de fresco, o peixe do alto, cavala, beijupirá, alvacora. As matronas flácidas, como ás mocinhas nervosas e anêmicas, usavam prescrever os médicos: banhos no Rio Vermelho. E com as pálidas meninas lá ia a família toda salgar nas ondas da Mariquita as carnes cançadas, enervadas na atmosfera da igreja e do salão.

Sentia-se apenas uma falta no arrabalde: não havia lá chalé, nem casa de soalho, nem teto de telha. Salvo a capela de Santana, onde se cantava em Fevereiro a missa dos pescadores, e as muralhas do fortim de D. Lourenço de Almada, já então em ruínas, tudo eram pobres arapucas, coifas de palha, especadas sem ordem á margem da ribeira, nas abas do monte e sobre os barrancos da praia. A boa sociedade ocupava as palhoças toscas, e com heróico despreendimento de conveniências aceitava a familiaridade com o povo do subúrbio: ia comprar o peixe ao porto, honrava com a sua presença a festa dos jangadeiros, e não tinha escrúpulos de parar á porta das cabanas para ver o samba das morenas e ouvir a viola chorona dos seus caboclos.

II

Por esse tempo apareceu na Mariquita a bela Suzana, esposa de um oficial de marinha, com ela casado em segundas nupcias. O capitão tenente reformado não fazia, físicamente, perfeito par com a mulher. Ela era muito moça, alta e distinta.

Impressionou logo a gente do arrabalde com a sua aristocrática palidez, com a clareza das roupas cobertas de rendas e com as finas tartarugas de frisos de ouro que lhe espelhavam nos frecos castanhos do penteado. Ele era pequeno, seco de corpo e maneiras, ouriçado de longos bigodes amarelados pela fumaça do cigarro, que chupava sem tréguas.

Aos veranistas do lugar figurou-se maior o desconcerto, quando viram pelo braço curto desse homem enrugado e sério, roçando a flanela azul do seu paletó também curto, moça de tão espigado porte, tanta doçura e frescor, que parecia uma visita da primavera, tão macia no olhar e até no gesto dos dedos com que ajustava sobre a nuca branca o frouxel de seda dos cabelos. Seus passos tímidos de beribérica juntavam-lhe um tique, um melindre que frisava a delicadeza da enferma e chamava simpatias para aquela doente elegante.

O casal chegou pela manhã e caminhou até o sitio do Banco de Areia, para uma casa de palha, em cuja testada já o esperava um caboclo baixo e abaçanado, que se dirigiu ao oficial, com o chapéu entre as mãos:

— Está toda varridinha e arrumada, patrão. Devia de ser coisa melhor, mas não há...

— Veio tudo direito? A rapariga está aí?

— Nhor sim, tudo em seu lugar. Agora a Sinhá Dona veja se lhe serve a pessoa... E' boa dona de casa e tempêra bem.

Chamou pela tal "pessoa", mas encontrando o olhar bondoso da senhora, baixou o dele, modulando este oferecimento:

— Tyba vai de dia em dia no mar, assim que acaba do banho. Se a Sinhá Dona gosta de peixe o melhor que eu pegar vem pra casa do patrão.

D. Suzana assentiu por um movimento da cabeça e pediu uma cadeira. Sentou-se, estendeu as pernas e descansou os olhos na marinha. A'quela hora dominava o azul, com resplandecências de ouro e alvas velas de jangadas que singravam para o largo. O caboclo, esperando ordens, aproveitava a distração da senhora e admirava-lhe, como um bruto, manhoso e timorato, a beleza, que não sabia analisar mas percebia e a furto ia devorando com olhos dextros de sussuarana.

— Agora, patrão, disse êle para o oficial, que voltava do interior da casa a sacudir fatos de banhistas, voss' senhoria manda mais alguma coisa?

— Amanhã mesmo começam os banhos. Enquanto a senhora não andar, há de levá-la com todo o cuidado até o mar. Venha com a fresca, antes do sol... Você pesca?

— Com o dia alto.

— Onde é o melhor lugar?

— Pra banho? Ali, patrão; pra lá daquela pedra tudo é areia lisa, não tem caco nem lama. A onda é que é grossa, mas eu fico perto... O caboclo tem carregado nestes braços muita sinhá dona e nunca sucedeu nem isto... Vossa senhoria querendo algum serviço mais, eu moro, meu corpo só, pra lá do rio, em baixo dos genipapeiros. Todo o mundo conhece Tyba... A's ordens, patrão.

Suzana havia-se levantado. Apoiada á bengala, deu volta á palhoça, tomou conhecimento do sitio, das arvores, das colinas que fecham os anfractos da costa, e demorou a vista, encantada, sobre as capêlas alvissimas que a maré, murmurando, tecia ac redor das pontas dos rochedos quasi cegos. Depois da refeição voltou á cadeira de vime, ao lado do marido, no terreiro da casa.

Com o subir do sol, vinha a calma carregada de marezia. As árvores transpiravam cheiros de jaboticaba e genipapo maduro. Os passarinhos voejavam, piando, nas murtas bravas, á beira do rio. A água salgada ficava ressonando nas pedras negras da praia. A solidão, o sossego, a tepidez do ar fizeram sono á esposa do capitão-tenente.

De subito o mar desperta com barulho, os genipapeiros agitam-se, as folhas mortas redemoïnham, as palmas dos coqueiros gemem, balançando-se. Suzana abriu os olhos e viu á pouca distância, cumprimentando-a, uma família de veranistas em completa mangalaça; o homem sem colarinho, de sócos e vasto chapéu de palha; a mulher de bata de chita e guarda-sol de ramagens; crianças e galgar como periquitos. Do lado da Paciência veio outro casal. A senhora morena, também com a bengalinha de beribérica, mas gorda, com sangue nos lábios e flôres no penteado. Saudaram-se e reconheceram-se, trocando os nomes — Suzana! — Cota!... O casal aceitou cadeiras e travou conversação.

Pouco depois saíram da cabana mais vizinha dois amadores de canoagem e pesca, ambos moços e brancos, frescamente vestidos de brim pardo. O surpreendido foi agora o oficial reformado. Os seus vizinhos eram o joalheiro que lhe fornecia os brilhantes de Suzana, e Sidrônio, médico sem clínica, novato e madraço, filho pródigo de um sirigueiro português. Chegaram mais estes para a palestra, que versava sobre as curas milagrosas de béri-béri, sobre as virtudes nativas da Mariquita, dos seus ares, dos seus peixes, das suas ondas rijas e escumosas.

Sidrônio, apesar de médico, desfez na farmácia, atacou o abuso da drogaria, proclamando a medicina da água, do sol e do ar livre. Teve o apóio de todos, exceto D. Suzana, que o consultou com uma inflexão irônica:

— Então, doutor, acha que devo deitar fóra os meus tónicos?

— Sem dúvida; sou insuspeito...

Estas palavras desenrugaram a face do sizudo capitão-tenente, mas deram motivo a uma pequena discussão, a que êle pôs termo, perguntando:

— Como se mata aqui o tempo?

— Passeia-se a cavalo, até Itapuan, pesca-se, caça-se a juriti nos matos da Lucaia... disse o joalheiro.

— E joga-se o gamão, aditou Sidrônio.

— Jogaremos.

De manhã, continuou Sidrônio, á hora do banho, há natação e corrida de jangadas. Instituição minha; as senhoras ma devem! Há algumas intrépidas que sobem ao banco da jangada e disputam a valêr. O trabalho é dos jangadeiros, mas nós ficamos com a glória e êles se contentam com as gergetas que acrescentamos ao preço da cavala. A senhora, concluiu, olhando com audácia D. Suzana, ganhará muito breve um páreo... Bem entendido, se não usar os tónicos da botica, se tomar só os banhos e fizer exercícios a pé...

— Agradecida, respondeu ela beijando a Cota, que se despidia para prosseguir o passeio higiênico.

Na mesma tarde o copo dos dados e a tábula do gamão cantavam no terreiro da casa de D. Suzana.

A palestra recomêçara com outros hospedes do arrabalde, preclengando-se até a hora em que as estrelas ardiam tênulas e caudalosas no mar.

A essa mesma hora, nas sombras dos genipapeiros, á margem esquerda do rio, harpejava uma viola, a viola de Tyba; e a voz do jangadeiro espalhava-se:

"Eu não sou filho daqui,
"Nem aqui tenho parente;
"Sou filho das águas claras,
"Nêto do rio corrente.

"O-lê-lê, a pomba avôou,
"Avôcu, caiu n'areia...

III

Antes de nascer o sol, com o mar a desgrenhar-se espumante nos parcéis, sob uma brisa esperta que arripiava as belas banhistas, Tyba apresentou-se, muito pontual e diligente, no Banco de Areia, de calças e mangas de camisa aparadas. Estendeu os braços musculosos e submissamente convidou a esposa do oficial:

— Sinhá dona, assente.

D. Suzana, apenas dobrou os joelhos sobre os braços do cabloco, foi arrebatada como a presa de uma fêra. O cabloco partira a correr, dando saltos felinos, deslizando pela areia, até o mar. Onde a água lhe subia às coxas, aí deixou a dona, recuando para cima do penedo próximo, sempre "às ordens" e alerta. O marido de Suzana via tudo do alto do barranco, sentado em uma pedra, com o boné de brim à testa e a puxar fumaça do primeiro cigarro.

Por fora dos recifes, em todos os leitos arenosos, banhavam-se as ninfas da Mariquita. Bustos forrados de azul balançavam-se em delicoso abandono. Braços e mãos nevadas alisavam a água fremente, como palminhas de cisnes cujos côlos alvos floresciam na vaga. De vez em quando sumia-se no mergulho uma cabeça afceta, e reaparecia logo com as melenas de sereia a jorrar cristais. Rapazes, bravos nadadores, andavam sobre os páus das jangadas a fazer-se duros e grosseiros como os caboclos. Suzana e mais enfermas olhavam com inveja as estroinices das jovens sadias o heroísmo com que algumas, bracejando e flutuando, assaltavam as jangadas para os giros marítimos e partiam, com gritos de gaivetas, tocadas dos primeiros ráios do sol, animadas pelo sorrir bonachão dos jangadeiros.

Acabado o banho, encolheu-se outra vês a beribérica nos braços de Tyba, e voltou, à vista das peraltas que já a admiravam e nos seus entusiasmos entravam a compará-la romanticamente ao nelumbo dos lagos orientais, a uma garça real, à yara das lendas indígenas.

Todos os dias, durante um mês, esta cena se reproduziu. O cabloco, excessivamente serviçal, estava sempre a postos e às ordens, esperando a incumbência, o mandado da formosa Sinhá Dona e do generoso patrão. Trazia-lhes o melhor peixe, e explicava qual era o de fundo, o de doente, o que fazia mais bem a D. Suzana, porque não era "carregado". Oferecia-lhes côco verde, cestos de genipapo e manga, e ia a certa fonte, longe do banco de Areia, buscar a água mais límpida e potável para a talha da patrão. Era o cão fiel da casa.

Sem que lh'e pedissem, varria o terreiro, onde costumavam arejar, com as suas vistas, os moradores da palhoça. Na cozinha, onde comia dos bons pratos, fazia recomendações à criada, e como esta achasse também grande beleza em D. Suzana, formaram os dois uma aliança de boa vontade para lhe servir, sem proporção com a paga.

Logo que a esposa melhorou, o oficial, tentado por Sidrônio, com quem jogava diariamente longas partidas de gamão, efetuou um convalesce no outeiro da Paciência, entre velhas árvores da jaboticaba abacateiros e maracujás. Como fosse domingo e os jangadeiros não pescassem, Tyba comprometeu-se com o oficial:

— Voss'enhoria tem peixe; não falta tinguí no mato, eu faço uma tinguijada.

Fez, e houve peixe em barda.

Para o outeiro carregou ele o trem preciso e mais a sua viola, com que divertiu a fina sociedade, cantando:

"O-lê-lê, a pomba avôou,
"Avôou, caiu n'areia.

As crianças riam, corriam e tomavam fardelas de fruta. Os namorados beijavam-se atrás das moitas. A palestra, arejada de bom humor, prosseguia à sombra, entre o capitão-tenente, o joalheiro, o marido de Cota e algumas damas de idade.

Foi nesse dia de prazer, enquanto exercitava as pernas ainda um tanto freixas, que Suzana veio a conhecer alguns misteriosos incidentes, devaneios, casos de amor, abafados pelo murmúrio das ondas da Mariquita, que os testemunharam e talvez provocaram. Cota, maliciosa e risinha, lh'os desvendava um por um. O último desses casos, um deslize conjugal, esturdia elegante da consorte, sucedera com um estudante cujos pais ali se acharam a banhos, meses já decorridos.

— Um estudante!...

— Um menino, quasil...

— Que escandale!

— Não houve escandalo... Sempre o marido teve juízo e... perdôou. Mas mudou-se da noite para o dia, antes que...

— Antes que?...

Cota silenciou. Suzana, com calor nas faces, viu então à sua frente Sidrônio, que trazia nas pontas dos dedos uma flôr roxa e viçosa de maracujá.

— A flôr da paixão, D. Suzana... disse ele, entregando-lha.

Acompanhou-as d'ali em diante, falando, gesticulando, a encarecer o clima da Mariquita, a canoagem, os banhos, tão úteis e divertidos, gabando a côr da beribérica, e a impôr-lhe os seus gestos e palavras, ora lisongeiras, ora graves e marteladoras.

— A salubridade desta praia está mais que provada. Veja o seu estado, D. Suzana! Ande aí, ande... sózinha.

Ela soltou o braço da amiga e andou, sem falsear os passos.

— Tem tomado drogas?

— Não, respondeu, sorrindo.

— Vê? Aceitou o meu conselho e fez bem. Mais exercícios, banhos, alimentos, ar livre e sol... Oh! este sol, D. Suzana... Às vezes dá-me vontade de dirigir-lhe orações: — Pai da luz, pai da vida, derramai eternamente sobre a pobre humanidade os vossos misericordiosos raios!... E ao mar também, D. Suzana, a este mar...

— Têm idéias, o senhor!... interrompeu ela, rindo-se francamente.

Passaram conversando pelo jangadeiro, a quem já haviam abandonado meio ébrio, com a viola muda, às raízes de uma árvore. Reunidos todos, o oficial mandou chamar o cabloco e ordenou-lhe que cantasse por despedida, à viola.

— Na intenção de voss'enhoria, disse, êle, lá vai.

"Tenho em casa uma merina
"Que eu mesmo é que estou criando,
"Outro dia me disseram
"Que ela está se namorando

"Olê-lê, a pomba a vôou...

Riram-se e pediram mais. Ele cantou:

"Cravo branco, cravo rôxo,
"Cravo de toda nação...
"Quando o cravo perde a côr,
"Quanto mais quem tem paixão.

"O-ê-lê, a pomba avôou...
"Avôou, caiu n'areia.

Mais tarde, ao descerem do outeiro, D. Suzana ostentava no seu rico cabelo castanho, coberto do pó de ouro do sol da Mariquita, a flôr do maracujá.

— Porque na cabeça e não no peito?... perguntava Sidrônio a si mesmo.

E o zeloso Tyba, sem saber bem porque, ou só porque era o cão de Sinhá Dona, resnava desconfiado. E chegou que foi ao Banco de Areia, aos fundos da casa do oficial, enquanto Sidrônio palrava no terreiro, d'izia êle à sua aliada em serviço, com receio de abrir-se, mas ardendo por contar e colher:

— E esse doutô... Inhá?

A criada não o compreendeu.

No outro dia, ao transportar Suzana para o banho, apertou-a tanto nos braços que lhe arrancou um grito.

— Foi susto, Sinhá Dona? Não é nada; se o cabloco não é seguro, caia desta feita.

E trazendo-a de volta, ainda observou, com certa ousadia inconsciente e perdoável:

— Sinhá Dona está pensando mais... Ehl ehl!

Passou alegre o resto do dia, a pitar os cigarros que o capitão-tenente costumava dar-lhe, postado a respeitosos distâncias, vendo o patrão e Sidrônio sustentarem a batalha dos dados e taboas. Quando o doutor, coçando a cabeça, contrariado, gritava: "Nem uma vês... isto é demais!" o cabloco, percebendo-lhe a derrota, sorria. Se a beribérica chegava ao pé dos jogadores, espiava-a sonsamente e prestava atenção a Sidrônio.

Foi aquela a última vês que êle transportou nos braços D. Suzana. Desde então sua tarefa, sua obrigação, era recebe-la na jangada para uma volta, à vela, até ao pedregal do monte do Conselho, diversão que ela fazia, ora sózinha, ora acompanhada pela amiga Cota.

Ambas vendiam agora saúde. Suzana ganhava cada vês mais admiradores. A humilde casa de palha fôra guindada por êles à altura fantástica de um palácio de fada.

As moças solteiras galanteavam-na e faziam ciúmes disputando o prazer de conversá-la e dizer-lhe confidências. Emparelhavam com ela nos lentos passeios sentimentais pela beira do rio, na várzea sombreada de goiabeiras e genipapeiros, ao pôr do sol. Para as caminhadas ao pino do dia tampouco lhe faltavam companheiras anejas, estas que traziam namorados à sirga, aquelas hombro com hombro e mãos juntas com os noivos que vinham da cidade e preferiam arrulhar fóra das cabanas, debaixo das árvores onde as rôlas faziam ninhos.

A porta de casa ficava sempre o oficial, agarrado ao taboleiro do gamão. Sidrônio, desesperado da vitória, corrido pelas continuas derrotas que lhe infligia o invencível adversário, abandonava às vezes o terreno, deixava em seu lugar o joalheiro, e lá ia também no grupo dos apaixonados a vaguear do Banco de Areia a Santana, de Santana ao Banco de Areia, o olhar cativo da nobre cabeça que se dignara aceitar a flôr da sua paixão.

IV

O arrabalde estava em festa; a baixa da Mariquita, as margens do rio e as praias embandeiradas.

Uma claridade intensa vestia os hombros verdes do monte do Conselho e inflamava a rocha negra dos recifes.

Corria pelo mar largo e resplandescente um sopro harmonioso: a jangada dos músicos guiava em direção ao porto de Sant'Anna as velas embandeiradas e limpas do cortejo marítimo.

Os jangadeiros ufanavam-se com a idéia de que eram os heróis do dia. Qual dêles iria receber o ramo de flôres da mão da gentil banhistas? E qual seria esta, de entre tantas formosuras? Sabe-lô-iam mais tarde.

Já era altíssima honra aquela avidês com que as lindas moças, as donas e os patrões, se apressavam para a capêla, para os barrancos e as muralhas do fortim, esperando a chegada ao porto das toscas embarcações. Tudo aquilo por amor de uns "pobres caboclos".

Nesse dia sofreu Tyba uma grande inveja e uma decepção maior. Andava a pensar na entrega do ramo, não porque ambicionasse ser juiz da festa. "Com que dinheiro?" Mas sempre seria uma grandeza, e para toda a vida, receber esse ramo das mãos que o entregaram... as mãos da sua patrão! Bebeu afinal seu copo e saiu consolado a tocar viola, de casa em casa, desafiando os quadris das morenas sambistas.

Ao escurecer, quando as lanternas se acendiam na Mariquita e ao longo do caminho, até à capêla; quando os grupos garrulos de senhoras e senhores, aumentados pelo contingente da cidade, transitavam abaixo e acima, com surpresas de encontros, conversas e risos, Tyba, afastando-se da porta do oficial, foi seguindo de longe aquele seu duente a quem costumava chamar, com irreprimível e crescente ogerisa, "o tal doutô".

Antes de chegar à capêla, foi Sidrônio envolvido por uma chusma de senhoras que o retiveram. Entre elas vinha D. Suzana, que não tinha mais a fragilidade e a palidez de beribérica. A flôr de nenúfar que os galanteadores viram, manhãs seguidas, flutuar naquele lago de ondas amargas e ferventes, convertera-se em uma rosa magnífica, cheia de viço, colorida pelos sóes da estação. Os banhos, a marcha, os passeios marítimos dobravam-lhe a vida e, sem prejuízo das maneiras, sempre avêludadas, do seu gesto leve e espiritual, acrescentavam-lhe certo vigor e decisão à alma, uma fibra de valentia que a igualava às mais brisas marinheiras da canoagem. Tomára gosto às aventuras, excedendo a Cota e a muitas jovens solteiras, que recuavam da praia nas manhãs de vento rijo e marêtas. Andejara sózinha, e armada apenas com o transparente guarda-sol de sarja, subia ao monte do Conselho, afogada nas chamas do espaço, para gosar a solidão infinita e luminosa do Atlântico.

Do ponto onde se encontraram com Sidrônio retrocederam as senhoras para Sant'Anna. Começava a tocata. Eram horas do cferimento. As harmonias estridentes da filarmônica toda a gente acelerava os passos, em idas e vindas.

As damas falavam mais alto, os gestos nervosos, as cabeças atordoadas de prazer. A luz das lanternas, penduradas ao beiral das palhoças, passavam elas como farandulas de bailarinas.

(Continúa na página 50.)

XAVIER MARQUES

Com o desaparecimento de Xavier Marques, perde o Brasil uma ilustre figura literária duma feição que não se renovará mais. O autor de JANA E JOEL, pelo ritmo sereno da sua arte, pelo molde clássico em que vasava a forma dos seus livros pertence a um período das letras brasileiras que se fechou, como um ciclo inalterável, com a geração dos amantes da boa e correta prosa de que tanto se arreceia grande parte dos nossos escritores atuais.

Não quer isso dizer que o grande romancista baiano falecido em sua terra natal ha poucos dias fosse um medalhão, um desses prosadores empalhados que são de todos os tempos — escrevam em que lingua escreverem e pensem do modo que pretenderem pensar.

Xavier Marques era um classico apenas por isso, porque não se aventurava a tropelias verbais dum estilo que não era o seu, enbarafustando com roupagens de emprestimo por um setor alheio a suas tendências e a suas predileções. O que ele escrevia tinha o sabor das coisas muita vez perfeitas, ditas como ele pretendia dizê-las, o que não significa absolutamente que lhe faltassem os demais atrativos de uma prosa viva — emoção, malícia, plasticidade, vigor descritivo e penetração psicológica.

A obra literária que nos deixou é bem vasta e abrange desde o romance historico ao ensaio estético e aos versos. O que ele foi principalmente foi o ficcionista comovido das coisas da sua terra. MARIA ROSA, A CIDADE ENCANTADA, BOTO & CIA, O SARGENTO PEDRO, AS VOLTAS DA ESTRADA, A BOA MADRASTA, TERRAS MORTAS, O FEITICEIRO constituem uma serie de largos painéis da Bahia do século passado, a Bahia contemporânea das lutas da Independência, da abolição e da republica, dos senhores feudais, das sinbazines e das iaiás amáveis, dos ritos pagãos e dos rincões agrestes, com as suas criaturas talladas à feição da terra — de que é exemplo admirável entre outros essa pequena novela antologica dos amores de JANA E JOEL.

Inaugurando, portanto, esta serie de bons contos brasileiros, nada mais justo do que a homenagem da REVISTA DA SEMANA estampando em suas páginas este bellissimo conto regional — gênero em que foi mestre o ocupante da cadeira 28 da Academia Brasileira de Letras, a que pertencia desde 1920.



Escragnolle Doria

Fados e cinzas de Camões

Na poesia a epopéa é voz do heroísmo. Sublima ações extraordinárias, personagens lendárias ou reais. A *Iliada* espelha a Helade primitiva, na *Odisséia* Ulisses vai de onde a onde sobre mares até Itaca, na *Eneida* o profugo Enéas escapa à ruína de Troia para outra do coração de Dido. Na poesia greco-romana vale-se a epopéa do verso heroico, hexamétrico de pés entre dádilos longi-curtos e breves espondeus, decassilábico o verso heroico na poesia portuguesa.

Na *Divina Comédia* imortalisa-se o cristianismo em decora de idioma enquanto no inglês gatural e aspero Milten patenteia a queda do homem.

Voltaire, na *Henriade*, de má inspiração e boa rima, mostra Henrique IV, o príncipe huguenote rei católico ao acenar de corôa.

A vida de Ulisses, o vulpino, deu tema a Sousa de Macedo e a Pereira de Castro para o *Ulissipo* e a *Ulissirá*, Sá de Menezes exaltando Albuquerque na *Malaca Conquistada*.

Na Alemanha, quando pensadora, Klopstock abrindo o Novo Testamento pedia-lhe para epopeiasal-a a figura do Homem-Deus, apostolar exemplificador na Paixão, exemplificador ainda na luminosa Ressurreição.

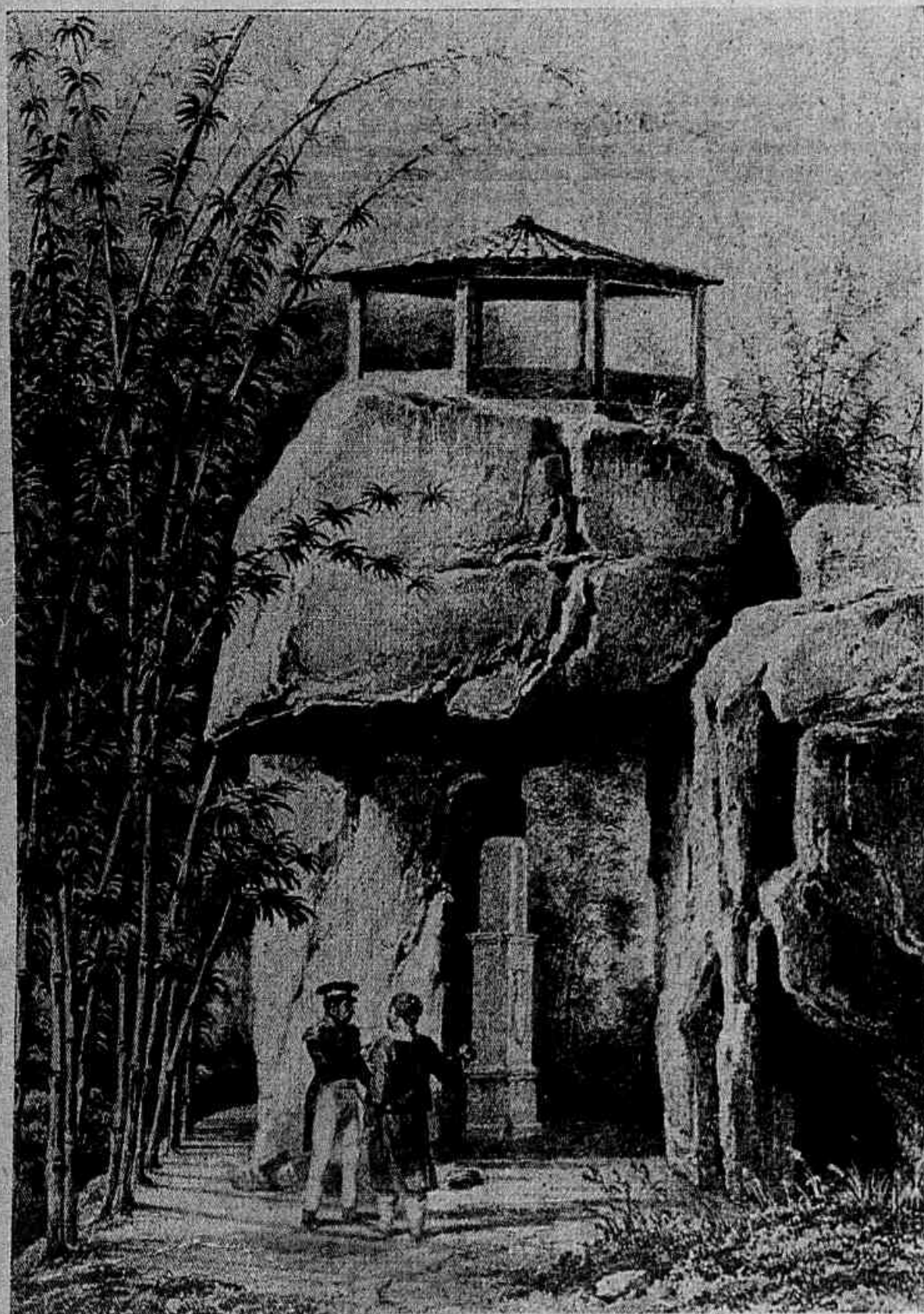
As epopéas são copiosas em cantos. Vinte e quatro Homero deu á *Iliada*, doze atribuiu Virgílio á *Eneida*, doze também os cantos do *Paraíso Perdido*. Subiram os cantos a vinte na *Messíada*, baixados a dez na *Henriade*. Outro dez estão no *Caramurá* do nosso Santa Rita Durão, enquanto lírico e épico apenas com cinco contos Basílio da Gama dotou o *Uruguai*.

Taxam a língua portuguesa de "tumulo do pensamento", por pouco laiada e escrita. Não o é tanto quanto se pretende. Basta-lhe, porém, possuir os *Lusiadas*, o primeiro poema épico, de tanta luz na idéa e na forma que vão a sombra os seus explicáveis defeitos humanos.

Na própria obra inteira de Camões, os *Lusiadas* primam a ponto de escurecer o demais do estro do poeta manejador de espada e pena, como ele mesmo declarou. Pôs a espada a serviço da pátria, á humanidade entregou a pena, aquela legataria das obras das grandes espírites.

Disseram Camões falto dos bens da Fortuna quanto rico das prendas da Natureza. Era pelo sangue paterno ilustre, nobilíssimo pelo materno, sangue de Simão Vaz de Camões e Ana de Macedo, dos Macedos de Santarem. O filho de tais conjuges era de índole altiva, de animo independente, qualidades que o mundo, dizendo respeitá-las, desaprova e combate, dando-se muito melhor com os acomodados aos quais é indiferente a direita ou a esquerda comtanto que se sintam bem tirando partido de situações diversas.

Camões conheceu a corte, nela vítima de intrigas e embelêcos. Passou-se á África adusta, á Índia abscondita, misteriosa nas suas religiões e suas raças. Em Macão padeceu desterro por delito pique de sátira a vice-rei de Goa. Provado já por malquerenças cortezas, Camões ficou sabendo que na vida dos poderosos, enquanto o são, não se toca. Nas suas portas não se bate, arranha-se, disse Furetière, expulso da Academia Francesa por ter publicado um dicionário antes do dicionário da casa.



Em Macão. A gruta de Camões com um monumento ao poeta. Estampa do raro *Diário de Bougainville* em exemplar pertencente ao dr. Pires de Almeida.

Cinco anos desterrado em Macão, aí Camões principiou os *Lusiadas*. Partio uma vés livre para Goa; naufragando em viagem e perdcado das ondas não encontrou ainda bôa acolhida goense. Ido a Moçambique, sempre sem ventura, se foi a Portugal deixando em África e na Índia desesseis anos de vida mais aventureira que ditosa.

Chegado a Lisboa encontrou a peste enlutando o reino. Para o expatriado a ausencia tornou-se semi-morte. Lembrava-se ele, pelos outros esquecido. Raraavam os amigos. Uns levaram-o a sepultura, outros dispersaram-o o destino, ainda outros já de novas amizades, e pois de costas ás antigas.

A Camões restavam os *Lusiadas*. Recordar-se-ia do sitio onde iniciára o poema, em Macão, numa gruta cavada em rocha, em arcada de paredes quasi a prumo, em 1907 a lapa incluída em jardim particular se objeto de visitas de torasteiros. Por idéa de um inglês, acreceu a gruta um mirante só para melhor vista da enseada de Macão ao subdito da Grã-Bretanha.

Na gruta, sem mirante, compuséra Camões muitas das oitavas do seu enciclopédico poema dedicado a D. Sebastião, o visicnario da gloria. Soube o rei corresponder ao ofertante, assegurou-lhe pensão anual sempre pontualmente paga, havendo documento para atestá-lo.

Ao dar á estampa o seu grande poema de certo não vislumbrou Camões a eternidade do seu nome de autor. Teve a alegria de apresental-o á mãe viúva. Morrerá-lhe o pae em Goa onde o filho iria ter e rader. Capitão-mór de não á Índia, Simão Vaz quasi sossobrara á vista de Goa. Agarrado a uma taboa, verdadeiramente de salvação, conseguiu alcançar praia. Naufragaria Camões na tóz do Mecon, na sorte e salvamento igualados pae e filho.

A publicação dos *Lusiadas* acorreu a inveja sempre pronta a criticar e doestar. Entretanto os censores seriam incapazes de escrever em belesa uma das muitas oitavas do poema, mais de mil no muito mais de oito mil endecassilabes. Tem o merito a consciencia da valia propria, nem por isso a injustiça lhe dóe menos. Sentil-a-ia Camões, habituado embora a dores morais e penas de coração, ás maiores causadas pela fidalga Caterina de Athayde, Natercia para o poeta e para os vindouros.

Camões vira-a pela primeira vés na igrejainha das Chagas e logo num officio do dia da Paixão. Principiou-lhe desventuras o enlevo pela airosa tilha de d. Antonio de Lima, neta dos viscondes de Vila Nova da Cerveira. Tal amor sobrepujaria todos os outros amores de Camões, corredios ou não. Ao regressar Camões a Lisboa, Natercia era morta.

Dão sequito aos *Lusiadas* ensaios de Camões em vario genero, odes em tom solene, eglogas pastoris, magoadas elegias, até autos teatrais, de maior éco o auto *El Rei Seleuco* por vêr nele a erudição, algo bisbilhoteira, alusão a amores do futuro D. João III por sua madrastra D. Isabel.

Nos *Lusiadas* o genio de Camões toma vôo para a immortalidade, cantando o velho Portugal da cavalaria do oceano, da chamma das conquistas, do andar pelo mundo para proveito alheio.

Muito mais que a terra foi o mar a ambição daquele velho Portugal, sem temor de perigos ou procelas ao levantarem ondas ao céc, assim no cabo das Tormentas á guarda gigantea de Adamastor. "Bicho da terra vil e tão pequeno", disse de si o proprio Camões ao imprecá-lo "c seu fado sempre léro", ousados os bichos da terra de outr'ora a bem da civilização.

Mudanças subitas de destinos estão nos *Lusiadas* lembradas a traço fundo ou leve, o traço leve para o mar sereno de rodeio á Ilha dos Amores, o traço fundo para as horas "De tempestade escura e triste pranto." Nos *Lusiadas* muito ha que procurar, muito que achar.

A despeito da graça régia de D. Sebastião, Camões no fim da vida conheceu pobreza. Adianta Alexandre Lobo, bispo de Vizeu, que o poeta "a deixa entervêr em uma de suas cartas". E' afirmação de biógrafo-modelar de Camões.

A fantasia, praga da Historia, dramatisou, e isso desde 1702, os derradeiros dias de Camões, a viver de esmolas angariadas por fiel servidor participe condoido da miséria do amo. E por aí alem foi a fantasia despejada na inexatidão.

Empenhou-se o grande investigador Pereira de Lacerda, visconde de Juromenha, em clarear a existencia de Camões. Valendo-se de Faria e Souza e de frei Francisco de Santo Agostinho, Juromenha chegou a situar a casa humilde de tétó aos ultimos dias de Camões. Era na calçada, isto é na rua íngreme de Sant'Anna; lembrado que a nossa Bahia tem a sua calçada do Bomlim. A habitação do poeta unia-se ao convento das freiras franciscanas de invocação da mãe da Virgem. Morto Camões, ficou a casa deshabitada, ruio, de escombros por tempos e mais tempos.

"O fado sempre léro" perseguiria Camões mesmo defunto, não lhe bastando ter no vivo cevado crueldades. Estudando e satirisando, Camillo ocupou-se com o fim de Camões, narrando em estilo dele só, e valorizado por documentação.

"Camões morreu tão obscuramente que nem o parochio, nem os amigos, nem os visinhos sabiam dizer o anno em que o seu esquite o levou da calçada de Sant'Anna para a igreja." A observação de Camillo ajuntemos esta nossa: Também levado por um enterro de 3.ª classe a cemiterio vienense, em dia de furacão e tromba de neve, Mozart foi atirado na vala comum, e de seus restos nunca mais se haveria noticia.

Informe agora Garrett: "Camões foi enterrado em sepultura humilde e rasa ao lado esquerdo da porta principal do convento de Sant'Anna que então servia de parochia. Dezesesseis annos depois (Camillo diz quatorze) d. Gonçalo Coutinho procurou a sepultura e achou-a com não pequenas difficuldades por não haver indício, diz o Snr. bispo de Vizeu, Lobo, que o fizesse advertir. D. Gonçalo mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da igreja, e assentou sobre ela lapide em que fez gravar aquelle tam conhecido epitaphio de simplicidade eloquentissima:

Aqui jaz Luiz de Camões
Príncipe
Dos poetas do seu tempo
Viveu pobre e miseravelmente
E assim morreu
MDLXXX

O terremoto de Lisboa em 1755 foi de ruína á igreja de Santa Anna, sem prejudicar muito entretanto o sepulcro de Camões. Quebrou-lhe só a louça, no testemunho do padre José Agostinho de Macedo nada respeitador do épico.

As freiras reconstruíram a parte danificada do templo. Dispondo só de côro superior estabeleceram outro interior. A campa de Camões ficou em logar onde a grade do côro de baixo dividia a igreja quasi ao meio: disse-o Garrett para que Camillo dissesse que "em 1729 quando as freiras construíram o côro de baixo, a sepultura de Camões ficou incluída na grade que separou o recinto do resto do templo.

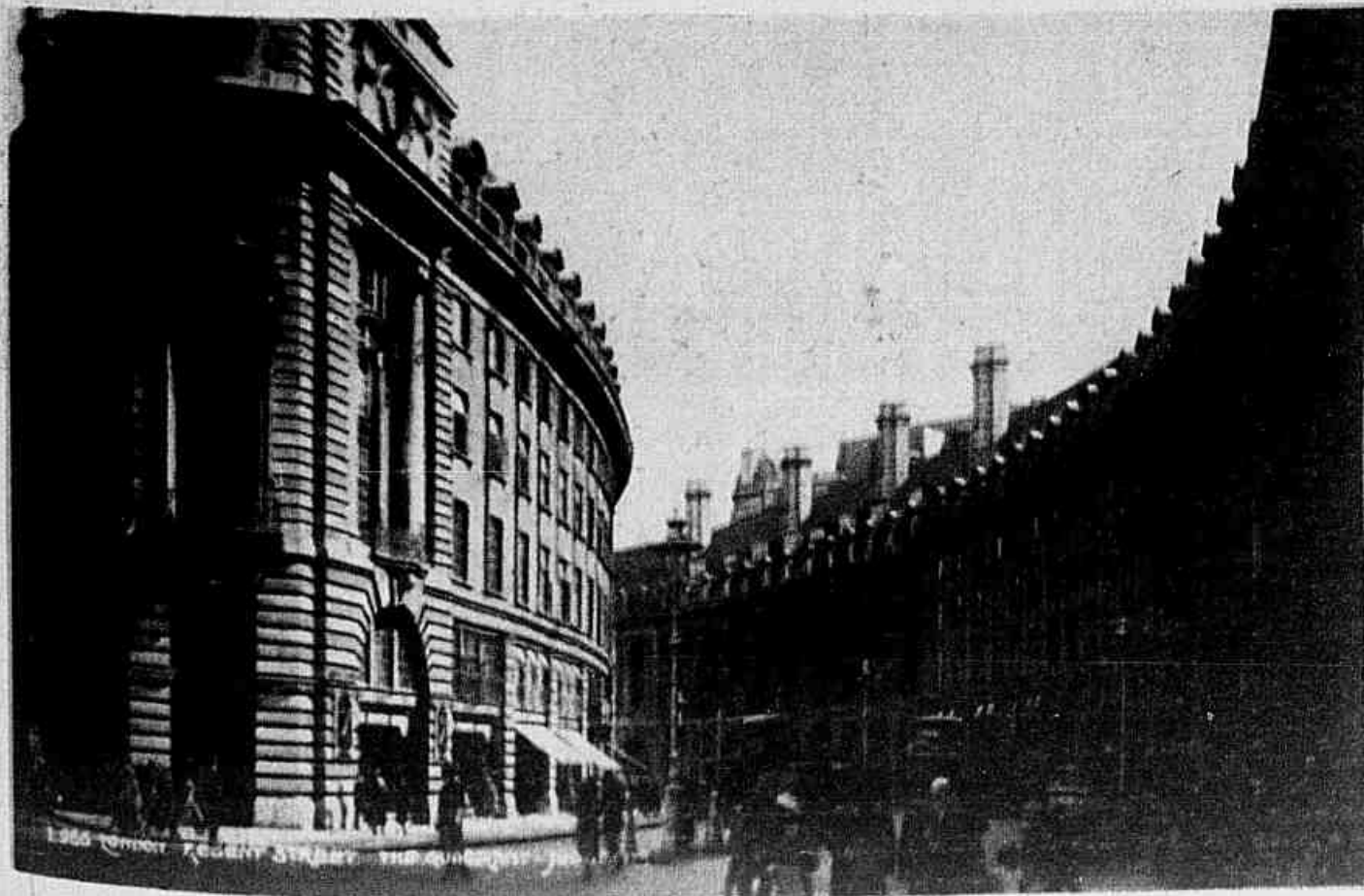
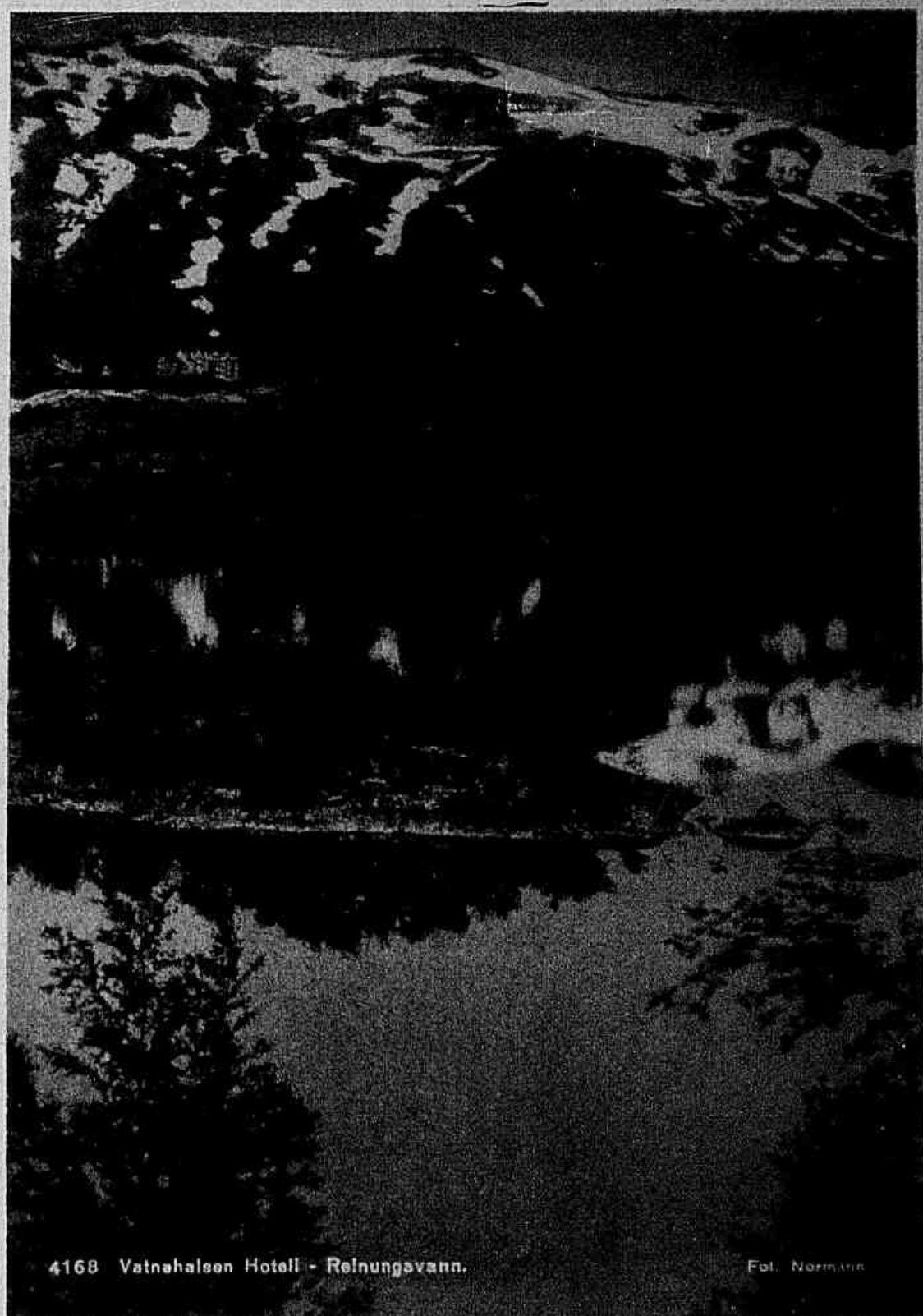
A igreja de Santa Anna tinha doadores ou padroeiros. Eram sapateiros. Embargaram as obras do convento. Bureis e tirapés apresentaram-se ás justças d'El Rei, que á vista da compra do padroado de d. Gonçalo pelas freiras a estas deram razão mandando os sapateiros á sovela e ao cabedal.

No seculo XVIII, refere Camillo, a Academia dos Singulares, em sessão a 23 de Dezembro de 1663, era informada pelo academico dr. Almeida Soares, de oferecer o Senado de Veneza ao de Lisboa, 24.000 crusados pelos ossos de Camões. Recusada a proposta, o dr. Almeida Soares declarou "divinos" os vereadores lisboetas.

Camillo, abordado ao testemunho de Pedro de Mariz, noticia que um rico allemão escreveu ao seu correspondente de Lisboa para que indagasse se Luiz de Camões tinha sepultura sumptuosa e no caso contrario tratasse da cedencia dos ossos para se lhe erigir na Alemanha um soberbo tumulo. O Senado de Lisboa opoz-se á proposta, novamente "divinos" os vereadores.

Camões, falecido a 10 de Junho de 1580, segundo documento produzido pelo visconde de Juromenha, ficou em Portugal avaliado á justa pelos "divinos". Constatassem eles em nova expatriação do poeta, desta vés funebre, e talvez algum sapateiro, superstite á embirração dos colegas com as freiras de Santa Anna, se regosijasse no secreto d'alma e nos reflexos de coração rancoroso.

TAPETE Mágico



VIAJAR é um prazer que a guerra suspendeu brutalmente, ninguém sabe até quando. Viaja-se hoje — por necessidade imperiosa — e nada mais.

Aquela sedutora vagabundagem das viagens de turismo, especialmente pelo Velho Mundo, caíram no domínio das recordações e dos desejos de realização protelada *sine die*.

Nesta hora de amarguradas cogitações, quando todos os pensamentos se voltam para o anseio duma vitória próxima, capaz de libertar o mundo dos horrores a que o tem sujeitado a ambição dos tiranos totalitários, é sempre agradável trazer ao nosso espírito a lembrança viva do que ficou tão longe do nosso alcance atual, para a doce conservação daquele teimoso desejo de fuga que quasi todos nós trazemos conosco e forma o substrato de tantos projetos para algum dia melhor.

Daí a ideia de juntar nesta página alguns aspectos do mundo bonito que Nosso Senhor e os homens armaram para a alegria dos nossos olhos e o deslumbramento da nossa alma.

Vamos, pois, viajar com os olhos.

Aqui temos reunidos três retalhos da Europa: um fjord da Noruega, com os seus gelos eternos e a água parada desses pequenos mares interiores que fazem do pequenino e valente país do rei Haakon uma prodigiosa rede de estradas líquidas; a famosa *Madona de Foligno*, de Rafael, que constitui uma das telas mais admiráveis da pinacoteca do Vaticano e um trecho de Regent Street, em Londres, maravilhosa realização urbanística devida ao génio de Nash e impiedosamente castigada pelos raids aéreos da Alemanha, no correr da sua *blitzkrieg* contra os tesouros artísticos e históricos da humanidade.

O CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DA BAÍA

por Antonio Osmar Gomes

Barreiros, que se encontrava em Olinda, vieram dali, com ele, alguns frades, que foram seus hospedes, no Palácio episcopal, por poucos dias, passando-se, em seguida, para um grupo de casinhas, junto a uma capela de São Francisco. Essa capela já existia naquele tempo, e estava situada no mesmo local onde hoje se encontra a portaria do Convento, tendo sido construída por um franciscano espanhol que aqui se havia instalado desde alguns anos, no cumprimento de sua missão evangelizadora.

Durante cerca de um século, dia a dia, a capela e as casinhas se foram modificando e passaram por várias reformas e ampliações, à medida das necessidades crescentes e dos progressos da Ordem. E nisso, sempre muito solícitos e infatigáveis, se mostravam os sucessivos guardiões que, na correr dos anos, a Comunidade foi tendo, cada qual dotando o templo de um melhoramento a mais, a tal ponto que, a certa altura, os retábulos da capela já eram considerados "obra perfeitíssima que os holandeses quebraram, quando renderam a cidade, no ano de 1624".

Entretanto, esclarece Fr. Pedro Sinzig que "o convento de então era pequeno e baixo, insuficiente para o número de religiosos, também a capela que, em parte, ameaçava ruína, não bastava para conter a multidão do povo". Isto em 1686, quando, segundo o insigne historiador e cronista da Ordem, Fr. Jabotão, "a 20 de Dezembro, quarta dominga do Advento, dia memorável em que se costuma celebrar nesta casa a festa do glorioso Santo Antônio, com o título de Arguim, pela Câmara, e motivo que em seu lugar fica relatado, e deram principio à obra do Convento novo".

Eis, por conseguinte, quando se deu começo à construção arrojada do monumental edifício, que, no entanto, teria de levar muitos e muitos anos, para, afinal, chegar a ser o que é hoje.

A maravilhosa nave de talha colorida.

O convento dos Padres Franciscanos, da Baía, tanto na sua simplicidade externa, como na magnificência do seu interior, não resta dúvida que é um dos mais belos e eloquentes atestados da fé, e também do apurado senso artístico de nossos antepassados, dentre todos quantos ainda podemos encontrar de pé, e conservados, por este Brasil afóra.

Monumento nacional, no sentido pleno da palavra, não é de hoje que esse grandioso templo enche de admiração a gerações sucessivas, pela sua incomparável suntuosidade e pelo que todo o seu conjunto representa de compreensão da arte e do belo, dos idealizadores e dos realizadores, em tempos idos, de obra assim tão magnífica.

Vilhena, o professor de língua grega, que, nos fins do século XVIII, escreveu da Baía interessantíssima série de "Cartas" para a displicente Corte portuguesa, descrevendo, com muita originalidade de observação, as coisas e as gentes de nossa terra, disse do Convento de São Francisco que era uma grande casa, tendo um claustro tão majestoso que ele mesmo não sabia se poderiam achar-se em Lisboa muitos que o iguallassem.

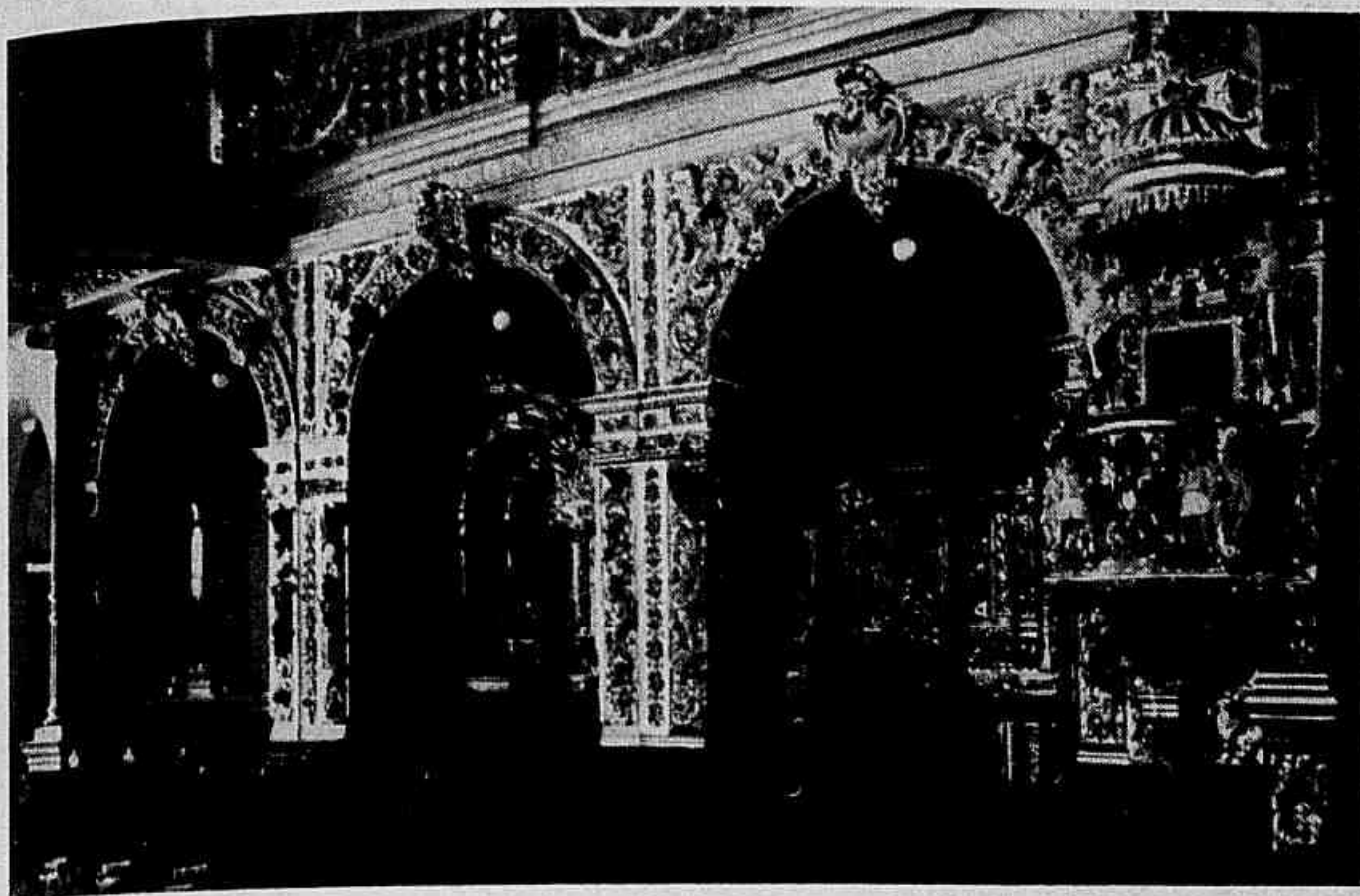
O ilustre Padre Franciscano, Fr. Pedro Sinzig, nome bastante conhecido e acaudado, em nossos centros artísticos e intelectuais, ocupou-se, com muitos e valiosos detalhes, de todas as preciosidades existentes nesse templo, num trabalho intitulado "*Maravilhas da Religião e da Arte na Igreja e no Convento de São Francisco, da Baía*", publicado em 1933, sob os auspícios da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Diz ele, com a sua indiscutível autoridade de artista emérito e de paciente pesquisador, que "em toda a igreja não há um só ornamento, para não falar das imagens, de gesso ou massa, um só que não seja trabalhado em madeira; muitas vezes na mais dura de todas — o jacarandá". Afirma, ainda, que "em toda a igreja não entrou um só produto de fábrica — tudo é original, tudo feito expressamente". Antes, já havia dito ele mesmo que "não é possível negar mérito excepcional a uma geração que soube construir, aliás ao lado de outros edifícios, o Convento e a Igreja de S. Francisco, na Baía, e enriquecê-la de obras de talha douradas e de pinturas, como não se fez em nenhuma outra época, desde o descobrimento do Brasil".

Resam as crônicas que a instalação dos Franciscanos, na Cidade do Salvador, data de 1587. Foi quando, a convite pessoal do então Bispo da Baía, D. Antônio

Entrada para a sacristia, através do claustro.

E a demora dessa obra, de arte arquitetural aqui, como a de muitas outras, alhures, explica-se perfeitamente, desde que se leve em conta a absoluta falta de recursos financeiros da Ordem, que tem voto de pobreza, para de uma só vez executar tudo quanto idealizaram os abnegados Filhos do Pai Seráfico, afim de lhe darem condigna morada e onde ficasse bem centralizado o seu culto fervoroso, nesta Baía de Todos os Santos.

Por isso que cada Guardiã, conforme lhe permitia a generosidade maior ou menor dos devotos de sua época, realizou uma parte da obra, sem, aliás, prejudicar a esplendida harmonia de linhas do conjunto, tudo executado com o mais apurado gosto e ilimitada dedicação.



Um belo aspecto interno da igreja.

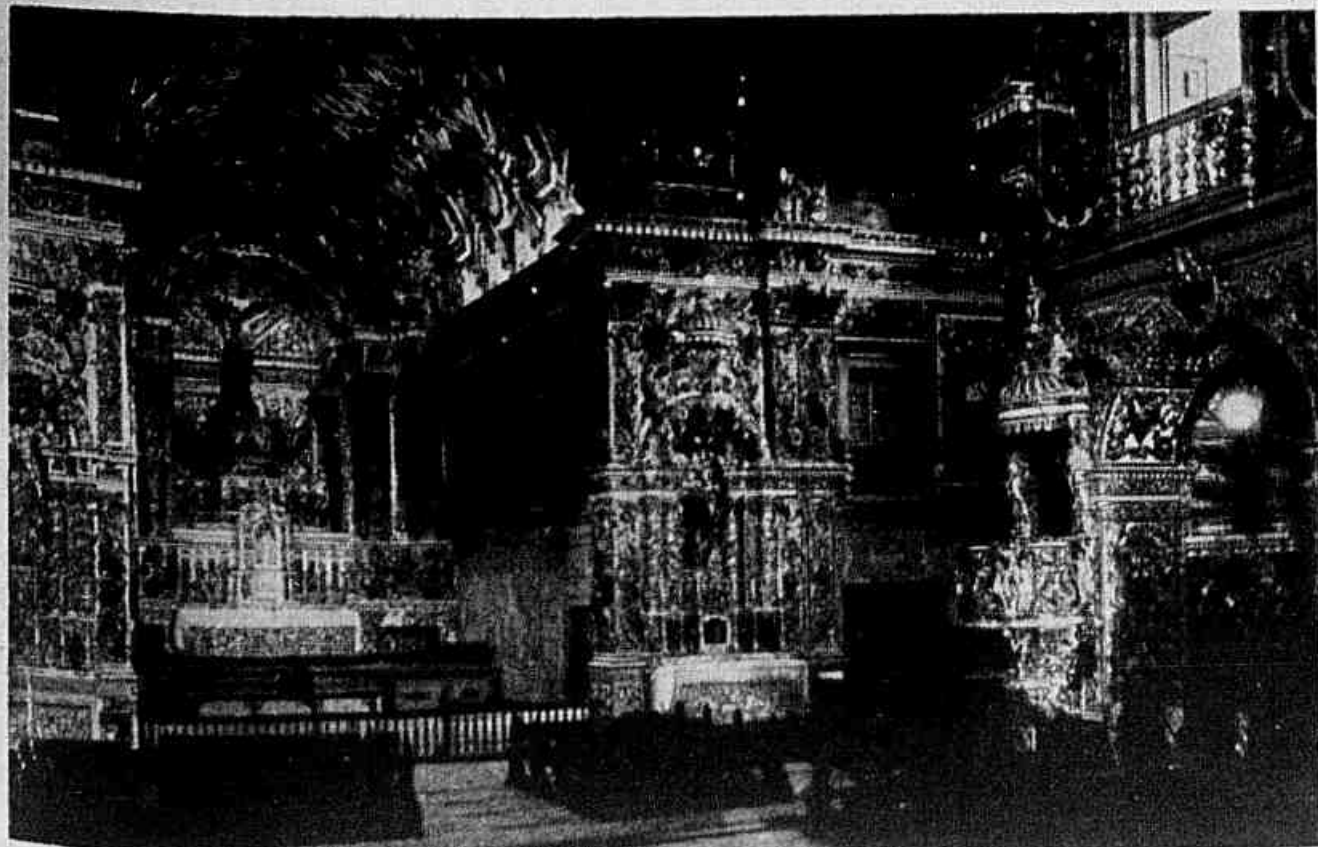
E é, realmente, de muito admirar e de louvar não menos, os ingentes esforços desses dedicados Franciscanos, a que o povo secundou, com seus auxílios, para a consecução de obra tão majestosa. Sim, pois é certo que quasi tudo aquilo se fez com o produto de esmolas e de generosas contribuições da população baiana, tanto da Capital como do Interior, uma vez que, de ordinário, os poderes públicos não podiam dispôr dos dinheiros para auxílios dessa natureza. E isso muito bem se compreende, pelo fato de que, para a Colônia inculta e longinqua, nada vinha que representasse cultura, civilização e arte, sinão a trôco de muito ouro e de onerosos impostos, recaíndo quasi que exclusivamente sobre os bens e as pessoas das naturais da terra. Os outros, os reinóis, eram, de certo modo, privilegiados.

Mas, voltando a considerar a lentidão evangélica dos trabalhos que, afinal, completaram o Convento e a Igreja de São Francisco, da Baía, é de justiça salientar que esses trabalhos jamais sofreram solução de continuidade. Foi assim um como trabalho perseverante de formigas... que, todavia, não parou depois da obra feita, porque sempre se teve e ainda se tem e nunca se deixará de ter o que fazer para se resguardar da ruínosa ação de tempo esse nosso majestoso monumento de arte e de fé.

Restaurações em geral, aquisições de novas imagens e de novos ornamentos, substituições para melhor, tudo isto, realmente, nunca deixou de constituir o zelo e o carinho de todos os que têm passado pelo govêrno da Ordem, de modo que só assim foi possível chegar até nós esse Convento de São Francisco, da Baía, com os seus esplêndores e com a sua beleza sempre nova, sem contudo perder os caracteres principais de sua vetustez tradicional e empolgante.

Já hoje dêle cuida, com carinho não menor e não menos zelo, o Serviço de Defesa do Patrimônio Nacional, em boa hora instituído pelo Govêrno da República.

Ainda bem que, assim, as gerações presentes não terão que assustar-se com o pressentimento sequer de que as gerações de amanhã não haveriam de poder apreciar e, sobretudo, orgulhar-se dos legítimos valores objetivos do passado, valores reais de inteligência, de cultura e de amor, manifestados nas obras de todos os que muito fizeram e muito continuam a fazer pela perenidade, no tempo e no espaço, dos grandiosos legados artísticos de que temos o mais justo e o maior orgulho, em nosso Brasil, e dentre os quais se destaca, em primeira linha, o imponente Convento de São Francisco, da Baía.



O precioso rendilhado da talha da nave, vendo-se o altar-mór ao fundo.



O velho cruzeiro, no largo em frente ao convento.



Detalhe da escultura de S. Francisco, admirável trabalho do artista baiano Pedro Ferreira.



CIGANA — Sanny de Castro.



PINTINHO — Lourdinha de Castro.



VARIACÃO CLASSICA — Mimi Moreira.



CAPRICHIO DANSANTE — Maria Angelica Roulhosa.



FANTASIA BOCCÓ — Luzia Geraldo de Oliveira.



CRACOVIANA — Suzana Freitas.

O teatro de dança dia a dia conquista posições em nosso meio. Os

VAMOS DANSAR?

gráfica promovido por elementos de nosso alto mundo social, no clube Ginástico Português.



CHINEZINHOS — Margynise Ramos de Oliveira e Celia Teixeira.

grandes clubes estimulam a sua divulgação, as sociedades de arte facilitam meios áqueles que o desejam praticar... Paralelamente multiplicaram-se os espetáculos, o que possibilita a formação de um público capaz de apreciar essa forma superior de criação artística. As fotos que ilustram esta página são detalhes do lindo espetáculo de arte core-



EVOCACÃO HELENICA — Velina e Ilza de Almeida Novais.



MAZURKA — Maria Angelica e Maria da Gloria Lintz.

CONFERÊNCIA DOS INTERVENTORES



Ministro Marcondes Filho e Governador Benedito Valadares, surpreendidos quando trocavam sugestões.

Instalada no Palácio Monroe, a Conferência teve suas primeiras reuniões no dia 11 de Novembro, falando então os srs. Luiz Simões Lopes, presidente do D.A.S.P. e Demétrio Xavier, abordando aspectos diferentes do tema "orçamento de guerra".

Posteriormente foi tratado, entre muitos outros, o caso da tributação interestadual, tendo o sr. Clodomir Cardoso, da Comissão dos Negócios Estaduais, feito minucioso histórico do assunto.

No dia 13, o sr. Marcondes Filho ofereceu um almoço aos membros da Conferência, no restaurante do Saps.



Intervenor Rui Carneiro, da Paraíba, participando dos trabalhos.

Os congressistas reuniram-se, também, sob a presidência do Coordenador da Mobilização Econômica, do Ministro da Educação e do Ministro da Agricultura, estabelecendo planos nos setores entregues a esses titulares.

Numa das vezes, assim falou o sr. João Alberto: "Insistiremos para que o Brasil explore industrialmente os seus poços petrolíferos. E assim, com o carvão, com o álcool, com o petróleo, com o nosso potencial hidráulico, teremos indústria, teremos transportes, teremos a nossa libertação econômica".



Intervenor Amaral Peixoto no momento em que palestrava com um jornalista.



Srs. Agamenon Mogalhães e Ismael Gois Monteiro, interventores respectivamente de Pernambuco e Alagoas, durante um intervalo da reunião.



Intervenor Julio Muller, de Mato Grosso, Rafael Fernandes, do Rio Grande do Norte, e Leonidas Melo, do Piauí.



Os chefes do Oeste, interventor Julio Muller, de Mato Grosso e Pedro Ludovico, de Goiás, numa das sessões.



Estes são os responsáveis pelo destino do Brasil, na atualidade. Nesta conferência, bem diversa dos velhos congressos, discutiram e traçaram diretrizes para resolver os problemas nacionais.

O Brasil comemorou há dias o primeiro quinquênio do Estado Nacional.

Entre os acontecimentos que assinalaram a data, distinguiram-se a conferência dos interventores, convocada pelo ministro interino da Justiça, sr. Marcondes Filho.

Para discutir os problemas de administração, especialmente a cooperação dos Estados no orçamento de guerra, reuniram-se, no Rio de Janeiro.



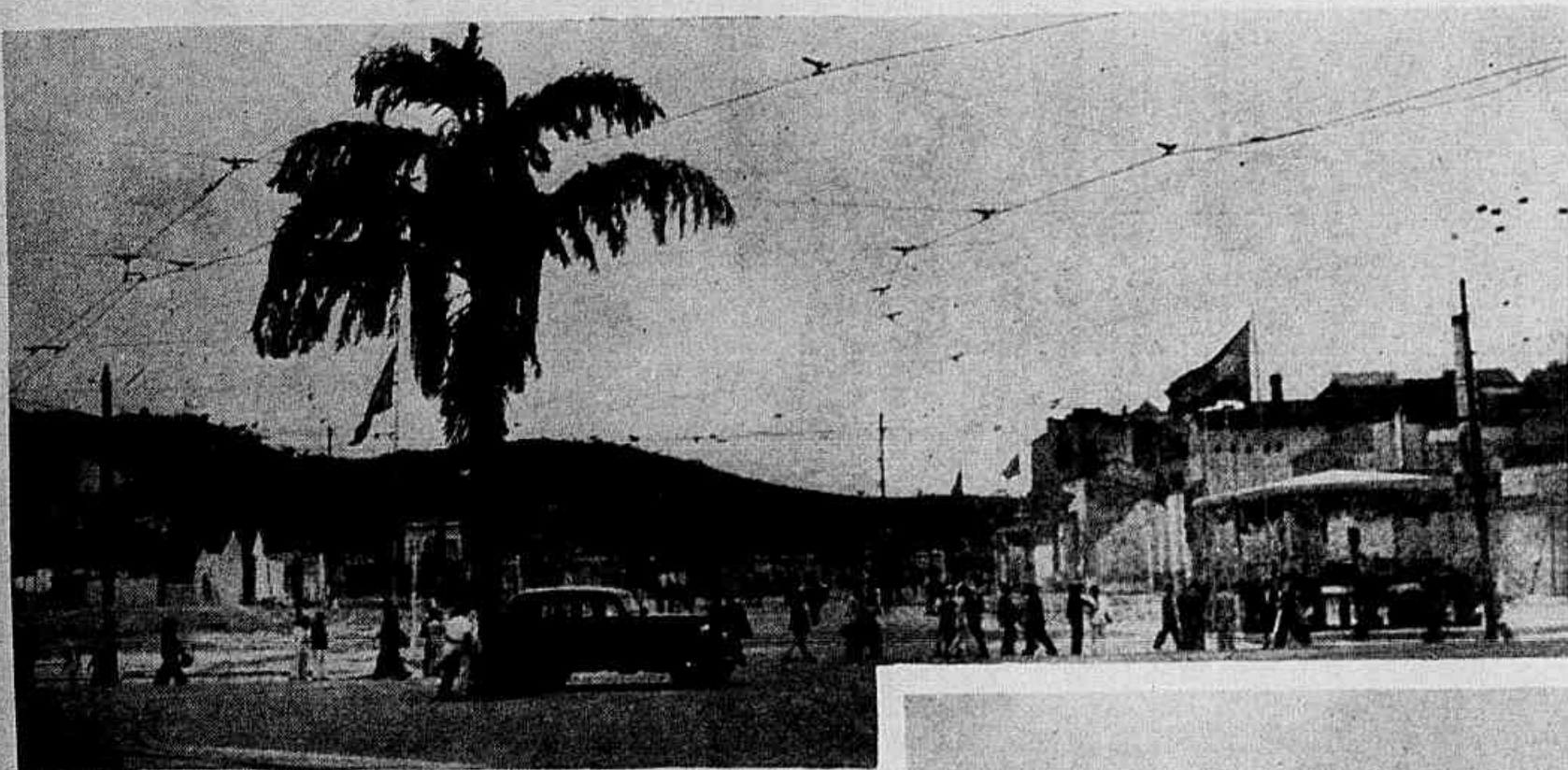
O comandante Amaral Peixoto e sua exma. esposa, quando assistiam o TE DEUM de Ação de Graças, oficiado na Catedral de Niterói.



Aspecto da assistência na Catedral.

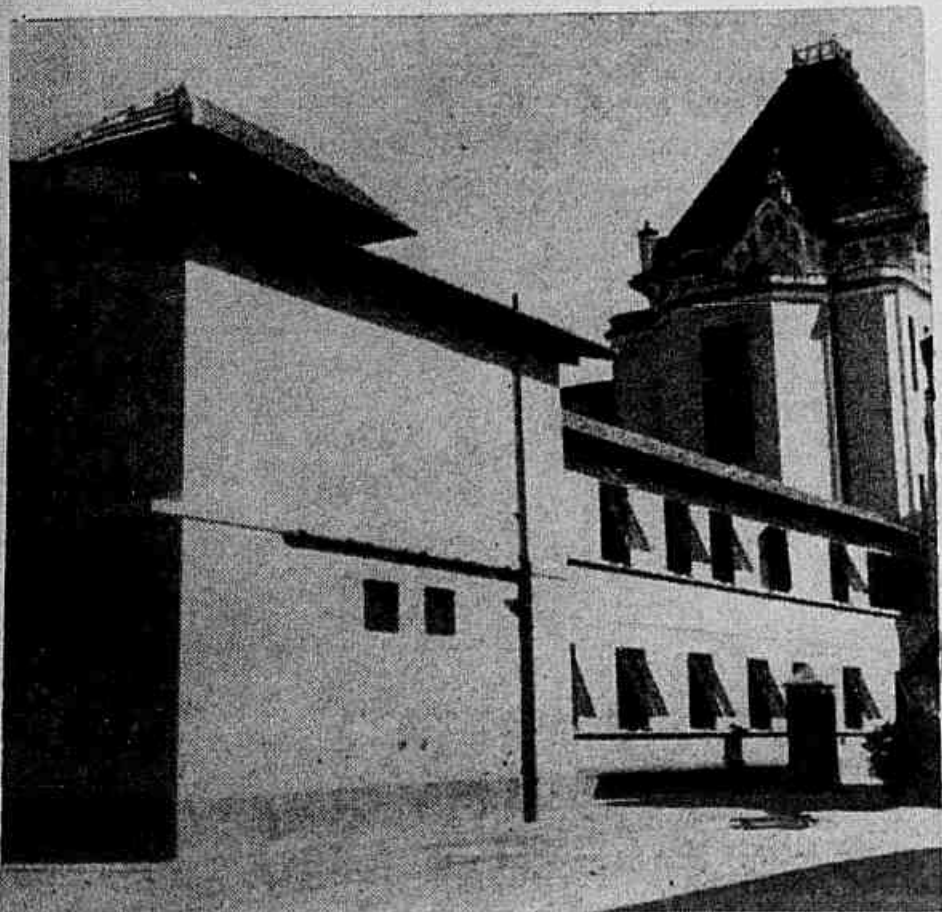
O Estado do Rio comemora o 5º aniversário do governo do comandante

Ernani do Amaral Peixoto



Um aspecto da nova Avenida ERNANI DO AMARAL PEIXOTO

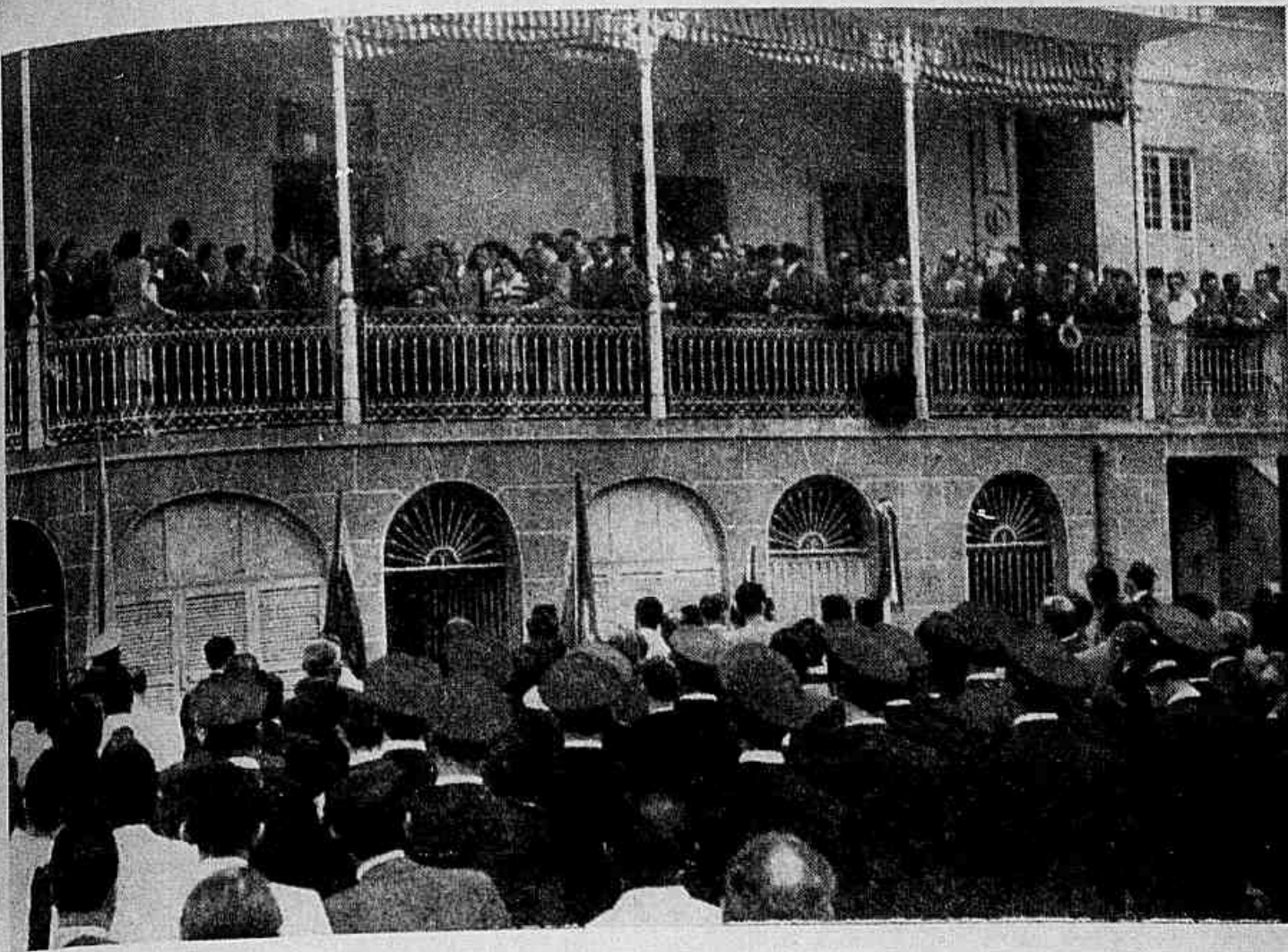
COM aquele singular brilho que caracteriza sempre as festividades no Estado do Rio, realizou-se no dia 19 de Novembro, grande solenidade comemorativa do primeiro quinquênio da administração Amaral Peixoto. REVISTA DA SEMANA, associando-se às comemorações e homenagens prestadas ao interventor federal, acompanhou todo o programa festivo que teve início às 9.30 horas com um *Te Deum* na Catedral, sendo oficiante D. José Pereira Alves, bispo diocesano. Deixando a Catedral, o comandante Amaral Peixoto em companhia de sua exma. esposa, de todo o secretariado e auxiliares da administração, dirigiu-se para a Polícia Civil onde inaugurou a nova ala destinada à Delegacia de Ordem Política e Social. Brindando a comitiva, falou o coronel Agénor Barcelos Feio, secretário de Justiça e Segurança. Em seguida foi igualmente inaugurada na Faculdade Fluminense de Medicina e Veterinária, uma nova parte daquele estabelecimento de ensino superior. Às 11.30 após a inauguração de um grande e moderno laboratório na Escola Henrique Lage, o interventor, de um palanque oficial, declarou inaugurados os dois primeiros trechos da Avenida n. 2, compreendida no plano de remodelação da cidade. Pronunciando um aplaudido discurso, o prefeito de Niterói, dr. Brandão Junior, localizou a administração fecunda que tem feito o interventor federal e decla-



Novo Pavilhão da Delegacia de Ordem Política e Social, da Polícia Civil.



Cortando a fita simbólica, o Interventor inaugura os trechos da Avenida que se chama ERNANI DO AMARAL PEIXOTO.



rou que em homenagem ao titular do Estado do Rio, a Avenida inaugurada chamar-se-ia ERNANI DO AMARAL PEIXOTO. Depois de hasteada a Bandeira e cantado o Hino Nacional com o desfile da mocidade escolar, o interventor retirou-se entre grande aclamação popular.

A tarde, no Palácio do Ingá, o interventor foi alvo de expressiva manifestação de simpatia que lhe prestaram os funcionários públicos estaduais, municipais e as classes trabalhadoras. Em nome dos seus colegas, o mais antigo funcionário do Estado, sr. Raul Juarezma de Moura, transmitiu as simpatias que os funcionários outorgaram-no a demonstrar ao Chefe do Estado.

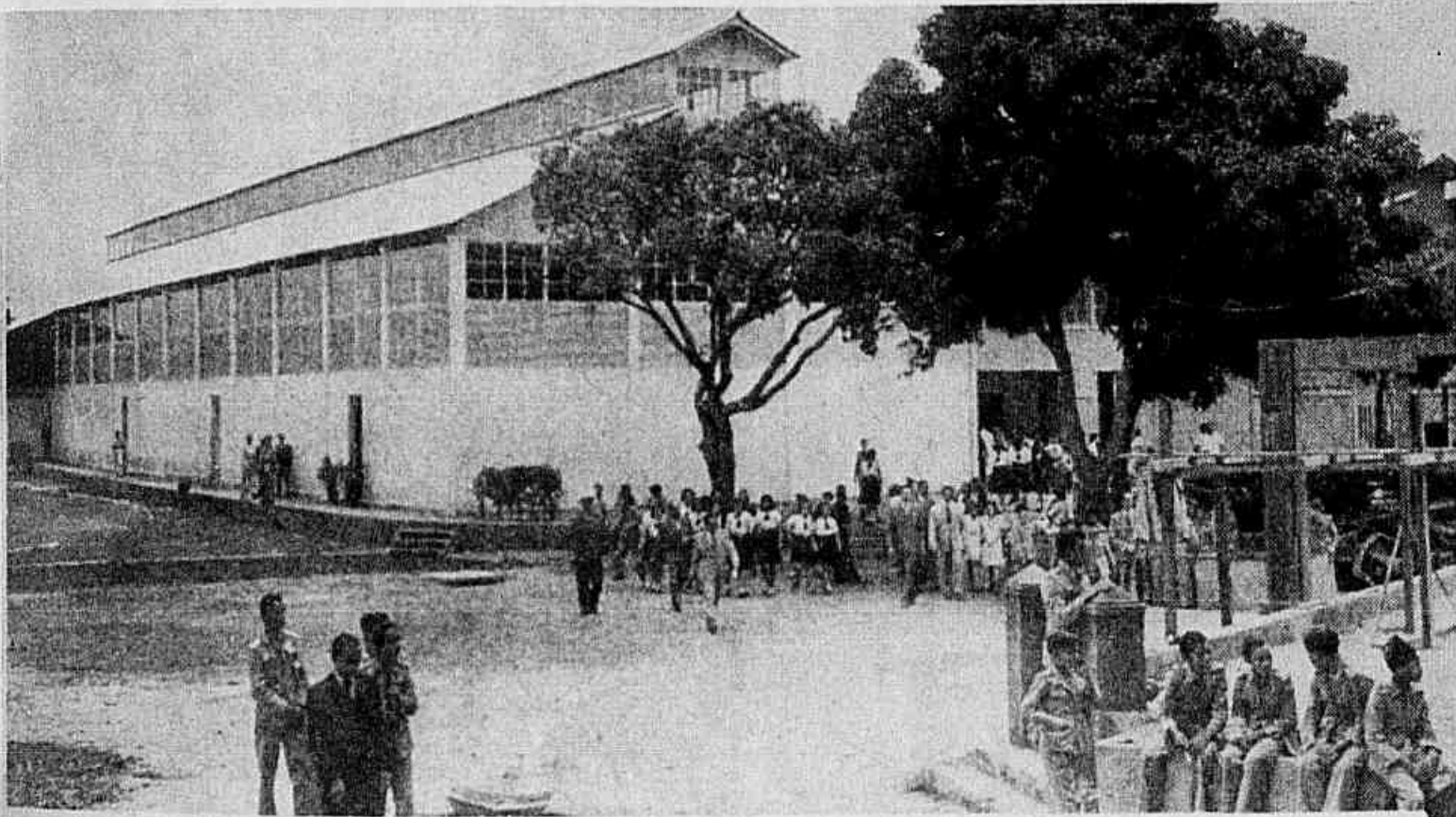
Agradecendo as homenagens, o interventor Amaral Peixoto fez um discurso de improviso, no qual frisou textual-

mente que os melhoramentos citados pelos oradores não se devem só a ele; mas, a todos os auxiliares diretos e indiretos, que não desprezam postos de sacrifícios quando trabalham para o engrandecimento e interesse do Estado.

Flagrante apanhado no Palácio do Ingá, quando as diversas delegações de funcionários estaduais e municipais homenageavam o Comandante Ernani do Amaral Peixoto.



O hasteamento da bandeira, feito pelo interventor federal, no ato de solenidade da inauguração dos trechos da avenida.



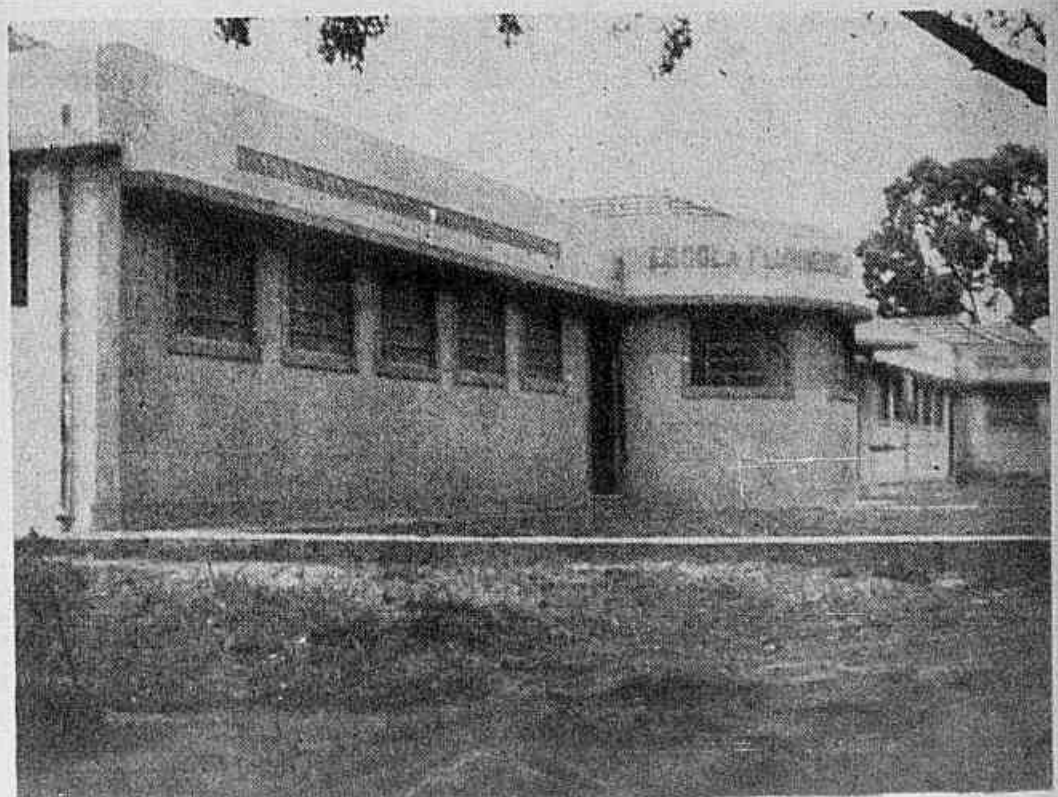
O moderno laboratório, inaugurado na Escola Henrique Lage.

Desfile da mocidade escolar, após a inauguração oficial da avenida.



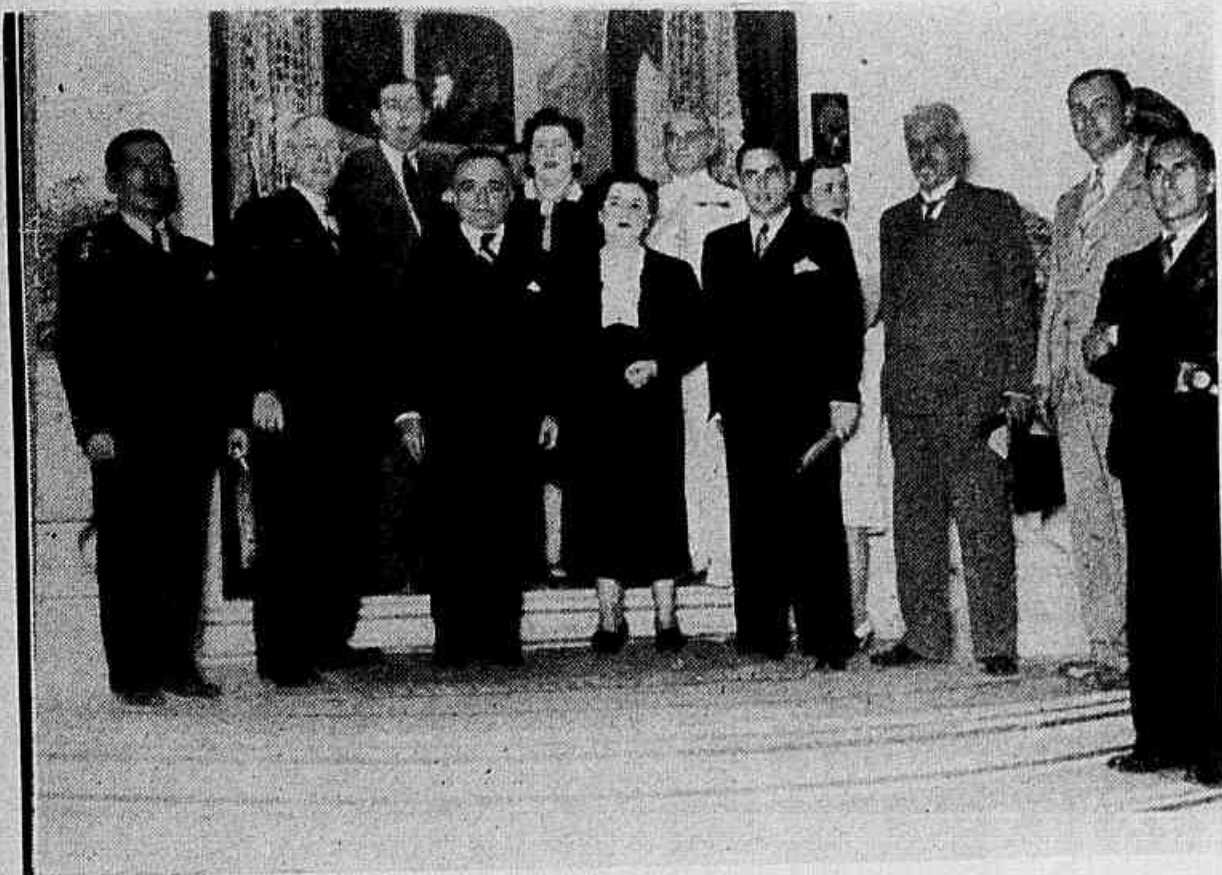
Ala dos fundos da Escola de Medicina e Veterinária.

Fachada principal da Escola de Medicina e Veterinária.



Desaparece um pioneiro da civilização

A figura singular de Atilano Crisóstomo de Oliveira == Creador de Indústrias e de Palácios == Anfitrião de estadistas == Sempre cuidou da Assistência Social.



Flagrante apanhado na porta do palacete Atilano Crisóstomo, por ocasião da última visita que o presidente Getúlio Vargas fez a Campos.

Dizem os sociólogos que só os tipos fortes, plenos de eugenia, emigram. Só eles têm ambições, só eles sentem sua capacidade de trabalho. Na verdade, os capitães de indústria parecem demonstrar a cada instante essa tese. A figura de que tratamos nestas linhas, por exemplo, tem a sua ancestralidade remota na Grécia dos heróis e dos deuses.

Atilano Crisóstomo de Oliveira, porém, era brasileiro nato. Fez os estudos secundários em Itú, São Paulo, formando-se em engenharia, mais tarde, em Glasgow na Escócia.

Retornando ao Brasil, empregou suas atividades como técnico da oficina mecânica fundada e dirigida pelo coronel Luiz Crisóstomo de Oliveira, seu pai.

Nessa ocasião consorciou-se com d. Maria Tinoco de Queiroz, dama de pulcras virtudes, filha do sr. Benedito Queiroz, elemento de alta projeção no mundo finan-

ceiro e industrial de Campos, na época. Deste casamento houve uma única filha, a sra. Alice Ribeiro.

USINAS EM VEZ DE ENGENHOS

Sobreviviam aqui e ali as chaminés vermelhas e baixas dos engenhos; rodavam as *boladeiras* antiquadas; fumegavam as *casas de purgar*. As usinas existentes não dispunham ainda da maquinaria moderna, condicionadora de uma produção eficiente. Foi Atilano Crisóstomo quem iniciou, em Campos, o ciclo super-industrial do açúcar, desenvolvendo suas fábricas de "Mineiros" e "São Pedro".

COMO TRATAVA O TRABALHADOR

Homem de larga visão, consciente do seu papel, foi um infatigável socializador. Espontaneamente, antes de qualquer lei neste sentido, procurou assegurar aos empregados assistência médica, habitação e salário familiar. Enquanto neutras propriedades campistas o *espírito de senzala* permanecia, nas suas fazendas de há muito o homem de campo já dispõe de um conforto mínimo necessário à existência.

O Dr. Atilano Crisóstomo de Oliveira.

QUASI UM CASTELO

Residindo sempre em Campos, coisa que nem todos os usineiros fazem, cons-



Este é o majestoso Palácio da Justiça, em Campos, construído em terreno cedido pelo grande campista.

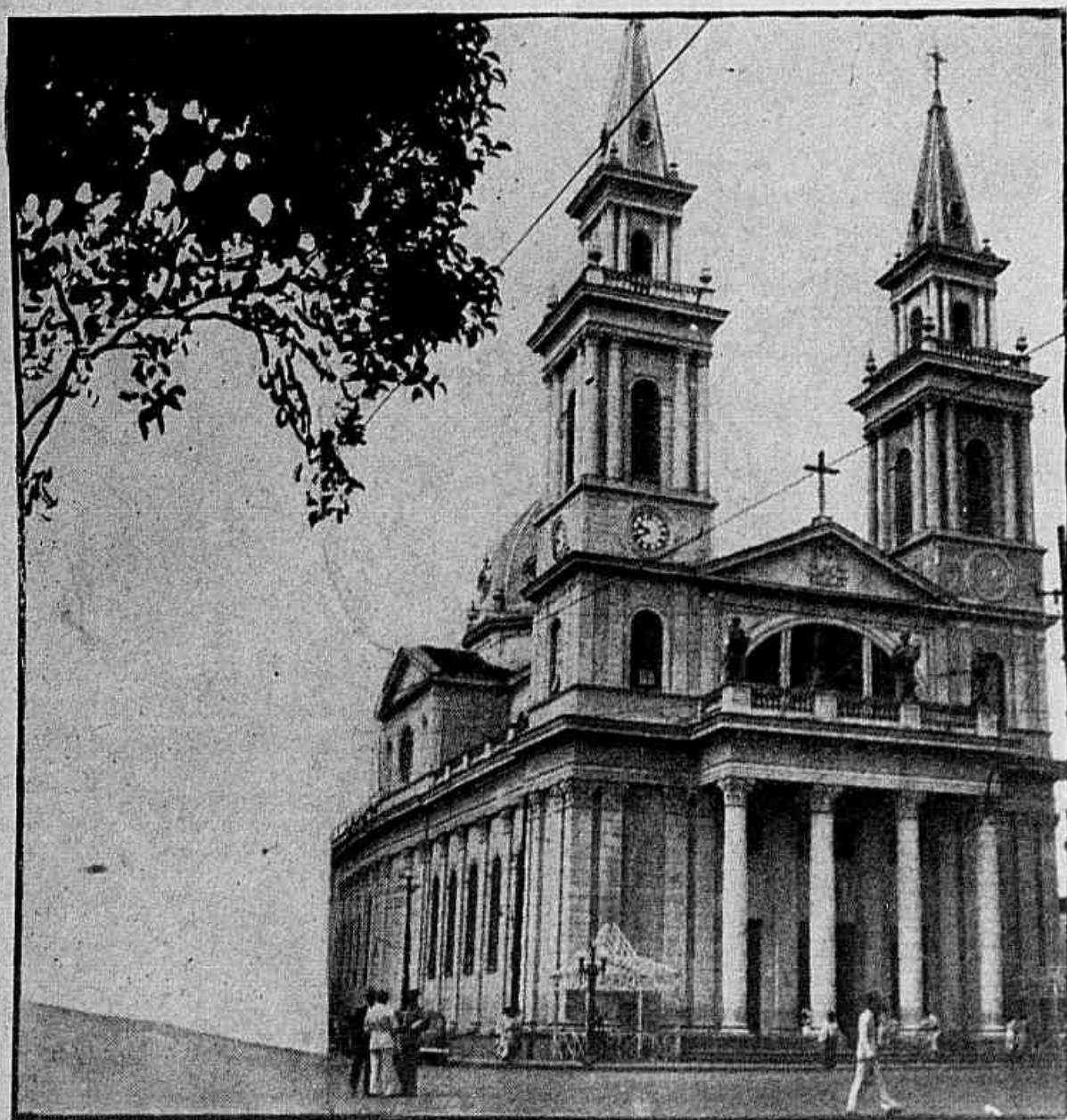
truiu um palácio principesco, na praça Rio Branco, joia arquitetônica de que se orgulharia qualquer cidade. Inúmeros presidentes do Estado do Rio hospedaram-se ali, inclusive o sr. Amaral Peixoto. Também o sr. Getúlio Vargas e muitas outras pessoas gradas se têm demorado na sua casa.

GRANJA CAMPISTA

Prestigiou e auxiliou uma infinidade de iniciativas filantrópicas. Os poderes públicos sempre encontraram nele um colaborador incondicional. Era um amigo da civilização e do progresso.

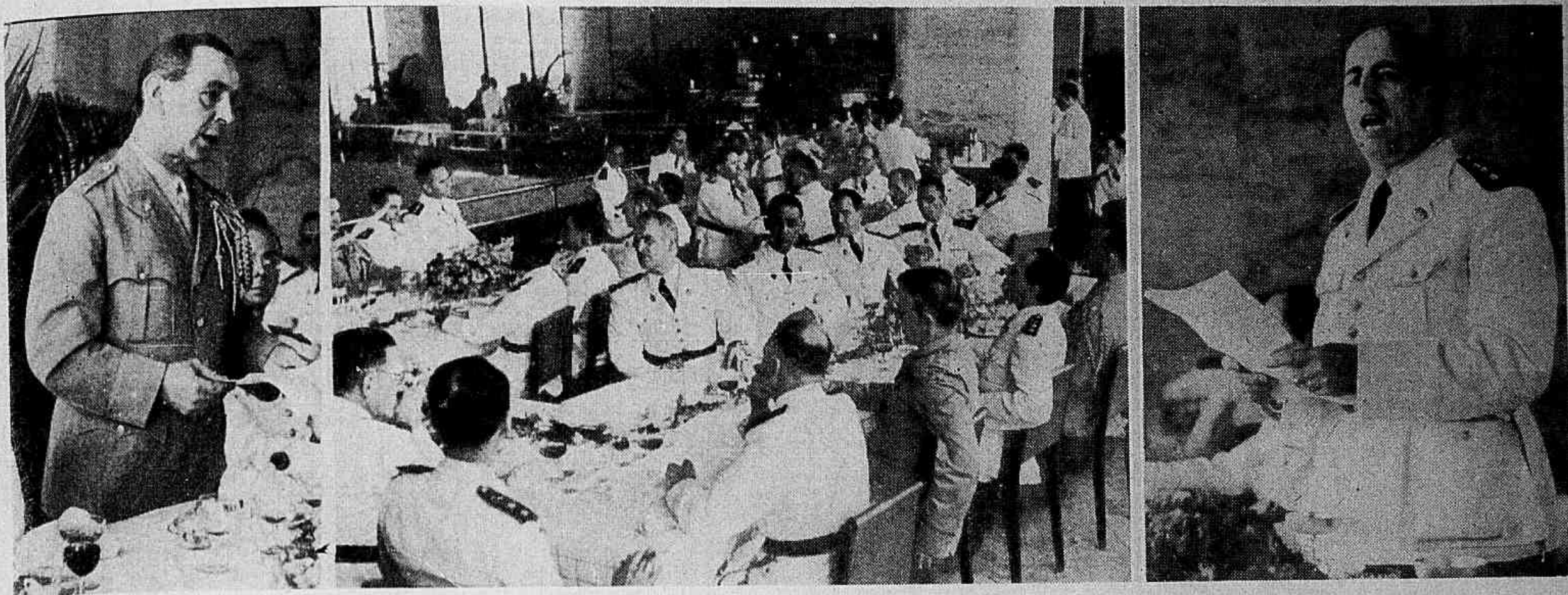
Em Guarulhos, subúrbio de Campos, empreendeu uma enorme plantação de laranjas. Ergueu pavilhões e viveiros magníficos, transformando terras, há muito consideradas estérteis, em um parque aprazível, de recreio e de turismo, que toda Campos procura aos domingos.

Por tudo isso a Cidade enlutou-se com a sua morte. Ante o esquife, desfilaram sentimentos e gratidões de uma população inteira. Esse o seu prêmio. Essa a sua glória.



Nas colinas e nas torres desta catedral muitos e muitos tijolos foram colocados pela prodigalidade do benemérito.

FIGURAS E FATOS



CONFRATERNIZAÇÃO DE OFICIAIS BRASILEIROS E ESTADUNIDENSES — A turma de oficiais que recentemente concluiu o curso da Escola de Estado Maior do Exército vêm de homenagear, com um almoço de cordialidade, os seus colegas de armas dos Estados Unidos na pessoa do coronel Claude M. Adams, adido militar junto à Embaixada norte-americana nesta capital. Em nome dos promotores da homenagem, saudou o coronel Adams o tenente-coronel Gaioso de Almeida. As fotos acima fixam flagrantes dessa significativa homenagem.



MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS — Na semana que passou, os contínuos do Banco do Brasil mandaram rezar uma missa em ação de graças pelo restabelecimento do Dr. Godofredo da Costa Menezes, medico daquele estabelecimento bancário. As gravuras acima são aspectos colhidos pela REVISTA DA SEMANA, durante o officio religioso e á saída do templo.



COLEGIO VERA-CRUZ — Realizou-se esta semana uma Tarde Dansante no Colegio Vera-Cruz, patrocinada pela senhora Alcides G. Etchegoyen, em beneficio da Legião Brasileira de Assistência, que constituiu uma reunião das mais agradáveis para todos quantos concorreram ao tradicional educandário da rua S. Francisco Xavier. O proprio Chefe de Polícia bem como o casal major Nelson Etchegoyen e outras ilustres figuras da nossa sociedade prestigiaram a linda festa com a sua presença. D. Regina Etchegoyen, figura central da elegante reunião, viu seus esforços coroados de pleno êxito e teve oportunidade de testemunhar o elevado apreço que lhe é dedicado. As fotos acima mostram um aspecto da festa e um detalhe colhido na varanda do Auditorium.

A GUERRA NO DESERTO É UMA ARTE



Passada a refrega, o soldado descansa nas sombras da noite. E' a hora das recordações. Alguem tira de um recanto da bagagem um violino, companheiro inseparável. Os corações cansados de lutas enchem-se de suave emoção.

EMBARQUE DAS TROPAS QUE INVADIRAM A AFRICA FRANCESA — Sem nem sequer saber, então, qual fosse o seu destino, estes soldados americanos sobem a bordo do transportador de tropas que os levou para a Africa francesa. Um vasto número de navios de guerra cercava o transportador ao efetuar-se o desembarque das tropas, protegendo-as assim, eficazmente, contra qualquer ataque por mar, enquanto os aviões se encarregavam de defendê-las contra possíveis ataques aéreos.

O COMANDANTE DAS FORÇAS QUE INVADIRAM A AFRICA FRANCESA — O major general Dwight D. Eisenhower, que até há pouco estava encarregado de uma função no Departamento de Guerra, em Washington, foi para a Inglaterra com os primeiros contingentes de tropas norte-americanas, como comandante do corpo do Exército dos Estados Unidos destacado para o teatro da guerra na Europa. Eisenhower comandou as operações de invasão da Africa Francesa pelas forças anglo-estadunidenses.

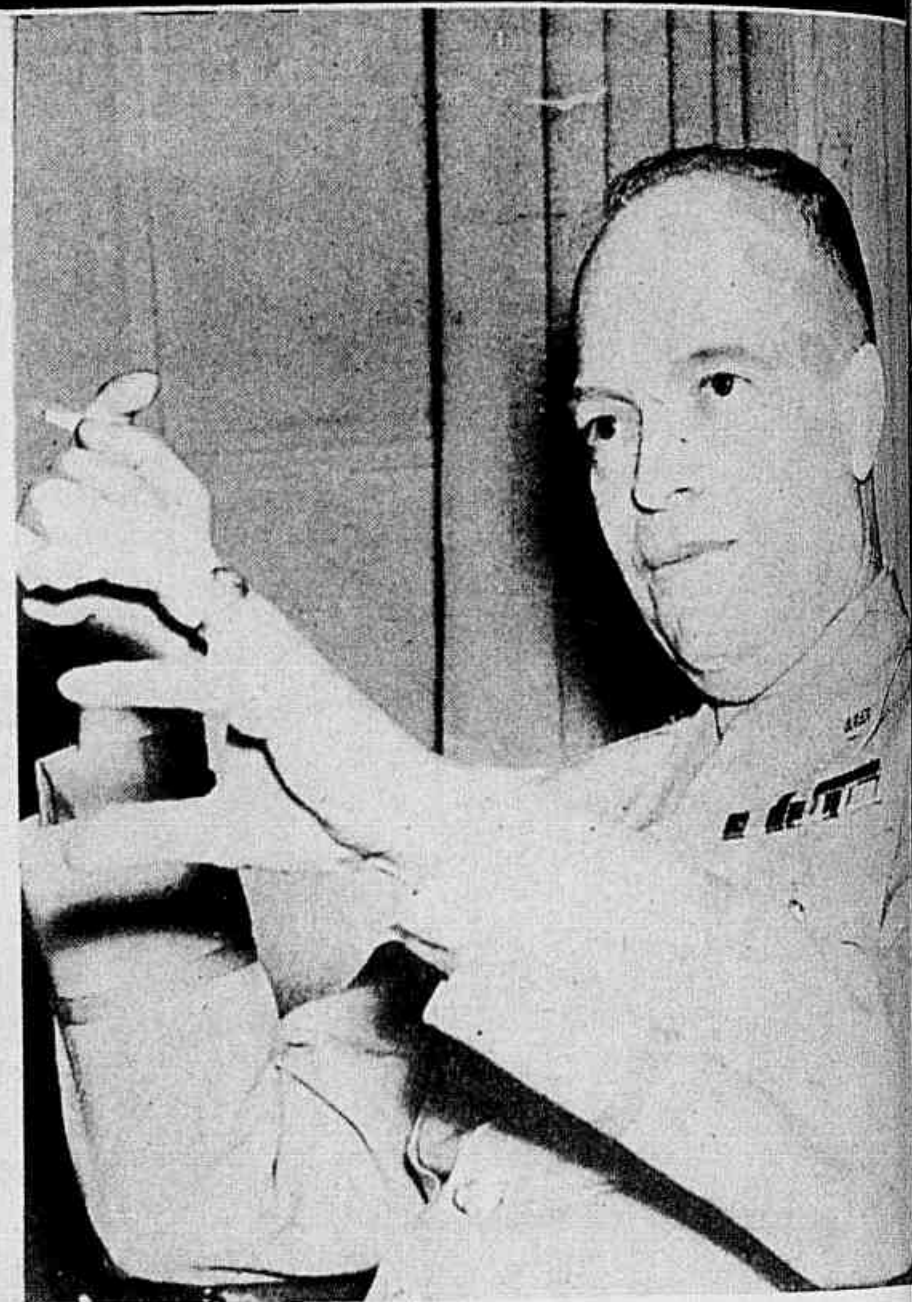
O deserto é a única fronteira de Hitler fora da Europa. Enquanto as *panzers* se estiverem movendo dentro da Africa, a Alemanha tem uma porta aberta para o mundo. Mesmo que se estabilize o *front* na Rússia e se evidencie impraticável a invasão das Ilhas Britânicas, Hitler poderá concentrar as suas forças numa grande investida na frente libica, para conquista do oriente-médio e junção com as forças japonesas na India, ou mesmo para invasão da América. Uma vez expulsos da Africa os alemães, Hitler será um prisioneiro na Europa. Estará cercado dentro do continente, tendo contra si os elementos surpresa no ataque e escolha de local para atacar. Restar-lhe-á fortificar-se e esperar o golpe. Até o dia em que os limitados recursos econômicos da Europa lhe permitam.

A derrota de Hitler no deserto encerra, portanto, a primeira fase desta guerra — a fase em que os exercitos alemães tinham nas mãos a iniciativa. A segunda fase

será, evidentemente, o cerco do Reich e a consequente grande ofensiva aliada. Churchill — já agora podemos afirmar — disse bem quando falou que estamos apenas no "fim do começo". E' de acreditar-se, entretanto, que não está longe o dia em que ele poderá anunciar-nos o começo do fim.

No presente momento está-se consumando a grande ofensiva aliada lançada contra os dois flancos dos exercitos de Rommel. A vitória do VIII exército imperial nas colinas de El Alamein, foi, até aqui, o ponto mais alto desta ofensiva. Rommel tem evitado o combate que os ingleses lhe estão oferecendo. Contraíu as suas linhas, abandonou a Cirenaica — certamente para dar tempo à chegada de reforços — e deve estar-se preparando para a batalha da Tripolitania. Esta batalha decidirá se Hitler será ou não, muito breve, um prisioneiro na Europa. A grande recuada do marechal alemão não deve ser encarada como uma derrota definitiva. A guerra no deserto é uma arte. O recuo, como o avanço, pode ser a preliminar de uma vitória. Hitler pode estar preparando uma armadilha para os britânicos. Se ela falhar, estaremos em face da maior derrota desta guerra, desde a queda da França.

ONDE AS FORÇAS AMERICANAS E BRITÂNICAS DESEMBARCARAM NA AFRICA — Vemos, aqui, um aspecto geral da cidade de Oran, na Argélia — Africa do Norte — onde se efetuou o desembarque de tropas americanas e britânicas, sob o comando do tenente-general Dwight D. Eisenhower.

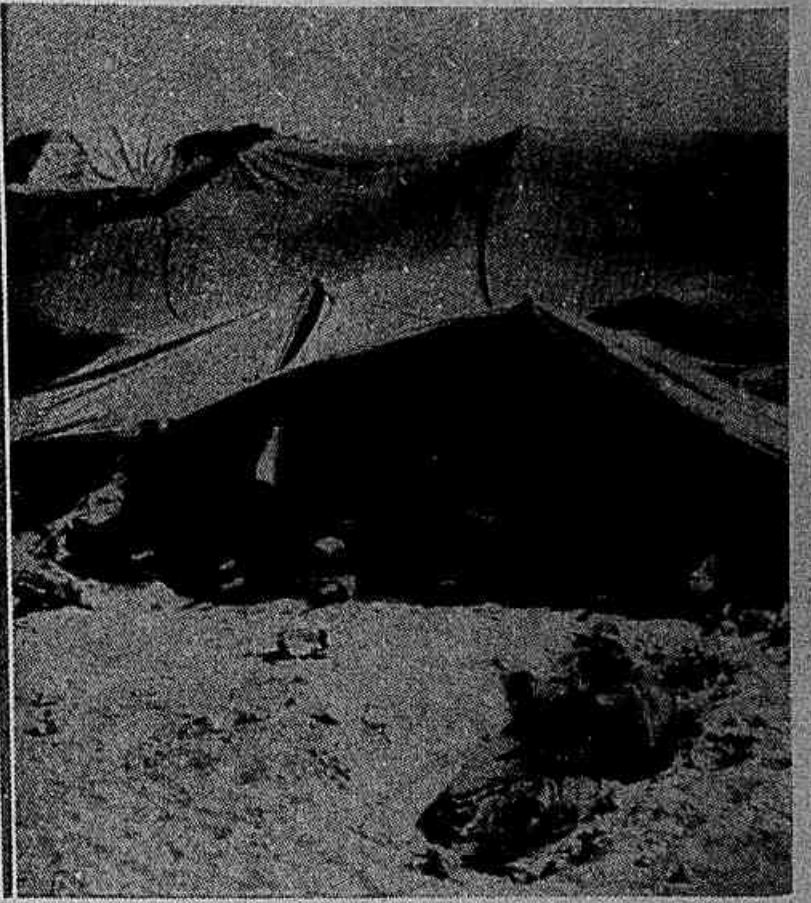


AVIADORES ESTADUNIDENSES NO TEATRO DAS OPERAÇÕES — Aguardando o momento de partir com suas fortalezas voadoras ao encontro do inimigo, os americanos tiram dois dedos de prosa e tomam uma chavena de chá.





UM NEO-ZELANDES ferido é posto numa ambulancia. Em acordo com a gravidade de seus ferimentos este soldado será transportado para um hospital na retaguarda, de caminhão ou avião.



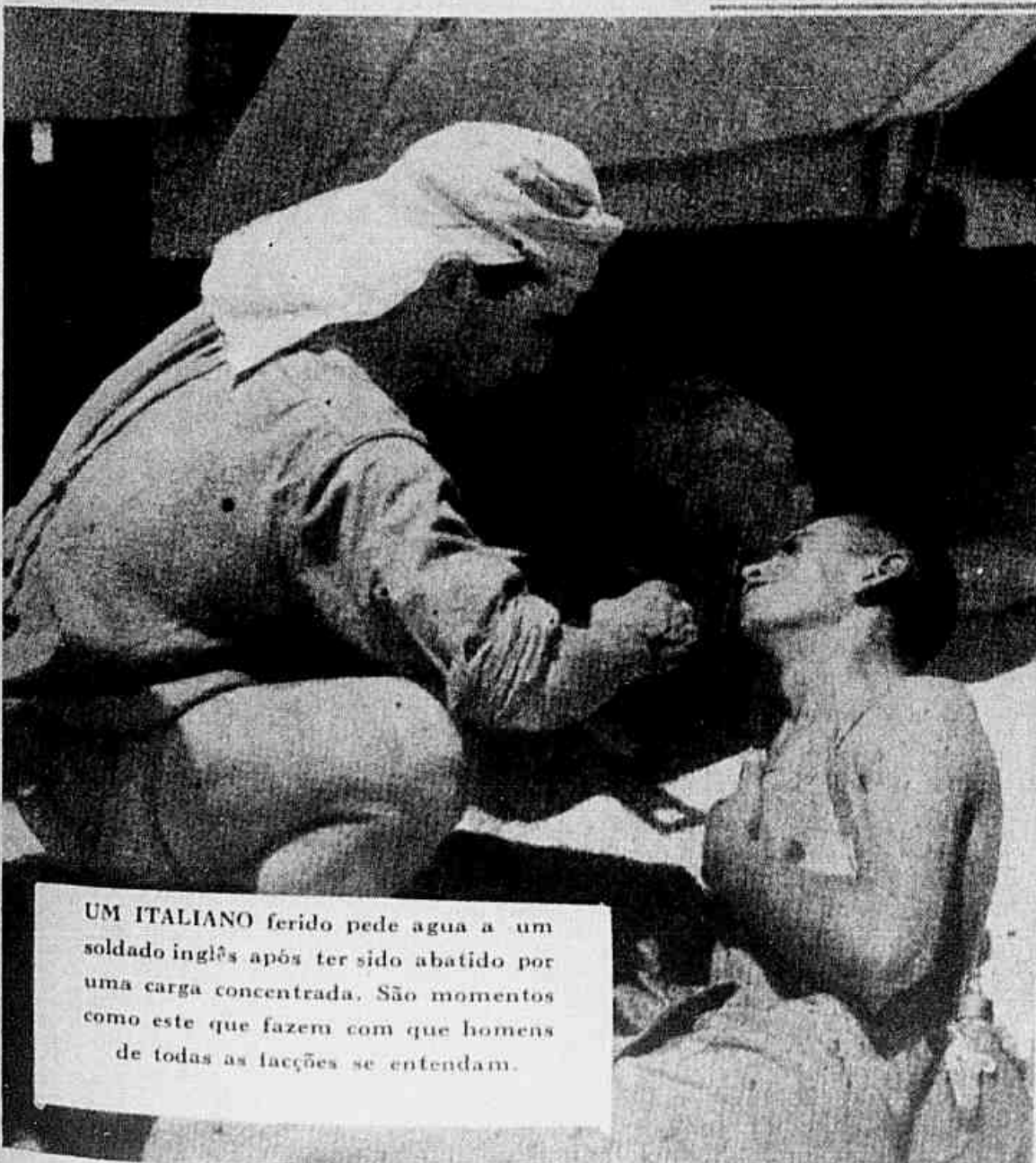
EM UM POSTO AVANÇADO, sob um toldo de pano, o ferido recebe os primeiros tratamentos. A empanada protege-o contra o sol infernal, o principal inimigo no deserto.



UM METRALHADOR australiano, ferido duramente por estilhaços de metralha inimiga, recupera as forças após os primeiros tratamentos.



UM OFICIAL DE TANK neozelandês esperando transporte para o Cairo. Ele foi ferido quando consertava a sua máquina em pleno campo de batalha.



UM ITALIANO ferido pede água a um soldado inglês após ter sido abatido por uma carga concentrada. São momentos como este que fazem com que homens de todas as facções se entendam.



A ÚLTIMA CAMA que o deserto oferece ao soldado. Um monte de pedras e uma cruz de caixão. Ao lado o fuzil, seu companheiro fiel. Milhares e milhares de montes de pedra como este cobrem o areal que separa Bengasi de El Almein.

Lingua solta pode custar vidas



Um oficial da marinha mercante da Inglaterra está dizendo ao dono deste "bar" americano que aprova calorosamente seu cartaz contra a loquacidade. O cartaz traz a legenda: "Mesmo neste botequim amigo pôde haver ouvidos inimigos. Deixe de ser tagarela".

Starve him with

Silence



Cartaz de contribuição da fábrica de whiskey Seaman: "Mate-o de fome, com o silêncio". Para a maioria dos americanos o rato não tem nenhum predicado aproveitável.



LOOSE TALK

COST LIVES

Não seja tagarela, espalhando notícias reservadas. O sujeito com quem você está conversando pôde ser cento por cento O. K., mas bem pôde estar também interessadíssimo em obter as informações que você conhece.

ZIPPER YOUR LIP!



LOOSE TALK

Se você não pôde ficar calado, trate de abotoar o bico. Preferindo coisa moderna, use um fecho éclair em vez de botões.



THIS POSTER IS PUBLISHED BY THE HOUSE OF
OF ITS CONTRIBUTION TO THE NATIONAL

Os "macacos" — Ao contrário dos macacos sábios que não vêem, não ouvem nem falam, os três macacos do Eixo andam soltos no mundo, para verem, ouvirem e falarem tudo o que for prejudicial a ■ Esta loi Unidos e a seus aliados. Veja quem está escutando.

Os antigos proclamavam sempre que "o silêncio é de ouro". Isso muito antes de aparecer um pretencioso pintor de paredes com o projeto de pintar o mundo com as cores que lhe desse na cabeça, independente dos desejos do resto do universo. Muito antes também de começar o ocaso do Imperio do Sol Nascente.

Ora, se aquele conceito era bem certo noutros tempos — remotos tempos de paz

Os soldados sabem muita vez coisas importantes. Em conversa desprevenida com a namorada, podem estar fornecendo preciosas informações a um espião.



Naturalmente não podemos tapar a boca de todo o mundo, como Tio Sam está fazendo com este sujeito. Mas, às vezes, bem que é preciso pôr um freio nos linguarudos.

— torna-se duplamente verdadeiro em tempo de guerra.

Os próprios americanos reconhecem a sua loquacidade, porque sempre gostaram do direito de indagar das coisas, proclamando aos quatro ventos o que pensam de tudo e de todos.

Seu defeito principal — dizem eles — é o prurido de exibição que se apossa de quem tenha qualquer "informação particular", pelo prazer de levar adiante o boato, sem ligar importância acerca de sua veracidade, o que manda a verdade concordarmos que é também muito do agrado da nossa gente.

Nos tempos de paz essa fraqueza pode ser divertida — e quase sempre constitui um prato muito ao sabor das conversas de rua. Em tempo de guerra é no entanto uma coisa mais perigosa do que dinamite, pois aquela dose de informação "particular" pode estar em ponto de bala.

Você sabe por exemplo qualquer coisa a respeito dum navio que pode estar transportando um contingente de tropa



Lingua solta pôde causar isto — a prisão num campo de concentração. E o soldado preso pôde ser um irmão, um marido, um pai, qualquer membro de uma família americana.



nacional para determinado lugar. Passando adiante semelhante notícia, mesmo que seja a alguém da sua inteira confiança — um amigo ou parente em quem possa confiar como em si próprio, — lembre-se de que está jogando com a vida dos seus compatriotas, com a sorte dos soldados de sua terra ou dos seus aliados.

das Allan Hervie, oficial da marinha mercante da Inglaterra, está expondo a dois compatriotas da Artilheria Real os perigos de dar a língua sobre assuntos militares.



Manoel Madruga

A vocação de pintor que se fez afirmação

AMORA MACIEL

FOI pelo sentimento que Manoel Madruga — o Homem — se encontrou com o Artista que vive com ele.

Carlos Levêque, professor de Estética, falando da Espiritualidade na Arte, adverte da sua cátedra que quem se propuzer a descobrir os fundamentos dessa razão de ser encontra logo, como fato inexplicável, a Vocação. E adianta: Esse poder nativo ninguém elucidará, diante da Ciência que não é tudo, pois nem sequer com o auxílio da síntese química terá o poder de criar um ser vivo ou a fibra das ervas.

E a atitude estética é um estado de contemplação interior, explica Hans Thoma.

Vivendo uma espécie de sonho consciente para fugir à dor dos antepassados, o artista, jogando com as impulsões sensíveis, segundo Charles Lalo, não lhes obedece passivamente e a primeira arrancada é para a libertação.

MANOEL MADRUGA, nascido em Terezópolis, bem perto do "Dêdo de Deus" a apontar para o Alto as ansias da Terra, parece ter sentido, como o marinheiro da Bretanha, que as pedras da cidade natal possuem alma e conversam.

E daí aquele convite à ascensão, não com a pedra, mas com o espírito servindo às afirmações de Arte.

E a contemplação exterior fez desabrochar dentro dele a atitude estética de que falou Hans Thoma.

Seus olhares divagando por aquelas alturas diziam dos anseios de contemplar os cimos.

E a vocação se fez afirmação em Manoel Madruga. Para tanto ele desceu da montanha para a planície, afim de construir-se a personalidade artística e ascender.

Sempre a grandeza dos contrastes!

Concluído o curso na Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro, hoje Escola Nacional de Belas-Artes, e onde ouvia as lições do mestre Zeferino da Costa, entre outros, o filho de Terezópolis se pôs a caminho da Montanha: embarcou para o Velho Mundo, para viver, mais de perto, com a Espiritualidade Universal. Em Paris frequentou a Academia Julien, tendo como professores Laurent e outros.

Concorreu ao "Salão dos Artistas Francêses", com paisagens, em começo, e com composições corajosas, a seguir.

Ainda os contrastes: em plena mocidade, mas retraído como ainda hoje, com os seus 60 janelos, o artista carrega, por toda parte, o sonho que atormenta e engrandece também. E' que expõe, no segundo ano de estada na França, o "Declínio do Dia", quando a sua mocidade ainda não tocara o zênith da vida.

Compôs a grande tela "Visão", adquirida pela Polónia e onde se entremostam todos os anseios das almas que querem uma Patria Livre.

Para a "Exposição de Turim", em 1912 coube-lhe realizar o quadro intitulado: "O Brasil apresenta ao mundo o produto do seu solo".

Em "O triunfo de Homero" —

tela de concepção magistral pelo que representa — vê-se o poeta, ao terceiro degrau, num terraço de mármore, recebendo as homenagens da Beleza, da Arte e da Poesia.

Manoel Madruga, senhor da pintura larga, com expressão, medalhado pelos júris tão draconianos do Velho-Mundo, faz Arte sem escravizar-se à pintura académica, mas distanciado do modernismo extravagante, onde o sentimento da medida é a desproporção que não passa de um ardil de despreparados, na grande maioria, e que, para suprirem as deficiências mentais, pintam monstros...

Ele, porém, ficou no meio termo, pois o seu desenho é irrepreensível; não se apega a convenções e prima pela sinceridade.

Em natureza morta é inexcusable. As suas flores — se é verdade que elas conversam com a gente — de certo são invejadas pelas que povoam os jardins encantados da terra.

Um crítico francês disse, à frente do quadro intitulado "Flores", que obra como essa bastaria, por si só, para firmar a reputação de um artista.

Manoel Madruga, vivendo na Europa, não perdeu o caráter que faz a brasilidade.

De lá chegou até nós como cavaleiro da Legião de Honra, mas com a alma tão brasileira que, diante do "Cristo e a Adúltera", do nosso Bernardelli, orgulhoso disse-nos, uma vez, que não há coisa melhor nos Museus do Velho Mundo quanto à interpretação do cap. VIII do Evangelho de São João. Agora mesmo, escolhido, em concurso, para realizar uma tela de grandes proporções e quasi acabada, para figurar no nosso "Palácio da Guerra", reafirma-se com uma obra de mestre.

Pedro Americo deu-nos o "Grito do Ipiranga", apresentando o local a pouca distancia da casa, bem à vista, do alferes Joaquim Antonio Mariano, e onde, um dia, com exaltação patriótica, fez parada, cheio de ufanía.

O pincel consagrado sitúa, no alto da colina, o Príncipe Regente montado num cavalo baio e ao lado do major Antonio Ramos Cordeiro e de Paulo Bregaro, portadores do officio de José Bonifácio e da carta da Princesa Leopoldina, anunciando o chamado do governante à Corte de Lisboa.

E, tendo-se em conta a descrição feita por Paulo Antonio do Vale, em 1853, o monarca cavalgava um cavalo zaino e poucas pessoas se encontravam no local, alem dos citados, como sejam o guarda-roupa Joaquim Maria da Gama Freitas Berquó, os criados João Carlota e João de Carvalho e o ajudante Francisco Gomes da Silva.

Pedro Americo nos mostra o Príncipe num animal baio, no primeiro plano, e um carro de boi, com o guia, aformoseando a paisagem historica.

Manoel Madruga, porém, fixando aquela passagem da historia patria na tela monumental, em execução, fê-lo respeitando os testemunhos daquele narrador, pois nos dá a ver o Príncipe no seu cavalo zaino e não como o viu a imaginação do mestre imortal.

Não se vê, como na outra, o carro de boi, com o seu guia, que parece não demorar o passo quando se lhe depara o fundador do Imperio, mas o homem do campo, em traje característico e cheio do ar de surpresa diante do imprevisto, enquanto conduz numa das mãos o instrumento com que cavava a terra molhada.

Atrás está o homem rustico, com a mão esquerda sobre o coração e a outra erguida para o alto, a acompanhar o grito de "Independência ou Morte!"

Associou o artista, assim, o homem da gleba ao fato imortal.

As figuras teem vida interior, dizendo cada qual dos sentimentos da ocasião.

Pedro Americo deixasse o seu tumulto e não coraria de se ombrear com o pincel irmão do de Antonio Parreiras.

Como Eugenio Delacroix, Madruga ama os animais, não para montá-les, mas para pintá-les.

E os que o pintor de Terezópolis traz á vista lembram, sem favor, os outros, em nada superiores, dos grandes animalistas e pintores de batalhas.



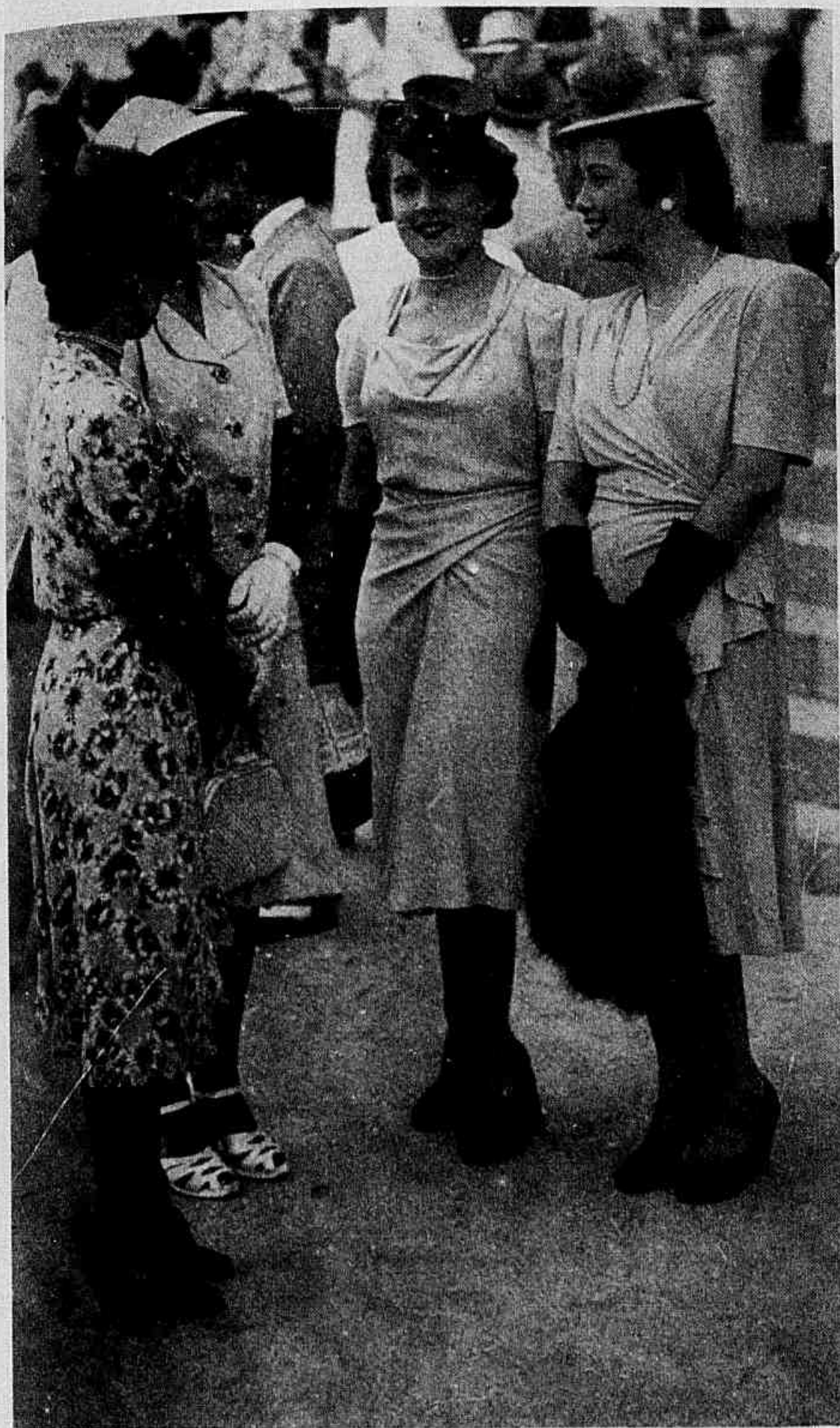
O grito do Ipiranga, segundo a concepção de Manoel Madruga.

No seu atelier, no "Palácio da Guerra", nesta Capital, de quando em quando o general Ministro da Guerra, possuído da alma dos homens à Carlos V e Ganganelli, entra e pede licença para a sua curiosidade de soldado.

— Oh! general, a casa é sua! cuve de Manoel Madruga. E o velho militar, então à frente do pintor e com respeito igual ao do monarca diante de Ticiano, parece viver, mentalmente, a cena de seculos atrás e deseja a oportunidade de repeti-la no palácio da Praça da Republica.

Sim, porque os homens da nobreza daqueles tempos não se diminuam apanhando o pincel caído das mãos milagrosas de um artista, para entregá-lo ao seu dono.

Mas reedita, também, o gesto de D. Pedro II, em 1873, quando, indo a Roma, no dia imediato ao da chegada sai a visitar, entre as ruas humildes, um escultor que conhecera no Brasil e que, desorientado pela honrosa presença, lamenta que não a tivesse antecipado com um aviso: Para que avisar-lhe? Os artistas teem primazias sobre reis e imperadores.



JOCKEY CLUB MUNDANO

HOMENAGEM DOS JORNALISTAS A' MEMORIA DE LINNEO DE PAULA MACHADO

Domingo foi oferecido pelo Jockey Club Brasileiro um almoço à imprensa, o qual transcorreu num ambiente de muita cordialidade.

Além de um grande numero de cronistas especializados e da diretoria da Sociedade, compareceram ao ágape o major Coelho dos Reis, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, e o sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Após o almoço, na sala reservada aos jornalistas, no Hipódromo da Gavea, teve lugar a

inauguração de uma placa de bronze com a effigie de Linneo de Paula Machado por iniciativa dos cronistas, como delicada homenagem ao grande "turfman". Falaram então os srs. Brício Filho e Francisco Eduardo de Paula Machado.

Em homenagem à classe jornalística foi disputado o clássico "Imprensa", brilhantemente vencido por "Destaque".

O elemento social esteve ali representado pelo que possui de mais distinto a sociedade carioca.



IV SEMANA DE ESTUDOS POLICIAIS — Com uma solenidade no auditorio da "Gazeta" encerraram-se, na primeira quinzena deste mês, as atividades da IV Semana de Estudos Policiais, cuja realização todos os anos se deve ao Centro Academico de Criminologia da Escola de Polícia de São Paulo. A solenidade de encerramento foi presidida pelo secretario da Segurança, em São Paulo, sr. Acacio Nogueira. A mesa viam-se, ainda, os srs.: major Hipolito Trigueirinho, representando o sr. Interventor Fernando Costa; Antonio Carlos Alves Lima, representando o sr. Godofredo T. da Silva Teles, presidente do Conselho Administrativo; prof.

Antonio Carlos Cardoso, diretor regional da Defesa Passiva Antiaérea; Pedro de Oliveira Ribeiro Sobrinho, diretor da Escola de Polícia; Walter Faria Pereira de Queiroz, vice-diretor da mesma escola e oficial de gabinete do sr. secretario da Segurança Publica; prof. Leonidio Ribeiro; capitão Jaime Bueno de Camargo, assistente militar do sr. secretario da Segurança Publica; Euvaldo Chaib e Fernando José Fernandes, respectivamente presidente e ex-presidente do Centro Academico de Criminologia.

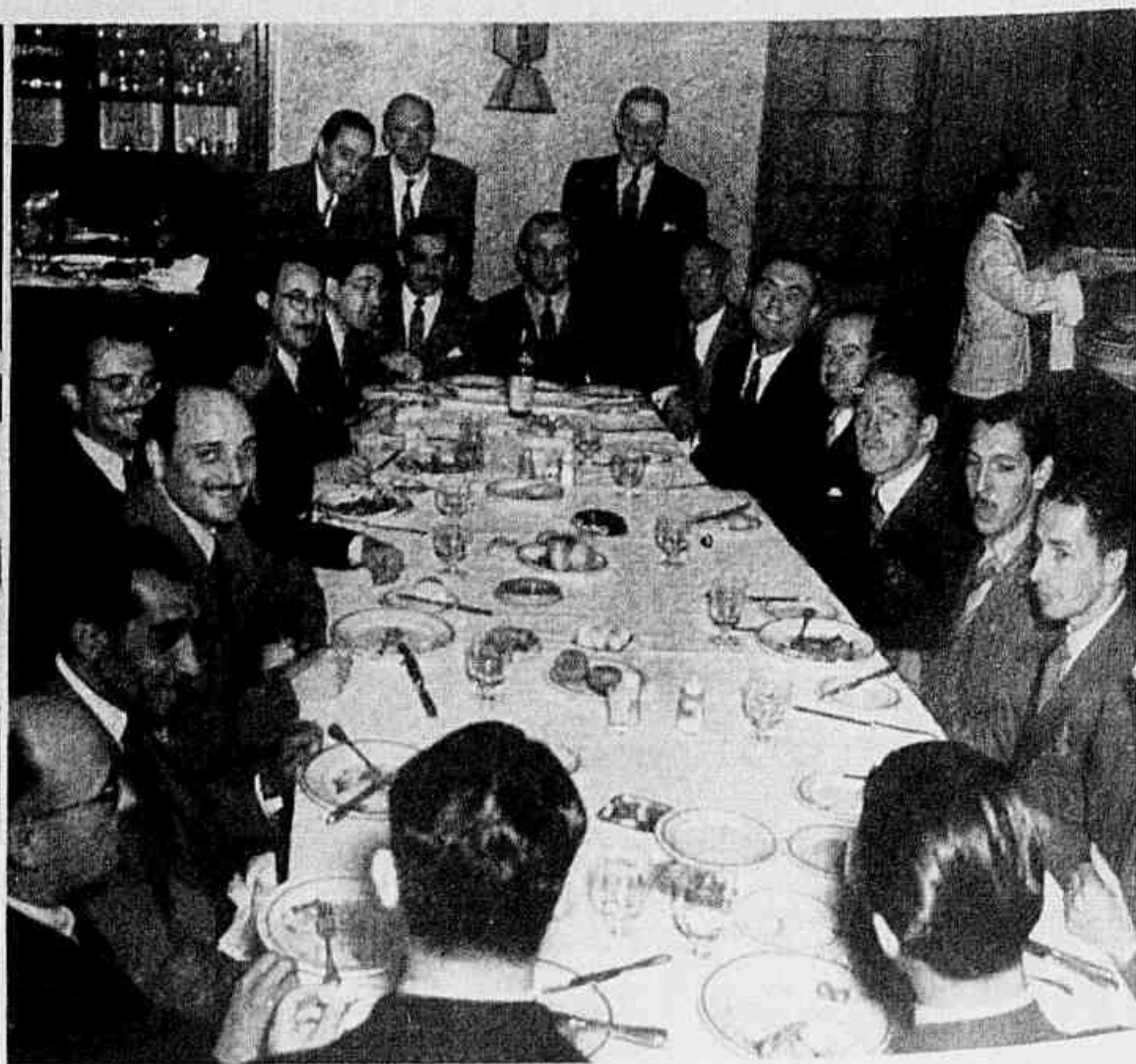
De São Paulo



GRANDE KERMESE NO JARDIM AMERICA — No parque da Sociedade Harmonia de Tennis foi instalada uma grande kermesse em beneficio das obras da Matriz de Nossa Senhora do Brasil. As festas foram encerradas com um jantar oferecido gentilmente na Barraca do bar pelas senhoras Roberto Alves de Almeida e Alfredo Veloso.

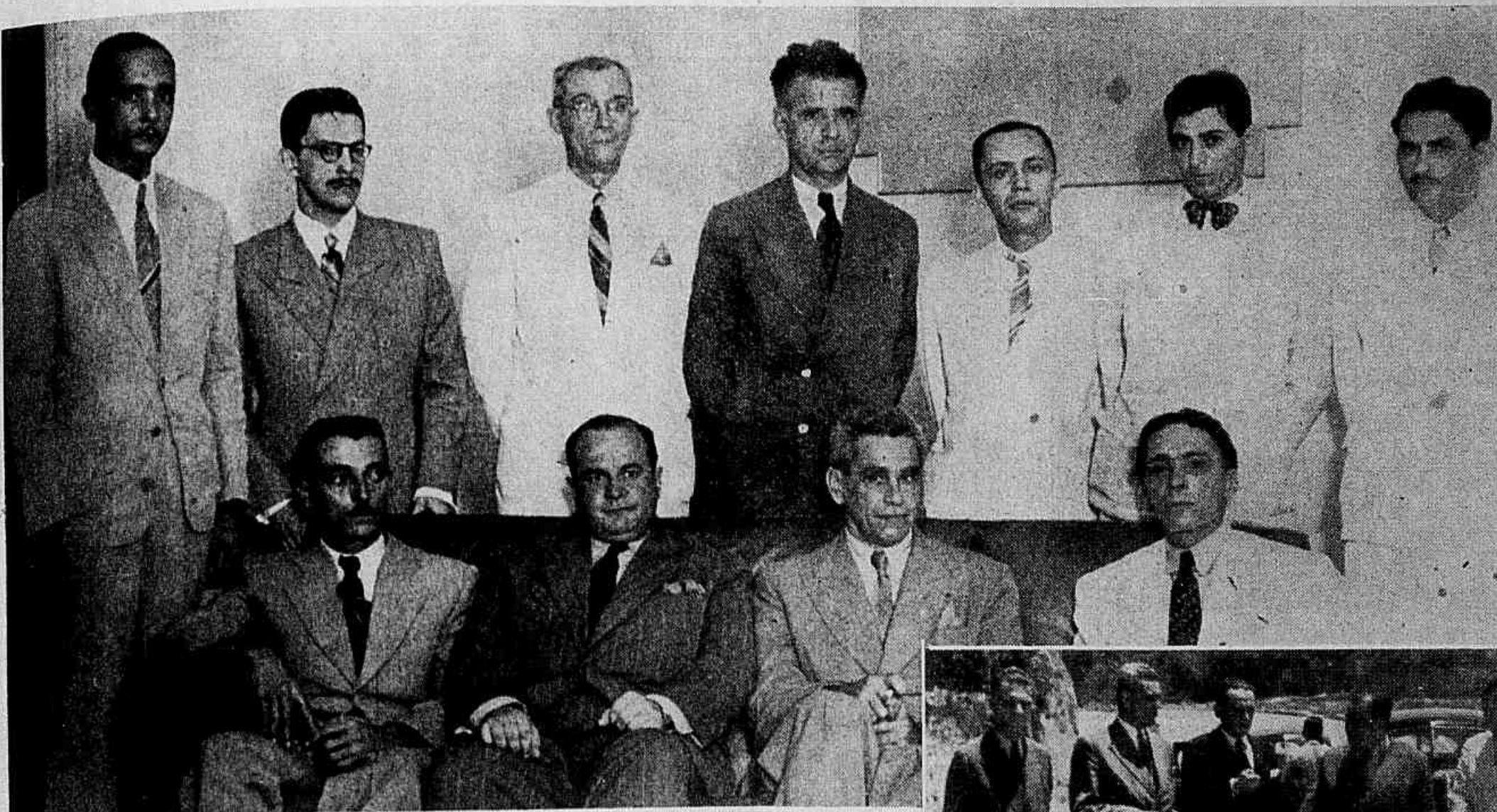


SAMARITANAS — Vem de concluir o curso mais uma turma de Samaritanas da Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo. Na foto acima vêem-se as jovens componentes dessa turma, num grupo apanhado logo após a sua ultima aula.



ALMOÇO DE CORDIALIDADE — Aspecto do almoço oferecido pela Radio Difusora de Porto Alegre à diretoria da Associação Paulista de Propaganda. Representando a A. P. P. compareceram os srs. W. da Silva, J. A. Sousa Ramos, Pedro Rosa, Rodolfo Lima Matersen, F. T. Orlandi, Jair Vasconcelos Emanuel Martinelli e Iopel Lopez. O professor Rocha Corrêa do Ceip, compareceu como convidado especial.

DOS ESTADOS



VISITA AO NORTE — Em missão especial esteve em visita ao norte do país o Dr. Silvestre Pericles de Goes Monteiro, Presidente do Conselho Nacional do Trabalho, inspecionando os órgãos da Justiça do Trabalho, Conselho Regional da 6a. Região e Juntas de Conciliação e Julgamento de Recife, João Pessoa e Maceió, bem como os Institutos de Previdência Social, Caixas de Aposentadorias e Pensões e Delegacias dos Institutos naquelas capitais. Por essa ocasião teve ainda oportunidade de visitar outras dependências representativas da produção e assistência social nos respectivos Estados. As fotografias mostram, a da esquerda, a visita dos trabalhadores dos Sindicatos de Recife ao Dr. Silvestre Pericles e a da direita um grupo formado pelo presidente do C. N. T. na estrada de João Pessoa a Cabedelo, em companhia do interventor Rui Carneiro e outros amigos.



Do Acre

Escolhida para rainha do "Sport Club Brasília", a senhorita Ernestina B. dos Santos foi alvo de efusivas manifestações de fidelidade por parte dos seus súditos. Na foto ao lado vê-se S. M. ladeada por damas de honra e pela Diretoria do Club.

Em baixo:

Da Bahia

UMA FAMÍLIA DE SE LHE TIRAR O CHAPÉU

Nesta época de aperturas gerais é um consolo para os olhos descobrir uma fotografia como esta, mostrando a admirável constituição duma família brasileira a que não mete medo o fantasma do racionamento e dos sucedaneos.

Trata-se do casal baiano, sr. Manoel Pedro de Araújo Goes e de sua esposa, posando ao sol, com o orgulho mais legítimo, ao lado de seus treze filhos robustos e sadios — Jorge, Lígia, Nelson, Lucilla, Angelita, Zilah, Luiz Armando, Terezinha, Gilberto, Antonio Luiz, Nilo, Nely e Darcy.

De hoje para amanhã

Entre "agora" e "mais tarde" pode haver inúmeras ocorrências. O presente é consequência natural do passado, como o futuro será preparado pelo presente.

Milhões de famílias no mundo todo estão a coberto da penúria pelo seguro de vida. O seguro neste particular é mais eficaz que todos os sonhos dos idealistas.

SUL AMERICA
Companhia Nacional de Seguros de Vida
CAIXA POSTAL, 971
RIO DE JANEIRO



ECOS DA SEMANA



O ministro Souza Costa pronunciando seu discurso.



Encerramos hoje as nossas reportagens sobre a Semana da Economia, cujo programa apresentou este ano iniciativas de grande interesse para todas as classes sociais. Ao fixarmos em páginas fotográficas os aspectos de maior relevo das cerimônias, mostramos aos nossos leitores o brilhantismo da meritória campanha de propaganda que a Caixa Econômica do Rio de Janeiro realiza anualmente com o destacado apoio da população carioca.



Quando falava o sr. Carlos Luz.

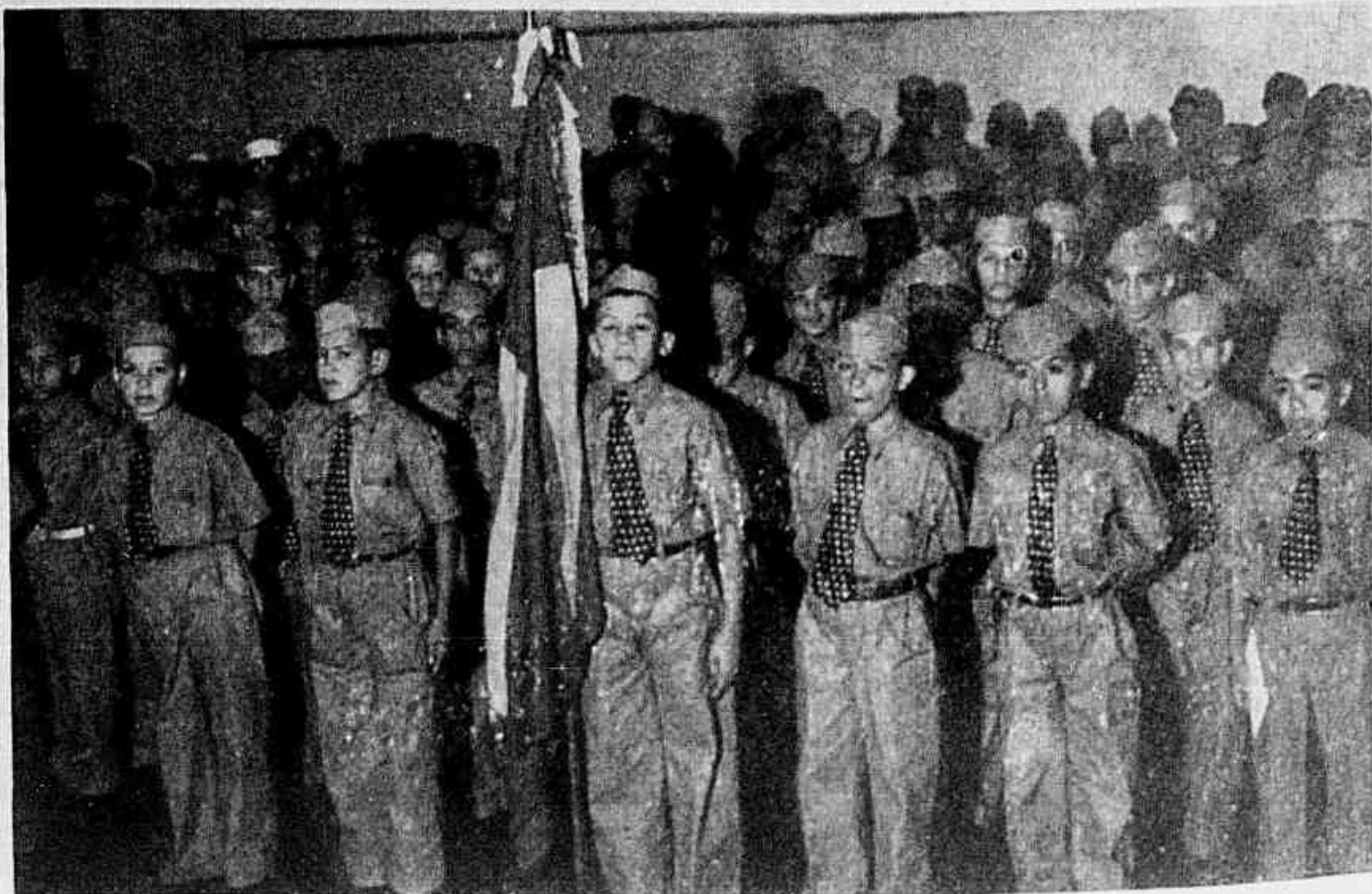


O ministro Souza Costa fazendo entrega do prêmio a um dos concorrentes vencedores.

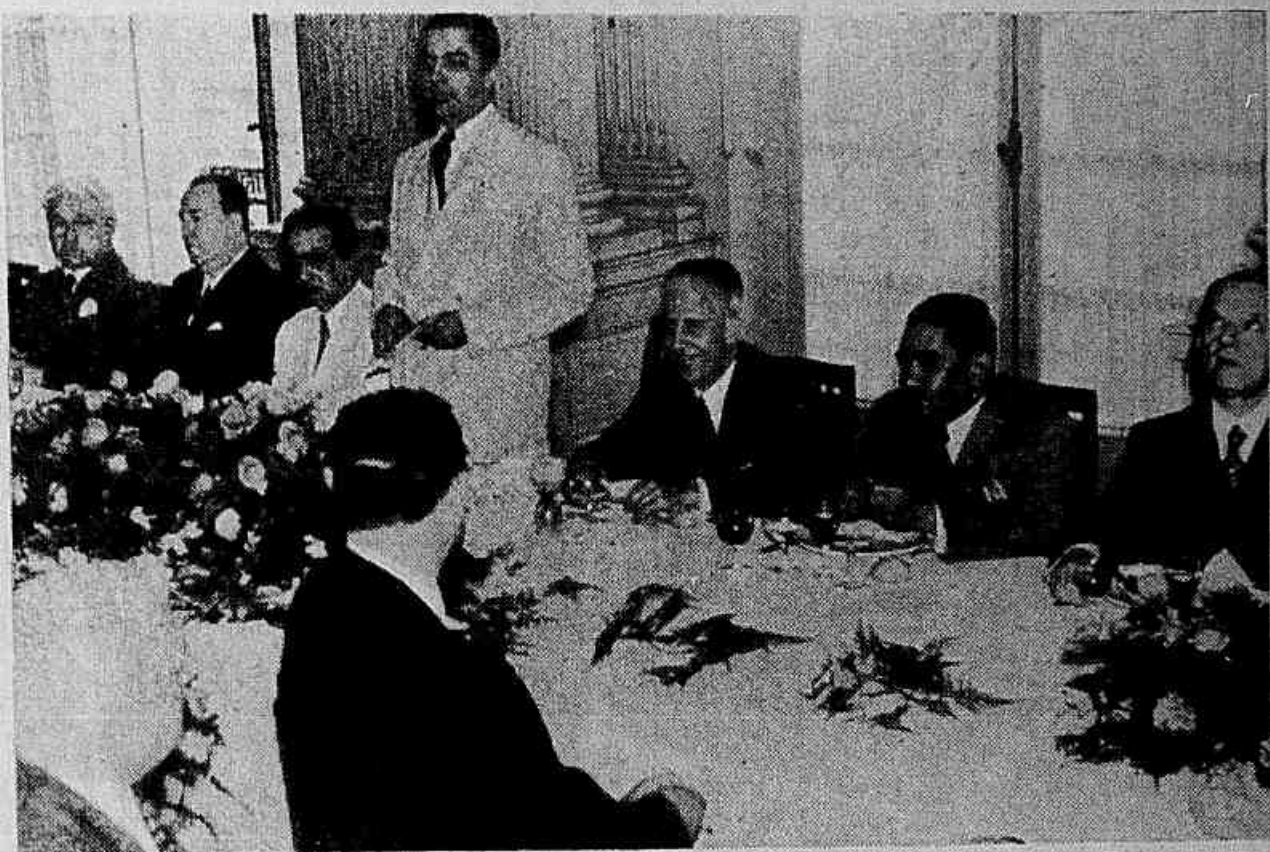


Outra festa altamente simpática da Semana da Economia foi a entrega de prêmios aos jornalistas da Fundação Darcy Vargas. Durante a solenidade, o sr. Romero Estelita, representante da sra. Darcy Vargas, leu uma mensagem do sr. Nelson Rockefeller dirigida aos pequenos auxiliares da Imprensa. Vê-se acima o sr. Carlos Luz, presidente da Caixa, quando entregava um prêmio e, ao lado, um grupo de jornalistas contemplados.

Vemos acima quatro flagrantes da solenidade de encerramento dos festejos no Teatro Municipal, contando com a presença de figuras de larga projeção nos círculos administrativos e sociais desta Capital. O discurso em que o ministro Souza Costa destacou a importância das reservas populares no esforço de guerra do País constituiu o fato de maior relevo da brilhante cerimônia. Coube ao titular da pasta da Fazenda distinguir os professores e literatos que receberam durante a festa os prêmios de um dos concursos da Semana da Economia, tendo palavras de aplauso e simpatia para os concorrentes. O sr. Carlos Luz fez um histórico do crescente progresso da Caixa Econômica, acentuando o impressionante aumento das reservas populares que se verificou nos últimos anos, chegando-se hoje ao invejável resultado de quase metade da população do Rio de Janeiro depositar as suas economias naquela instituição. A assistência, que encheu literalmente as dependências do Municipal, não poupou aplausos aos oradores e apreciou vivamente os números de arte que encerraram o espetáculo.



DA ECONOMIA



No momento em que o sr. Carlos Luz saudava os jornalistas cariocas. Vê-se o orador, ladeado pelos srs. major Coelho dos Reis, Herbert Moses, Pedro Timoteo, Oséas Mota e Miranda Jordão.

Após o encerramento da Semana da Economia a diretoria da Caixa Econômica ofereceu um almoço, nos salões do Jockey Club, aos homens de Imprensa pela colaboração que prestaram á execução do programa comemorativo, sendo feita a entrega dos prêmios aos jornalistas e fotógrafos indicados por uma comissão de que participaram figuras de projeção nas associações da classe. Falaram durante o almoço o sr. Carlos Luz, saudando a Imprensa, o sr. Ariosto Pinte, erguendo o brinde de honra ao Presidente da Republica, e representantes dos jornalistas e fotógrafos, agradecendo a homenagem da Caixa Econômica.



Um dos jornalistas contemplados recebendo o prêmio que lhe coube em concurso.



O sr. Arnaldo Vieira, chefe do serviço fotográfico da REVISTA DA SEMANA, fazendo o agradecimento em nome dos seus colegas. Ao lado: Grupo feito após o almoço, vendo-se o sr. Carlos Luz cercado por jornalistas. Em baixo: Aspecto do ágape.



NOTICIÁRIO ELEGANTE

28 Senhora Antonieta Niemeyer; dr. Candido Trancoso.

29 Senhoras Isa Ferreira Chaves, Maria da Gloria Maisonette; senhores Manoel de Oliveira Lopes, e Ruy de Alencar; dr. Otavio Valle.

30 Senhoras Magdalena Berquó Moses, Adail Thaumaturgo de Azevedo Carneiro, dr. Saul de Gusmão.

1 Senhora Julieta Campos Chesten; senhorita Cora Tavares de Lira; desembargador Artur Collares Moreira.

2 Senhora Jovita Campista; senhores dr. Eduardo Cicero de Faria, dr. João Vespucio de Abreu e Silva, dr. Walfrido Leocadio Freire, general Praga Rodrigues.

3 Senhora Léa Azevedo da Silveira; senhores Roberto Marinho, diretor de O GLOBO; conselheiro Carlos Ferreira de Araujo, dr. Carlos Muniz.

4 Senhores Benedito Valadares, governador do Estado de Minas Gerais; Filinto de Almeida, da Academia Brasileira de Letras; jornalista Osmundo Pimentel, dr. Jorge de Castro Barbosa.



Aspecto geral do banquete ao Embaixador Jefferson Caffery.

HORA PAN-AMERICANA

O jantar oferecido ao embaixador Jefferson Caffery, pelas classes conservadoras, foi, antes de tudo, uma festa panamericana. Diziam-no bem alto as enormes bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos desdobradas lá em cima, dominando as grandes mesas em U, com a viva alegria de suas cores quentes, com a majestade de todos os seus símbolos.

Às 8 horas, no salão nobre, ainda vazio, os cravos vermelhos e as tritônias alaranjadas repousavam na brancura das toalhas como silenciosa homenagem. No espaço entre as duas mesas, uma fonte luminosa borbulhava de um canteiro imenso de cravos, agapantos e violetas. E os garçons a postos, aguar-

dando ordens. Os ponteiros, no entanto, corriam. As luzes verdes e vermelhas dos ascensores não paravam, subindo e descendo. A equipe branca dos garçons ia, em breve, começar o trabalho.

Às 8.20 já regorgitavam os salões. *Smokings* mais *smokings*. Ministros de Estado e interventores; os nomes mais brilhantes do comércio; os aze das indústrias e das finanças.

O interventor Alvaro Maia contava a um amigo o milagre da Amazonia, ressurgindo, brotando, crescendo. Abordado pela reportagem, disse de sua satisfação em saudar o embaixador Caffery. Saudação que seria voz de um Estado agora estreitamente ligado aos Estados Unidos, pela força que a política econômica panamericana está dando à realização do *Discurso do Rio Amazonas*. Saudação do Brasil que agora, para o estrangeiro, não é mais só o litoral enfeitado de cidades, mas

se revela em toda a força de seu potencial econômico.

O coronel Costa Netto, entre os interventores Amaral Peixoto e Ruy Carneiro, comentava as últimas notícias do *front* africano. E, como as notícias são ótimas, o ilustre militar, *double* de administrador e de jornalista, irradiava entusiasmo. Inglês e português mesclavam-se no zunzum dos grupos. Prova de confraternização também. Saber a língua é compreender melhor a alma dos povos. E pelo aumento de matrícula nos cursos de inglês nos últimos anos se mede perfeitamente a intensificação da política panamericanista no Brasil.

OS TRES ARANHAS

Chegaram juntos, às 8.30 pontualmente. E, como é raro vê-los juntos, algum disse, junto de nós:

—Os tres Aranhas! O Oswaldo, o

Luiz e o Cyro são como o sol e os planetas; nunca são vistos ao mesmo tempo, embora vivam na mesma órbita.

As tres silhuetas altas dominavam o *hall*. E a cabeça do Chanceler, branca, luminosa, imediatamente foi rodeada por muitas outras. A aranha que vem tecendo, pacientemente, a teia forte da nossa política internacional, teia que não pôde ser rompida pelas moscas tontas do Eixo, prende imediatamente, nos fios invisíveis da sua simpatia, qualquer assembleia em que se encontre.

O HOMENAGEADO

O embaixador Caffery chegou às 8.40. Simples, tranquilo, amigo de todos. Até chegar ao salão, dezenas de mãos e de frases o detiveram, espontaneas, afetuosas.

A reunião não era a homenagem formal a um diplomata. Era uma festa fraterna, íntima, apesar dos *smokings*, apesar de tantas luzes, de tantas flores, de tanta gente. Aliás, se naquele salão estivessem cinquenta milhões de almas, todo este Brasil, o embaixador Caffery seria recebido assim, como um amigo e um companheiro.

Disse-o a reportagem o sr. João Daudi de Oliveira, um dos pioneiros do panamericanismo nos nossos altos círculos comerciais.

FRATERNIDADE

Disse-o mais tarde, no seu belo discurso, o dr. Manoel Ferreira Guimarães.

O embaixador Jefferson Caffery ali estava recebendo, das mãos do dr. Ferreira Guimarães, o diploma de sócio honorário da Associação Comercial.

Recebeu-o comovido, mostrando-o a todos, num gesto afetuosos de vitória. Gesto que os fotógrafos não perderam e que os refletores gulosos captaram.

DISCURSOS

Foram feitos no silêncio de gabinetes distantes. Entretanto, todos eles refletiam o mesmo sentimento panamericano. E em todos era filtrado pelo mesmo carinho o pensamento político que une indiscutivelmente os nossos destinos aos destinos americanos. Por isso, pôde dizer o embaixador Caffery:

"É para mim um prazer e uma satisfação declarar, aqui e agora, que o Brasil, graças à sua cooperação eficiente, prática e entusiástica com nosso esforço de guerra, tanto no terreno militar como no naval e aéreo, está contribuindo e continuará a contribuir para o desenvolvimento vitorioso desta guerra. Segredos militares não podem ser revelados, mas não é nenhum segredo declarar que isto também se aplica a acontecimentos que ora se verificam do outro lado do mar".



Flagrantes da homenagem, vendo-se alguns dos oradores; na foto acima o ministro Souza Costa e na inferior o dr. Manoel Ferreira Guimarães, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

NA INSTITUIÇÃO CARLOS CHAGAS

INAUGURADO O POSTO XX DA CRUZ VERMELHA



Flagrante apanhado na sacada do edifício onde funciona a "Instituição Carlos Chagas" quando da inauguração do Posto XX da Cruz Vermelha Brasileira, vendo-se na foto dirigentes, auxiliares e convidados.

A sessão solene de inauguração foi aberta pela diretora Sra. Alice Tibiriçá, tendo logo depois o representante do general Ivo Soares, presidente da Cruz Vermelha Brasileira, dado o Posto como inaugurado. Realizou-se ainda, durante a solenidade, a aposição do retrato do professor Carlos Chagas, patrono da Instituição onde está sediado o posto que vem de ser inaugurado.

As atividades da Cruz Vermelha Brasileira tomaram vasto incremento com a mobilização das forças morais e materiais do nosso país, que se apresta para uma participação cada vez mais efetiva na luta contra os nossos inimigos. Ainda agora temos o prazer de registrar a instalação do Posto XX, iniciativa da "Instituição Carlos Chagas", solenemente inaugurado no dia 12 deste mês.



Aspecto do Ambulatório do Posto apanhado em trabalho normal. Faz-se neste momento uma extração de sangue.

Coube ao ministro Paulo Hasslocher, um dos presidentes da Comissão Executiva da Instituição, exaltar a figura sempre memorável de Carlos Chagas. O professor Chagas Filho dirigiu palavras de agradecimento ao orador.

A solenidade compareceram destacados elementos do nosso alto mundo social.



Da esquerda para a direita: sra. Professor Carlos Chagas Filho, sras. Alice Tibiriçá, Lourdes C. Machado Costa e Adelaide Brito observando quadros do serviço social.



No negatoscopio, a Dra. Maria Augusta Tibiriçá com uma auxiliar examina chapas de Roentgen, dos serviços do Posto.

TODAS AS FANTASIAS LHE SERÃO PERMITIDAS NOS

Bolsos



Um vestido de seda de linhas comuns, para talhe 42. O bolso atravessa a frente do vestido, aberto somente dos lados, apanhado em franzido na parte superior. Seda pesada.



CASPA! CABELOS BRANCOS!

use **LOÇÃO XAMBÚ**

CABELOS BRANCOS ou GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL



Um casaco para lã, linho ou seda pesada. Você já tinha visto um bolso assim!



Um casaco amplo tipo americano, tão usado entre nós, mas com um bolso diferente.

V Bonbons **ITÓRIA RÉGIA**

Cerejas ao Marrasquino

OS MAIS CAROS

Incontestavelmente os melhores.

Senhoras!

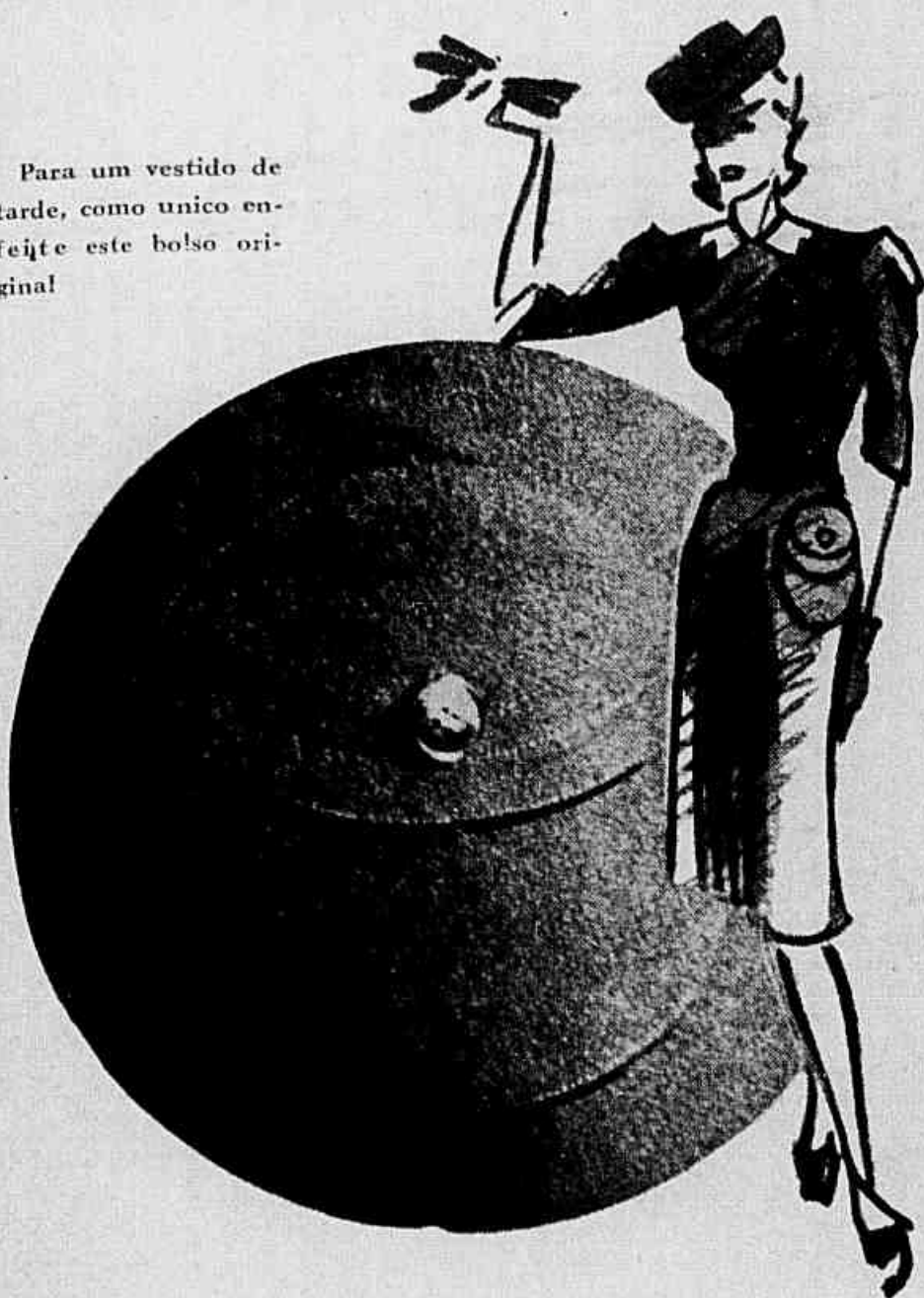
CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALHA DE MENSTRUACÃO

APR. PELA CENS. SAMET. N. 50-J-6

Para um vestido de tarde, como unico enfeite este bolso original



O CABELEIREIRO ACCOSSATO

avisa que seus salões são desde já refrigerados.

Avenida Rio Branco, 311.

Em um vestido preto ou marinho, para a noite, em seda brilhante este vestido "definitivo" preso ao cinto.

Um bolso duplo, descombinando a parte lateral, que poderia tornar elegantissimo qualquer tailleur em linho ou lã.

Conhece-se o grau de elegancia de um vestido pelo detalhe. Um vestido discreto, simples pode ser distinguido entre muitos outros apenas por um pnto: a graça de uma gola, a correção de uma saia, a alegria de um cinto colorido, o ineditismo de um bolso.

As fotografias que acompanham os figurinos destas paginas encerram varias sugestões que farão a leitora participar de nosso ponto de vista.

CORTINAS STORES MADRÁS
GRANDE VARIEDADE EM TECIDOS PARA ESTOFOS

CASA BEIRIZ
RUA 7 SETEMBRO, 82
TEL. 42-6964 - JUNTO A AVENIDA

RUGOL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE



PERSONALIDADE



Ser-se original, neste mundo "standardizado", é uma coisa difícil. Muita gente se esforça para descobrir, no modo de andar, rir ou falar, esse jeito diferente que faz com que uma pessoa sobressaia entre as demais. E é aí que se nos depara o *busilis*. . . porque para possuir-se originalidade, apenas, é preciso ter-se muito gosto. De contrário vai se cair direitinho na excentricidade, a qual fica a dois passos apenas do ridículo, quando já não está lá dentro.

É exatamente no arranjo de sua casa, minha leitora, que você deve demonstrar que é realmente original, porque têm bom gosto e é inteligente. Procure combinar com propriedade as suas idéias com os materiais aparentemente mais bizarros, realizando assim um milagre encantador de equilíbrio e beleza, aliado à função primordial de toda decoração, a qual é esta — proporcionar conforto e bem-estar, não somente ao corpo, porém principalmente ao espírito.

Um bom decorador, que entenda do ofício e saiba interpretar a sua sensibilidade a até o grau de sua educação, será auxiliar indispensável, quando você se resolver a arranjar melhor a sua casa.

EXEMPLO 16.º: — Note-se como foi aproveitado esse aposento, de forma irregular, em que a luz demasiadamente intensa, vinda de fora por um dos lados apenas, prejudicaria a sua adaptação como dormitório. Os móveis claros, estofados em *velvet Berdeaux*, têm um realce magnífico sobre o fundo constituído pela retunda de *sunderlin* estampado.

Tapetes macios pelo chão. Em cima dos móveis, flores, vidros de perfumes, *bibelots*. . . estes mil objetos que existem sempre num ambiente feminino e que os homens não sabem a que se destinam, embora sejam indispensáveis ao arranjo de toda mulher realmente encantadora.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

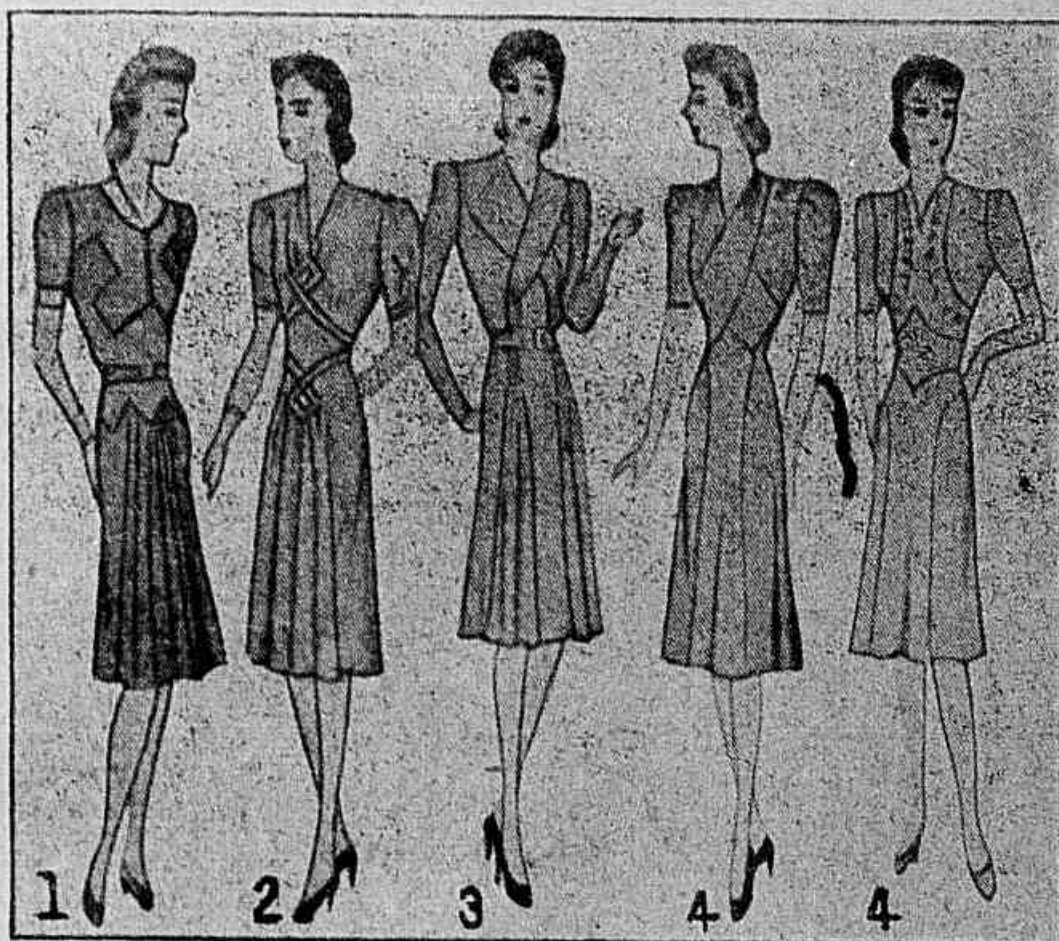
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

OS VESTIDOS DE NOIVA PODEM SER TRANSFORMADOS EM TOILETTES PARA A TARDE



1 e 1 — Vestido de noiva, de crepe Georgette, guarnecido com nervuras no corpo e pano franzido na frente. Na sua transformação para vestido da tarde, uma gola e punhos de renda nas mangas curtas, nervuras no pano da frente da saia e um cinto do próprio crepe. 2 e 2 — Este vestido de casamento é de crepe baço com incrustações de tiras de setim. A sua transformação é muito simples, apenas um decote em bico e mangas curtas. 3 e 3 — Vestido de crepe da China ou Georgette. A transformação consistiu apenas em ordens de franzidos nas pontas do fichu e nos panos da frente. 4 e 4 — Este vestido de crepe marocain de linha muito esbelta, pôde ser transformado em dois vestidos para a tarde. No primeiro são aproveitados apenas o fichu e os panos dos lados da saia, o resto do vestido executado com laize de renda. No outro vestido é aproveitada a cauda para substituir o tecido tirado para o primeiro. Uma guirlanda de flores bordadas, ou aplicada em renda recortada em volta do bolero.

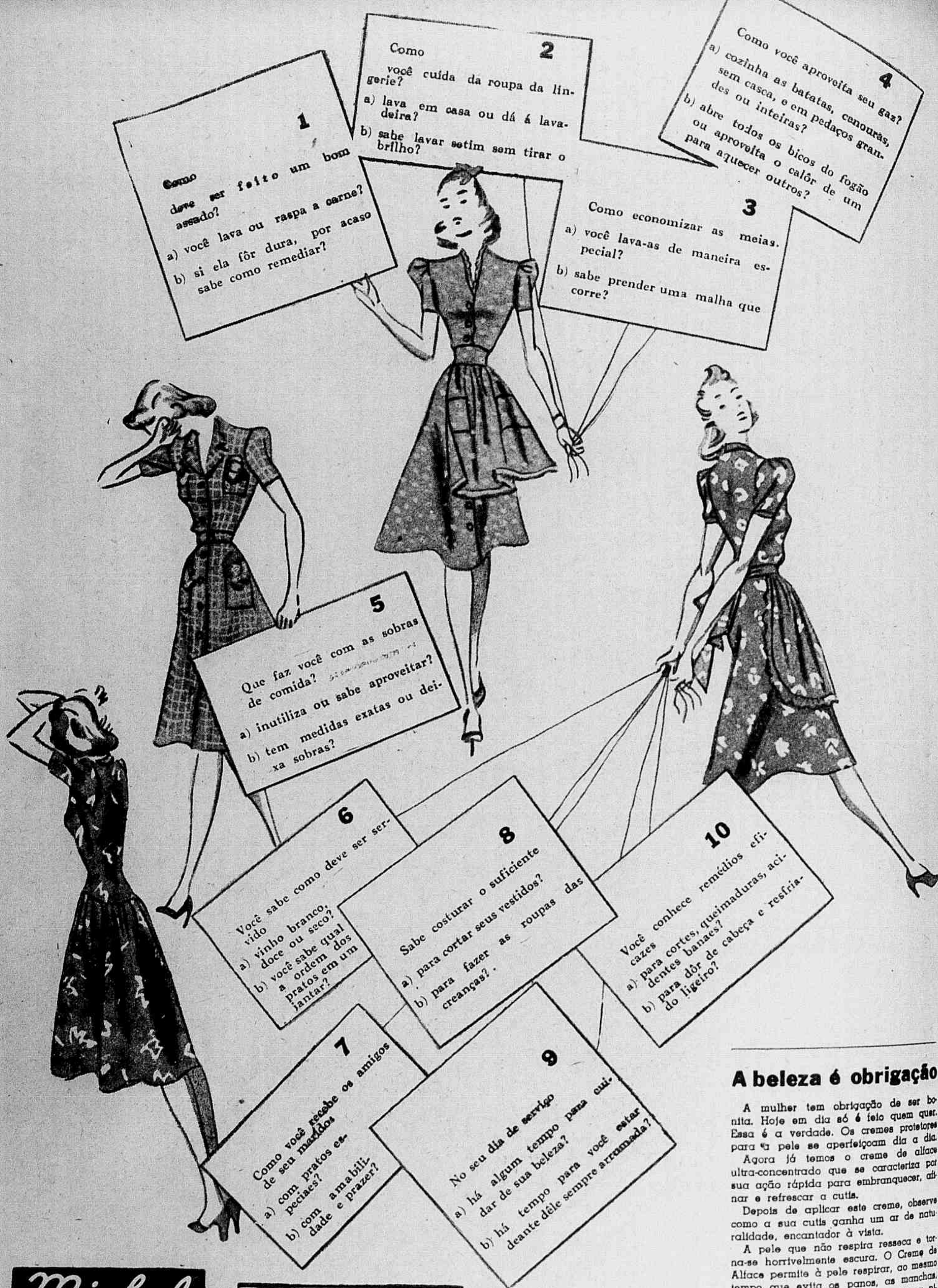


Nas coleções de modelos para o verão dominam os *ensembles*, porque no começo da época quente muitos são ainda os dias frescos e chuvosos; por esta razão quasi todos os vestidos trazem o seu complemento: casacos largos ou cintados, *boleros*, casacos muito curtos ou a *redingote*. Estes agasalhos são feitos no mesmo tecido do vestido que acompanham, alguns de fantasia como o do vestido, outros de um só colorido no tom dos desenhos ou do fundo, enquanto que outros são de tecido fantasia sobre vestido de um só colorido. Tendo pois estas *toilettes* dois aspectos, podem ser assim aproveitados os vestidos decotados para a noite em *toilettes* para jantar ou para casamentos.

Muito interessantes são as sugestões dadas para transformar os vestidos de casamento em *toilettes* para a tarde. Naturalmente querendo transformar desta maneira o vestido de noiva devem ser escolhidos para ele os crepes baços de preferência aos tecidos brilhantes. A *laize* de renda pode prestar seu auxílio nessas transformações, conseguindo-se até de um vestido com cauda fazer-se dois. Os vestidos de tecidos mais suntuosos tais como o *chamalote*, *lamê* prateado, setim podem ser transformados muito facilmente em *toilettes* para a noite.

Os bordados de côr tiram completamente o aspecto do vestido de casamento. Esses bordados podem ser dourados ou prateados nos vestidos mais elegantes.

MARINETTE



1
Como deve ser feito um bom assado?
a) você lava ou raspa a carne?
b) si ela fôr dura, por acaso sabe como remediar?

2
Como você cuida da roupa da lingerie?
a) lava em casa ou dá á lavadeira?
b) sabe lavar sem tirar o brilho?

4
Como você aproveita seu gás?
a) cozinha as batatas, cenouras, sem casca, e em pedaços grandes ou inteiras?
b) abre todos os bicos do fogão ou aproveita o calor de um para aquecer outros?

3
Como economizar as meias.
a) você lava-as de maneira especial?
b) sabe prender uma malha que corre?

5
Que faz você com as sobras de comida?
a) inutiliza ou sabe aproveitar?
b) tem medidas exatas ou deixa sobras?

6
Você sabe como deve ser servido o vinho branco, doce ou seco?
a) você sabe qual a ordem dos pratos em um jantar?

8
Sabe costurar o suficiente para cortar seus vestidos?
a) para fazer as roupas das crianças?
b) para fazer as roupas das...

10
Você conhece remédios eficazes para cortes, queimaduras, acidentamentos banais?
a) para cortes, queimaduras, acidentamentos banais?
b) para dor de cabeça e resfriado?

7
Como você recebe os amigos de seu marido?
a) com pratos especiais?
b) com amabilidade e prazer?

9
No seu dia de serviço há algum tempo para cuidar de sua beleza?
a) há algum tempo para cuidar de sua beleza?
b) há tempo para você estar diante d'ele sempre arrumada?

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Michel
O BATON
DAS MULHERES BONITAS

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Será você uma perfeita dona de casa?

Leia atentamente todas essas perguntas. Tome um papel e um lapis e responda-lhe. Confira-as com as respostas certas à pagina 51.

Conseguiu quarenta resultados positivos embora um ou outro método seja diferente? Nossos parabéns! A senhora é uma perfeita dona de casa!

Acertou trinta? Meus calorosos parabéns. E' bôa dona de casa.

Acertou 20? Dona de casa regular...

Menos de 20? Não mostre o resultado ao seu marido! E, si alguém convidar para responder, responda naturalmente — "Ora! tolices..."

E não vale estudar antes, na pagina 51.

S. DE S.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



20
Você conserva pessoal e cuidadosamente
a) seus moveis, tapetes e cortinas?
b) suas louças, cristais e talheres?

12
Você sabe fazer
a) um almoço bem rápido si seu marido trouxer um convidado?
b) é capaz de fazer doces e salgados para um jantar?

11
Sabe tirar manchas
a) de gordura?
b) de tinta e outras variadas?

13
Você saberia
a) lavar em casa uma peça que necessitasse tintureiro?
b) passar com perfeição camisas e calças de casemira ou linho?

14
Você é capaz
a) de ajudar seus filhos nos deveres?
b) de conversar com seu marido sobre os negócios dele?

16
Você sabe
a) receber visitas para almoço, jantar ou lunch?
b) tem o cuidado de cumprir obrigações sociais?

15
Você sabe fazer
a) sua casa agradável a seu marido?
b) agradável aos olhos, decorando-a sempre?

17
Você traz perfeitamente, em ordem
a) as roupas de seu marido?
b) o escritório onde ele trabalha, arrumando e dispondo papeis?

18
Você trata com carinho
a) os amigos de seu filho?
b) as caixas e latas que ele guarda?

19
Você tem habilidade
a) para fazer em casa alguns chapéus?
b) para fazer em tecido ou fio alguns tipos de bolsa?



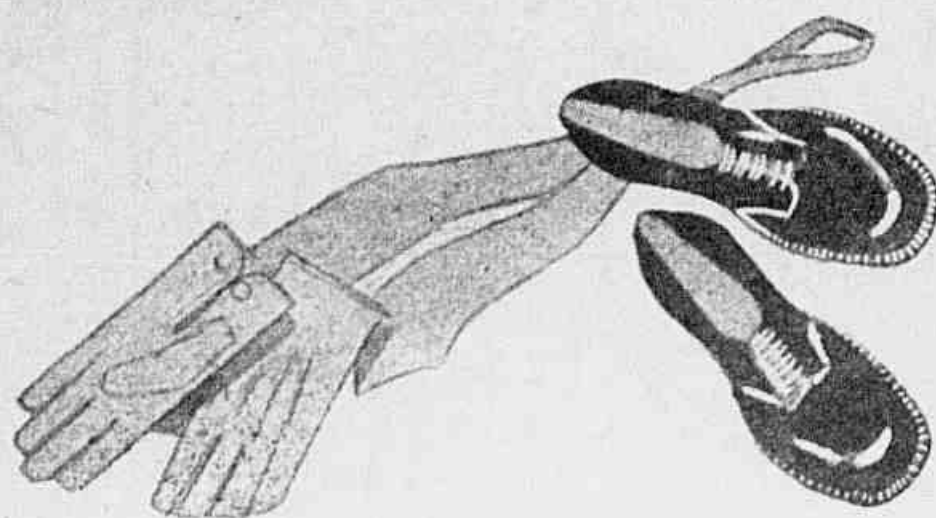
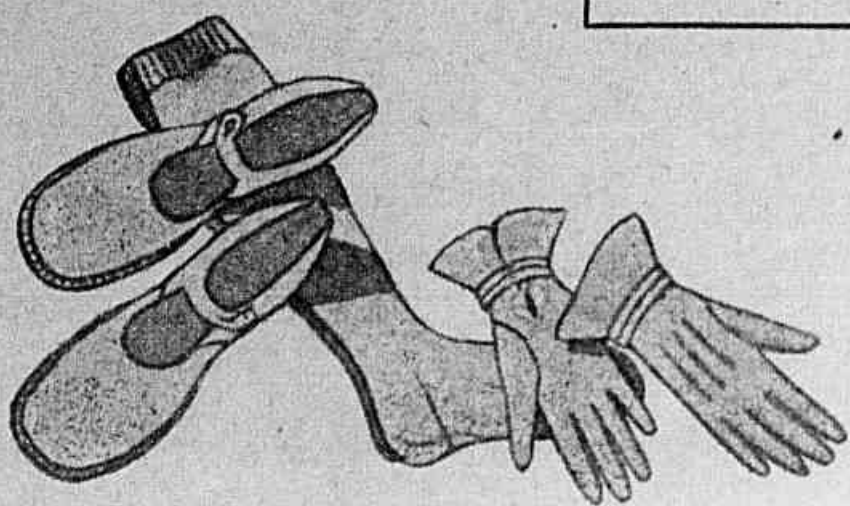
PRIMEIRA COMUNHÃO



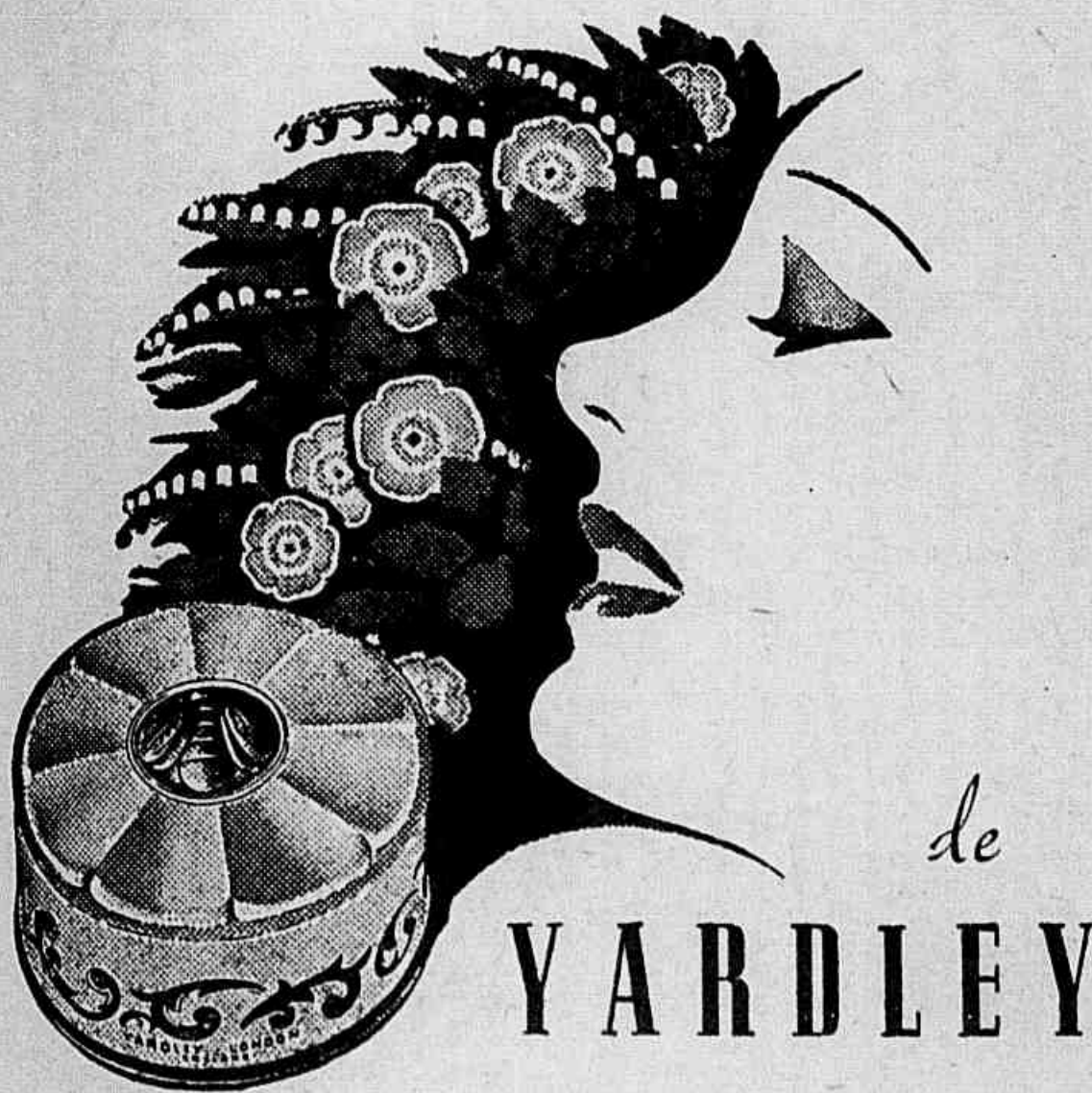
Vai chegar o dia de sua primeira comunhão. O dia em que seus filhos aprenderão a separar o bem do mal e a guardar o bem. O dia em que eles terão aberto deante dos olhos curiosos um mundo espiritual e místico. Como serão as roupas e os acessórios desse dia? Tudo muito simples, muito ingenuo, bem infantil. Não dê a sua garota o aspecto de uma pequenina noiva. Deixe de lado as grinaldas e prefira as tranças. Saias godets desde a cintura com preguinhas, rendas, babados. O véu amplo acompanhando a saia, saído da touca e não curto pelos ombros como algumas noivas. Nada de caudas! O sapato simples — e ainda é mais interessante o tipo sandália inglesa que ilustra esta página.

DUAS SUGESTÕES PARA MENINAS

A' esquerda — um vestido com a blusa e saia em nervuras; a touca com um talhe no meio enfeitada com renda engomada. Em baixo — outro vestido enfeitado com grupos de preguinhas. Na touca um ligeiro babado pregueado. A' direita — uma blusa adornada com preguinhas de rendas. Saia com préguas horizontais. Em baixo á direita — blusa e punhos com aplicações em renda e lingerie. A saia com um grupo de cinco preguinha.



PÓ DE ARROZ Bond Street



De uma consistência sutil e aveludada e com a propriedade de proteger a pele e aderir excepcionalmente, o Pó de Arroz Bond Street permanece na cutis, conservando seu delicioso perfume a despeito do sol, chuva, vento ou umidade. Dentre os sete matizes apropriados para todos os tipos de cutis, CAMEO é o mais moderno e atraente.

Bond Street PERFUME

Uma sutil e inebriante fragrância de suprema qualidade. Um dos perfumes de mais alta distinção e beleza criados nos últimos tempos. É o mais moderno Perfume desta estação e é usado em todos os momentos solenes.



42/1

YARDLEY • 33, OLD BOND ST., LONDON • ENGLAND

Numeros atrasados desta revista
no Distrito Federal

Procurar á Rua Maranguape, 15 -- Telefone 22-2550

PEBECO

a pasta dentifricia ideal

proporciona dentadura branca,
depura e perfuma o halito,
fortifica as gengivas
e vivifica toda a boca.



Problemas de sua vida

1) "Sinto-me profundamente infeliz, perto mesmo de um ato de loucura. Perdi meus pais muito cedo ainda, mais cedo encontrei o "vilão" da minha historia. Há dois anos tento reagir e trabalhar, apenas porque tenho um filho de três anos que só pode contar comigo. Tenho 25 anos, queria deixar meu filho, definitivamente, nalgum lugar. Asilo ou casa de família onde alguém o criasse e fizesse dele um homem. Eu me sinto cansada. Poderia me indicar algum lugar?"

Não. E espero, sinceramente, que você não o encontre. Você sabe o que é um filho? Não é um moço que você dá quando a sala é pequena, um objeto que você joga fora quando não cabe na mala. Ele é a sua continuação e se existe agora deve-o exclusivamente a você. Por que não pensou nisto na hora em que encontrou o "vilão" da sua historia? E alguém com 25 anos e um filho não tem o direito de sentir esse desanimo e esse cansaço. Continue lutando, continue aceitando dias difíceis. Por maior que seja a luta e mais pesado o sacrifício, resta-lhe uma grande razão de estímulo: você tem um alvo, tem um horizonte. Qualquer mulher sem coração, sem elevação de sentimentos daria o filho como se fosse possível dar a outrem um órgão ou um membro do proprio corpo. Os sofrimentos não a levarão a um ato de desatino, porque você é mais forte do que a desventura. E quando, como uma onda, ela passa, sua força continua.

Não dê o seu filho. Para que você trabalharia depois? Para comer, dormir e vestir? Mas depois de tanta coisa séria e grave seria importante comer, dormir e vestir? Será a sua vida, de 25 anos, tão importante que precise afastar, isolar a dessa criança, que talvez seja, quem sabe, um grande homem? Leve para a frente as suas dificuldades. E leve também a certeza de que em todo o mundo só o seu esforço, a sua luta tem um alvo: fazer do seu filho um homem. Trabalhar para fazer dele um homem e um bom. E depois descansar á sombra dele. Haverá, para uma mulher, razão maior?

2) "Meu marido é protestante e eu sou católica. Sempre vivemos felizes. Uma verdadeira continuação do nosso namoro. Agora nossa filha tem cinco anos e o primeiro choque se inicia: ela será protestante ou católica? Começamos já a brigar por causa disto. Que me diz?"

Não esqueça que você não pediu a palavra de um protestante ou de uma católica. Pediu apenas a palavra de alguém que olhe para a sua felicidade. Respondo-lhe com absoluta isenção de animo: como se as religiões fossem de eras passadas. Todos os problemas do seu lar devem ser resolvidos pelo seu marido. E onde houver a necessidade de uma cabeça, essa cabeça será a dele. Logo, nesse e noutros pontos, para que a sua felicidade perdure, deve ser feita a vontade dele. Para os religiosos praticantes, fervorosos, a religião é uma segunda língua, um óleo espiritual que unge todos os atos, todas as palavras — e sendo assim como vocês têm conseguido uma vida tão feliz com essa diferença?

3) "Meu único filho, fruto de cansaços e sacrifícios, noites em claro, perda de saúde e mocidade, quer se separar de mim a serviço da Patria. Sei que ele se portará como homem, e sei também que está preparado para isto. Mas sinto-me desesperada. Temo que lhe aconteça qualquer coisa, um enfraquecimento, uma infelicidade..."

Faça a seu filho uma grande justiça se ele é de verdade um homem: não terá enfraquecimentos nem líricas e palidas infelicidades. As provas duras, a vida difícil, as privações só conseguem fazer de um homem muito mais homem. Ele voltará mais forte, libertado das falsidades que possa ter lido. E depois lembre-se disto: a senhora gastou anos e anos para fazer dele um homem, para que ele tivesse ideias proprias, liberdade de atos e gestos—deveria, agora, ter vergonha dele e considerar perdido o seu esforço se não o sentisse com coragem, arrojo para defender essas ideias e garantir-se o direito de ser livre. E, indo a serviço da Patria, ele vai a seu serviço, a serviço de todas as mulheres e todas as crianças: num posto avançado de defesa para que amanhã ninguém seja capaz de ensanguentar suas cortinas, deixar cair um monte de tijolos sobre a mesa de tantas refeições alegres...E' isso, em ultima análise, a defesa da Patria. Da mesma Patria que por ser livre e grande deu á senhora a possibilidade de fazer de seu filho um homem. Ele agora em troca disso lhe pede o primeiro de todos os seus deveres: ainda que você saiba trabalhar como enfermeira, como orientadora de tráfego ou qualquer outro serviço você nada estará fazendo nesta guerra se não souber deixar o seu filho, o seu marido, o seu irmão partir com um grande sorriso de confiança e coragem. — E' o seu dever. E um homem só vale quando sabe cumprir o seu dever.

4) "Tenho uma filha de 11 anos que começa a ser moça. Penteado, pintura, espelho o dia todo, querendo vestidos compridos, exibindo poses, imitando artistas e procurando seguir todos os acontecimentos de radio. Ouve todas as novelas e todos os radio-teatros da cidade. Não sei o que deva fazer para que ela volte á infancia..."

Mas é tão simples! Bastará fazer valer, energicamente, sem voltar atrás a sua autoridade. Faça, sem apelo, os vestidos infantis, o cabelo voltar ás tranças, proíba as pinturas e troque o radio e o cinema por um parque, pela praia. E insista em ridicularizar as "poses" de artista de cinema. O radio—teatro, geralmente tragico, com dramas de mocinhas apaixonadas ou o "íngata! infiel, matar-te-ei com um tiro", vai criando na criança a necessidade de uma outra vida. E o cinema completa tudo... Depende apenas de você. E é facil.

5) "Meu problema não é amoroso. Sou amada, sou feliz. Meu problema é puramente espiritual. Casei-me com um homem levada por um profundo amor—escondi-lhe, no entanto, um passado amargo. Mudamos de cidade, porisso mesmo fui levada a esconder. Agora três anos passados, com dois filhos, vamos voltar para essa cidade. Sei que temos inimigos e sei que ele acabará sabendo por intermedio de várias pessoas. Sinto ruir três anos de felicidade que eu merecia, porque tenho sido honesta e correta. Que fazer?"

Seu erro vem de longe e seria tão mais simples contar tudo há três anos. Se ele a amasse de verdade e fosse alguma coisa superior teria sabido perdoar. E sua vida não teria mais fantasias. Antes que seja tarde de mais, fale agora. Você tem a seu favor três anos de dedicação e honestidade. Será muito melhor que ele saiba de tudo pela sua boca, do que pela palavra maldosa de um estranho. Conte tudo. Terá coragem e saberá falar. Pelo que já sofreu.

E' uma hora muito importante para sua vida. Saiba defendê-la. Lembre que você não é má — e que atrás de cada erro praticado por você deve ter havido uma ilusão, um engano. Diga-lhe isso antes que alguém lhe mostre atrás dos seus erros apenas a intenção de errar. A seu favor três anos de vida comum, para você defender o resto de sua vida. Não hesite.

6) "Tenho 15 anos e estou loucamente apaixonada. Ele tem 17 e é estudante do 5.º ano ginasial. Eu estou no 3.º. Eramos muito felizes, até aparecer uma colega minha que o tem tentado conquistar. Que deverei fazer?"

Aprender a fazer um pouco de tricot ou crochet, tomar interesse pelos serviços de sua casa, melhorar sua amizade com a gramática e aconselhar esse rapaz a pensar na sua carreira e a trabalhar desde já dentro dela. E guardar essa vontade de problemas para mais tarde. Quando eles chegarem, de verdade.

SAGRADOR DE SCUERO.

INFÂNCIA



Quem não se lembra do "pegador", do "acusado"?
Chega a ser uma reminiscência, tão longe está das
nossas ruas...

Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Va-
mos dar a meia volta, volta e meia vamos dar...



Quando a tarde chega nos bairros humildes e a gente leva a passear um romantismo lórá de moda, não encontra mais a infância pelas calçadas.

Nossos ouvidos estão plenos das cirandas da Terezinha de Jesus, senhora Dona, do alegre e movimentado "Boca de Forno". É a hora dos brinquedos ingenuos, do homem que vende pipoca passar apregoando. Nossos olhos esperam ansiosos as crianças de outro tempo que brincavam assim.

Agora a gente ouve: "Pega mocinho!" "Ai, centelha!" "Eu sou o Fagulha!" "Dá um soco na cara dele!" "Isto aqui é a metralhadora!" "Ou então o ritmo mais um, mais um, mais um!"

As crianças não sabem mais brincar. Perderam a graça, o encanto, a beleza. Brincam de gente grande, de violência, de agressão. Já falam em resolver o caso com soco e tiro.

Sua infância, mamãe, foi mais bonita. Você pulou a amarelhinha e brincou de "que horas são?" e veio muito mais construída para a mocidade. Seu filho brinca de guerra e de dar tiro, de mocinho e de dar socos. Chame-o um instante. Deixe seu coração falar e vá eliminando os homens de aço, os mocinhos, os bandidos.

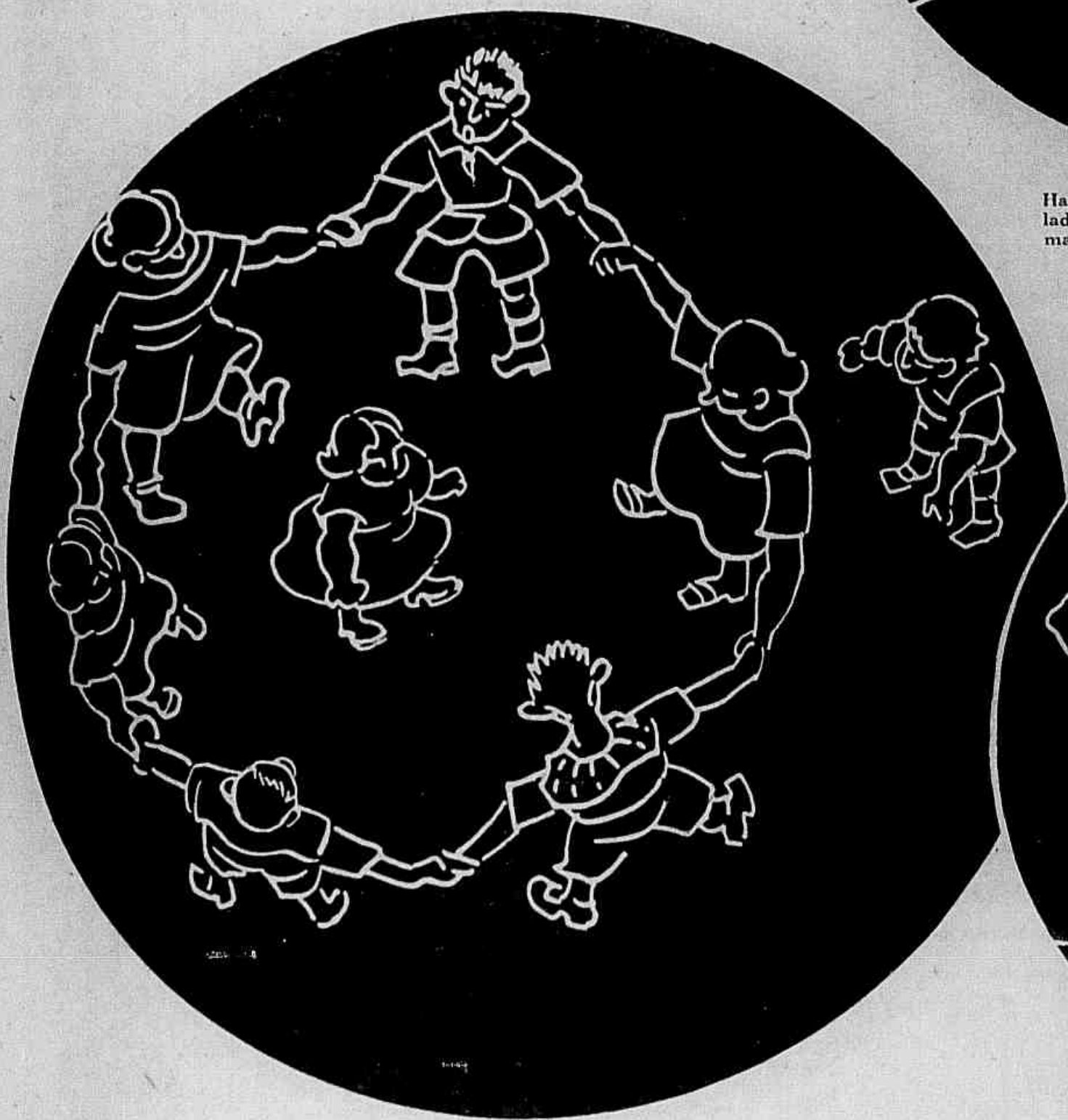
...e quando a noite chegar haverá na sua rua uma alma musical. A infância terá voltado à infância e a as cirandinhas estarão revividas na voz fraca e desatinada de uma garota de trança.

Haverá uma grande roda na sua rua — todas as crianças de mãos dadas. No mundo dos adultos as mãos se levantam agressivas e há muito mocinho salvando mocinha das mãos de bandidos. Muito tiro, muita violência. Mas na sua rua, no mundo dos seus filhos, as cantigas simples estão fazendo reviver velhas emoções em seu coração. A música bonita e ingenua está embalando tudo — a sombra das arvores os seus sonhos e as "estrelas que brincam de roda nos olhos dos seus filhos"...

CRIANÇAS BRINCAREM



As crianças de mãos dadas não deixam o gato
pegar o rato que está dentro da roda ...



Ha na grama, para evitar acidentes, dois pontos: um de cada
lado. O garoto tem a perna ligada por uma corda fina e
macia, e cada um tenta levar o outro para o seu pouso.



Ele é o "pegador?". O menino que pegar
correrá com ele de mãos dadas. Até o
último, perseguido por todos os outros
de mãos dadas, que passa a ser o "pt-
gador".

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DA ENERGIA AOS MUSCULOS

Numeros atrasados desta
Revista no Ceará

Pedir a
J. ALAOR ALBUQUERQUE

Praça do Ferreira, 621 — Fortaleza.



Vamos cozinhar legumes?

LEGUMES COBERTOS — Escolha os legumes de sua preferencia, corte-os em pedaços miúdos e refogue-os em manteiga com cebola picada e sal. Fogo brando, panela abafada, juntando apenas a agua indispensavel.

Quando estiverem cozidos coloque-os em prato que vai ao forno e cubra com claras batidas em neve com queijo parmeão. Leve ao forno, retire quando a clara estiver corada.

SANDUICHES DE XUXU' — Cozinhe o xuxú e corte-o em fatias iguais. Coloque entre uma e outra uma fatia fina de queijo fresco de Minas. Passe pelo ovo batido e pela farinha de trigo e frite em banha quente.

PUDIM DE LEGUMES — Cozinhe legumes de sua preferencia. Passe-os pelo espremedor em peneira, conservando a agua que eles soltarem. Bata bem, juntando meio quilo de legumes, meia chicara de chá de farinha de trigo, uma colher de sopa de manteiga, uma gema. Se sentir pouca consistencia no pudim, junte mais farinha, tres claras em neve com parmeão ralado, misture brandamente e leve ao forno quente, deixando corar. Sirva colocando á volta espinafre cozido, batido com o corte da faca e passado em manteiga.

CENOURAS AO LEITE — Cozinhe a cenoura, corte em talhadas e leve ao fogo cobertas com leite, queijo ralado e sal.

CREME DE PALMITOS — Doure em banha fatias de cebola, junte tomate, cheiro verde e agua suficiente para caldo de sopa, sal á vontade. Cõe esse caldo, junte uma gema desmanhada,

palmito, parte em pedaços grandes e parte bem picada, maisena suficiente. Deixe engrossar em fogo brando.

BRÓCOLOS NO AZEITE — Limpe o brócolo, tire os fios, cozinhe, frite em azeite com pedaços de alho.

COUVE-FLOR DE FORNO — Cozinhe a couve-flôr inteira. Lave-a antes em agua avinagrada deixando sobre o marmore alguns instantes para que fique bem limpa. Depois de cozida junte manteiga derretida e leve ao forno.

COUVE-FLOR DORÉ — Cozinhe a couve flôr aos pedaços, passe um ovo batido com presunto passado pela maquina, farinha de trigo e frite em banha quente.

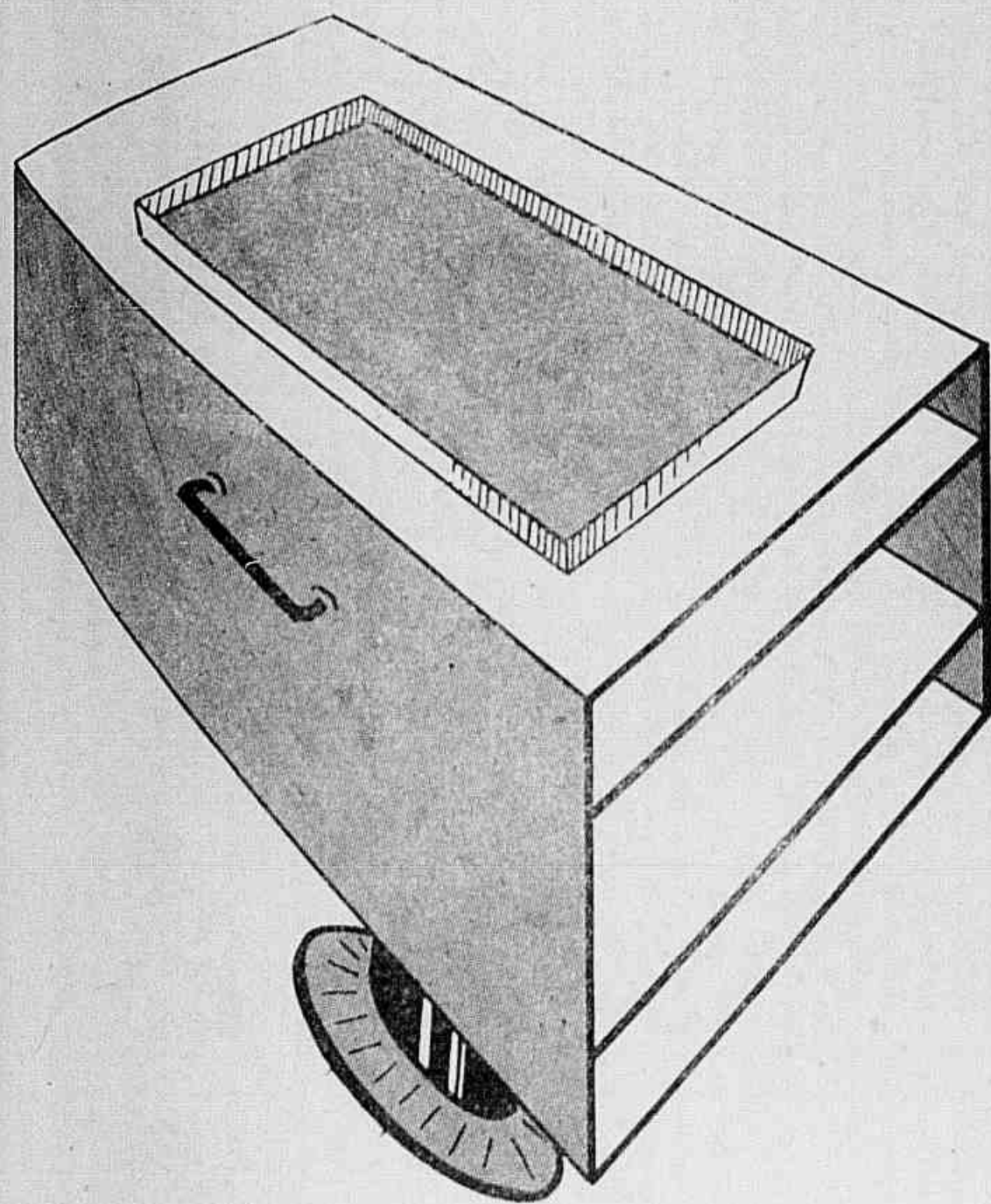
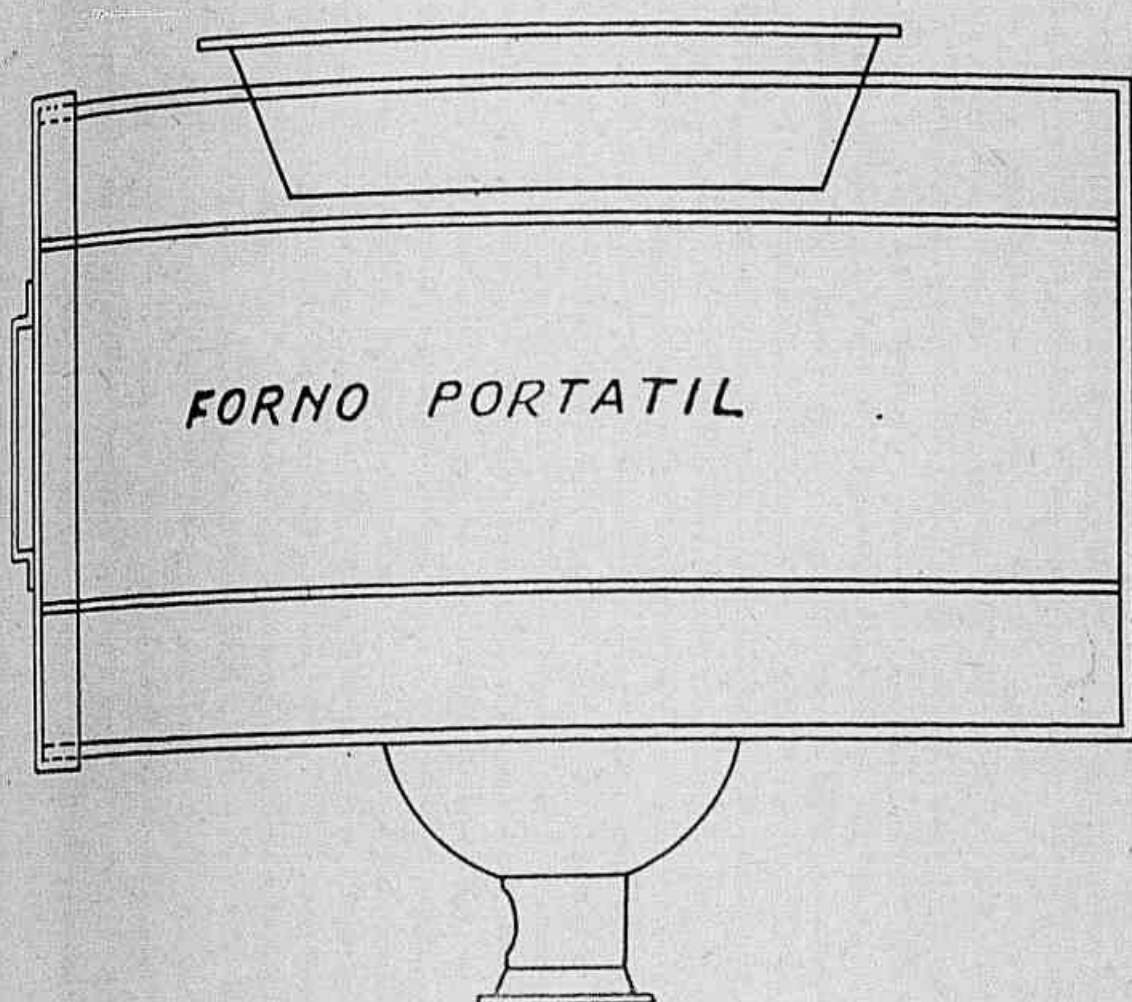
TORRADAS DE ESPINAFRE — Cozinhe o espinafre, bata-o bem na tábua de carne com o corte da faca. Passe em manteiga e junte, para um prato fundo de espinafre, uma chicara de chá, de leite e uma colher de sopa rasa de maisena. Em fogo brando deixe engrossar até se tornar creme.

Em torradinhas de pão de 10 centavos coloque uma camada de creme e uma fatia de ovo cozido.

Quando cozinhar legumes considere: que o fogo deve ser brando, a panela abafada, pouca agua, para que eles fervam no caldo; querendo conservar o verde das verduras não abafe a panela e junte uma colherinha de açúcar;

não revire os legumes com garfo ou colher, para não os desmanchar. Agite a panela apenas.

UM FORNO PRATICO E EFICIENTE PARA A ECONOMIA DO GAZ



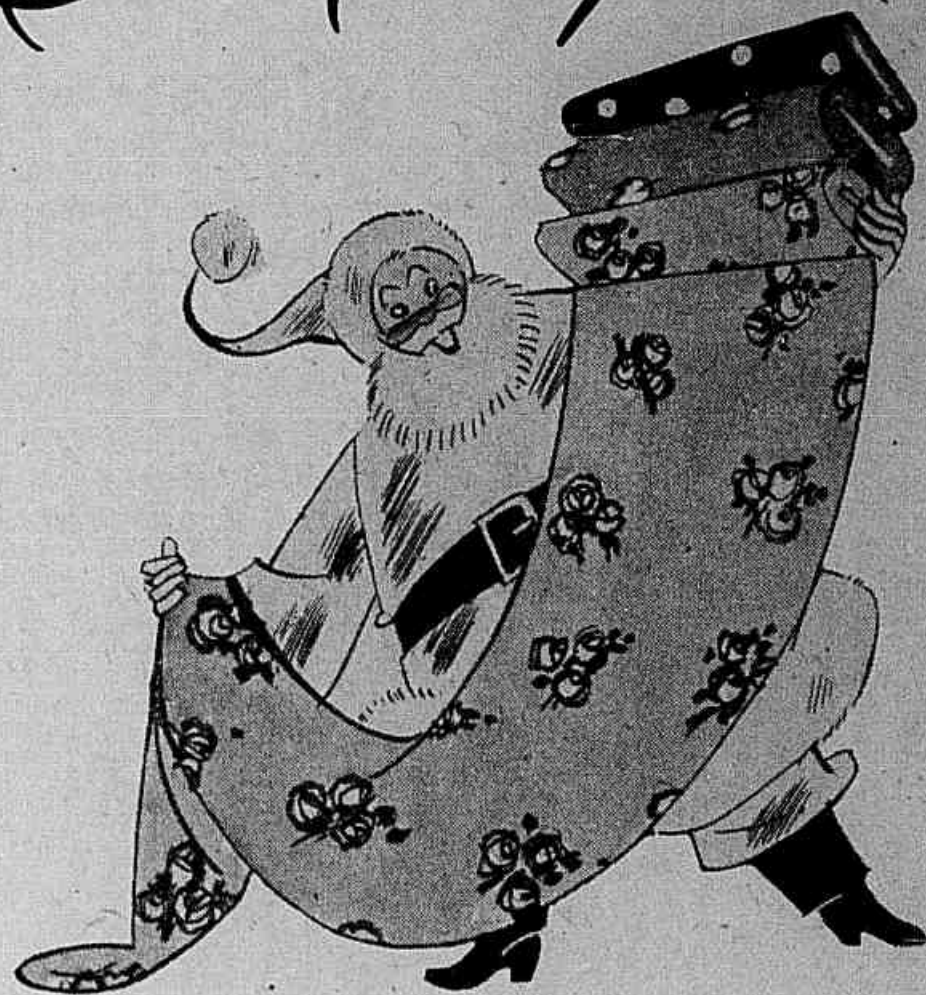
Economia de gaz não é economia de dinheiro para equilíbrio de orçamento. E' um gesto patriótico de compreensão da hora presente. Como dona de casa você sabe que duas coisas, principalmente, são responsáveis pelo gasto de gaz: o aquecedor e o forno. Para remediar os gastos do primeiro existem várias sugestões: utilizar aquecedor elétrico, chuveiro elétrico, tomar conhecimento do verão que está chegando...

Para substituir o forno tão dispendioso do seu fogão a gaz, sugerimos este a carvão, portátil, economico e eficiente. Faça o seu de acôrdo com o desenho e diga depois se é ou não uma ótima sugestão.

O material a ser utilizado são duas latas de banha de 20 quilos. Uma para a parte externa e outra para a interna: prateleiras e tampa. O forno deve ter dois buracos: um na parte superior onde será colocada uma grelha; outra na parte inferior, que ficará sobre o fogareiro. A primeira prateleira não deve ser usada, porque recebe as cinzas da grelha. O calor do forno é mantido pelas brasas do fogareiro e da grelha, que devem ser renovadas com carvão.

O presente modelo foi-nos enviado pela nossa leitora madame Campos do Nascimento.

O melhor presente



PAPAI NOEL ACONSELHA:

PARA A ESPOSA, NOIVA, IRMÃ OU NAMORADA, O MELHOR PRESENTE DE FESTAS E' UM CORTE DAS MARAVILHOSAS

SEDAS

DA NOTRE DAME DE PARIS.

O ADMIRAVEL SORTIMENTO DE SEDAS E TECIDOS FINOS DA NOTRE DAME ENCANTA E SEDUZ PELA QUALIDADE E PELA BELEZA DAS CORES VARIADAS E ORIGINAIS E PELAS PADRONAGENS MODERNÍSSIMAS.

Notre Dame DE PARIS

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO - OUVIDOR, 182

VESTIDOS PARA O VERÃO

- 1— Vestido de linho verde, bordado com linha branca.
- 2— Vestido de linho branco com gola e punhos de linho verde. Bordado de pespontos executados com linha verde.
- 3— Vestido de linho vermelho com pintas pretas, gola, punhos e cinto de fustão branco.
- 4— Vestido de linho branco, com cinto vermelho. Uma corrente de metal dourado dá uma nota original a esta toilette singela.
- 5— Vestido de voile de fantasia guardado com viezes do tom dos desenhos.
- 6— Vestido de linho branco, bordado com linha vermelha.



Vestido de crepe de fantasia com aplicações de franzidos no corpo e na saia.



A esquerda:

Vestido de crepe vermelho, enfeitado com viezes de crepe branco e festonados vermelhos.



Aguardem
A EDIÇÃO DE NATAL DA
Revista da Semana
MAIOR NUMERO DE PAGINAS, MAIS
MATERIA. PAGINAS COLORIDAS.

Toilettes elegantes para cortejo de ca- samento ou para a noite

MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuízo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.



1-



2-

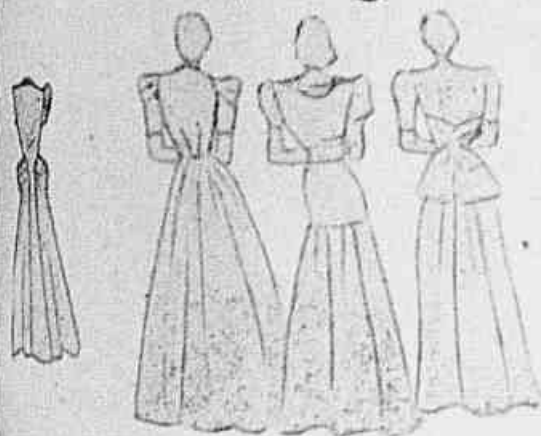


3-



4-

Casa MUNDIAL
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS • CINTOS • CARTEIRAS
RUA R. CARIOCA, 63 • T. 22-2948
OS MELHORES ARTIGOS - PELOS MENORES PREÇOS



1 — Vestido de tafetá rosa; o corpo muito ajustado, botões forrados com o próprio tecido, saia ampla.
2 — Vestido de *faille* verde jade, a saia ampla forma pequenos *paniers* dos lados. Uma fita de setim preto atacando na frente o corpo muito ajustado. As mangueiras forradas com setim preto.
3 — Vestido de organdi azul celeste, guarnecido com galões de lentejoulas do mesmo tom. 4 — Vestido de crepe-setim vermelho, *corselet* bordado com *soutache* do mesmo colorido. Grande faixa do próprio tecido.

MARIQUITA

(Continuação da pag. 13)

Só o caboclo não se apressava. Com a cabeça um tanto quente e pesada, desviou-se do caminho e desceu passo a passo pelas grossas pedras, para a praia escura, onde havia páos soltos de jangadas. Escolheu um destes e deitou-se, a pensar, a matutar. De lá escutava o borbórinho da festa, a música, os gritos, as risadas. Assim adormeceu. Quando despertou já tocava longe a filarmônica e os grupos também se despediam para recolher às casas do arrabalde.

Tyba levantou-se. Vendo a praia mais clara, distinguiu melhor os rochedos, e por ali mesmo se pôs a andar para subir o barranco próximo do Banco d'Areia.

Tencionava ainda chegar a porta do patrão, a saber se precisavam dos seus serviços; depois atravessaria a pinguela do rio, e na sua arapuca, embaixo dos genipapeiros, dormiria até luzir a estrela d'alva.

Ao defrontar, porém, com a muralha trazeira do fortim, seus olhos espertos surpreenderam duas figuras que se separavam á pressa. Uma era homem e saltou de pedra em pedra, evadindo-se pelo muro do norte... A outra era mulher e seguiu pelo lado oposto, galgou ligeiramente o alto e mais adiante juntou-se a umas damas que voltavam da capela. Tyba açouloou atrás desta o seu instinto, as suas manhas e agilidades de gato. Acompanhou-a rente ao barranco, os olhos fixos naquelas formas e naquela cor sombria do vestido... até que a luz mortíca de uma lanterna, apanhou-a em cheio, lhe desfez o mistério.

— Sinhá Dona!... murmurou o caboclo, abaixando-se, como se lhe houvessem atirado um grande fardo às costas.

— Sinhá Dona!... repetiu com os cotovelos cravados nas costelas e a palpebras horripilantemente arregaçadas.

Segredou a si mesmo, outras tantas vezes, o mesmo nome. Estacou. Pôs-se novamente a andar, fazendo sempre a mesma surda e profunda exclamação — Quis ainda duvidar. Não pode. Pensou então no homem... — Quem seria, quem havia de ser senão ele...

Eis a grande decepção de Tyba.

Desde esse momento perdeu a patrão o seu cão de guarda. Em lugar daquele escravo servil e respeitoso, surgia nêle um animal estranho, com arreganhos de desdém, irreverência e rancor, movimentos desordenados de refugio e ataque. Já alta noite, debaixo de suas palhas, sem sono, ora gemia, com a dor do seu desencanto, ora, exaltado, armava cenas cruéis de vingança, de espantoso canibalismo e libidinagem. Sidronio era rachado a golpes de beriba ou arrastado para os recifes, triturado a pedra e lançado ao mar... A infiel, poupada no sangue e na vida, mas não na vergonha. "Vergonha! Quem perdeu!..." Dilacerava-lhe então as finas roupas, descobria-lhes as alvas carnes e atirava-a sobre fôlhas e relvas, no cascalho ou no limo, por traz dos rochedos...

Pela manhã, todavia, o jangadeiro estava bem cêdo postado ao fundo da casa do capitão-tenente. Depois de contemplar com obstinação a criada, cruzou os braços e, balançando a cabeça, soltou essa única palavra:

— Inhã?!

— O que, Tyba?

Não respondeu nem perguntou mais nada.

D. Suzana acordou nesse dia mais tarde. Quando desceu do Banco d'Areia viu a jangada do caboclo que se aproximava para recebê-la, antes dos mergulhos. No alto do barranco, o oficial fumava tranquilamente o seu cigarro.

Chegou a jangada. Embarcou D. Suzana. — Como era linda, aquela falsa patrão, pensava Tyba, enquanto ela sorria ao mar e á doçura do céu.

Vendo-a tão perto e lá em cima o patrão, o caboclo avaliou, sentiu todo o peso do respeito que lhe devia. Solicito, submisso, admirando-se de haver imaginado na véspera tão criminosas liberdades, reconhecia a baixa da sua condição e a grandeza de Sinhá Dona, bôa, nobre, adulada, muito embora aquele passo... coisa que ele não tinha o direito de indagar e muito menos de revelar.

— "Cai nessa asneira, Tyba".

— Uma volta, sinhá Dona?

— Até ali...

As últimas banhistas iam correndo praia acima, com os cabelos empastados, pingando. As cndas, vivamente assopradas, inchavam como balões e vinham arrojar á volta dos parciais corôas de angélicas e lírios, flôres de espuma que nasciam de choques sonóros, estridulos como sons de maracás...

Corria a jangada, tão lesta que não parecia levar o pêso daquele formoso mas grande pecado... No banco, de costas para Tyba, a ninfa mergulhava os cabelos no sol e mirava-se na água que lhe vinha lamber os pés, de rastos, amorosa, humilde como um cão.

— Pois era aquela princeza, cercada de tantos desvêlos e respeitos, que tú, mi-sero jangadeiro, te atreveste a injuriar, pensando em coisas... Comtudo, se o patrão soubesse... ou a visse... no sitio onde êle a pilhara de noite, com o outro.

Ia a jangada fazer a volta para regressar ao porto. Não havia mais gente na

Para o toque final...



Helena Rubinstein

recomenda

COLÔNIA FLOR DE MAÇÃ



DÊ ao seu corpo uma sensação de frescor e bem estar... Sinta-se agradavelmente perfumada com o aroma delicado e cativante de Colônia Flor de Maçã de Helena Rubinstein. Gostará da sua preciosa fragrância e da aura romântica que lhe dará... Flôr de Maçã é uma necessidade para os dias de calor.

CASA CIRIO — CASA HERMANNY
PERFUMARIAS CARNEIRO

praia nem velas no mar. Alguma idéia, porém, tomou de assalto a cabeça de Tyba, que o seu pulso, se fez logo rijo e nervoso no leme da jangada, e esta seguiu avante e direita para os rochedos aonde vem morrer a curva dorsal do monte do Conselho.

Se D. Suzana, nesse momento, encarasse o caboclo, surpreenderia a agitação que lhe dominava todo o corpo, o tremor das mandíbulas largas, reforçadas, de carneiro. E teria medo daqueles olhos capoeiras, que a espreitavam como dois pequenos tupis, tatuados de negro e ibirapitanga, com as pupilas agúdas como pontas de flechas.

Nada viu a bela Suzana.

E a jangada roçou as pedras altas e brancas, metendo-se por uma grotta, fóra do alcance do Banco d'Areia.

— Foram hoje mais longe, disse de cá o oficial, lançando ao chão a ponta do cigarro. Mas esperou vêr logo na volta a vela cheia de luz, ao sol que vinha alteando e aquecendo.

Levantou-se ao cabo de alguns minutos, mudou de lugar, estendeu a vista para os recifes e não descobriu nem o mastro da jangada.

Todas as banhistas se haviam agasalhado. Os rapazes, Sidronio, o joalheiro, tinham igualmente recolhido para o repouso e a refeição. O oficial devia também almoçar áquela hora, segundo o hábito, adorando o resto de Suzana, uma rosa regada de fresco, a frescalar dentre o folhame de rendas alvas do roupão.

— E a jangada?... Que demora!...

Então, com mil rugas na face, aborrecido, mastigando novo cigarro, o capitão-tenente pôs-se a caminhar, com os olhos nos recifes. Saltou na pinguela do rio, contornou a baixa da Mariquita, pela orla do alagadiço, e encetou a fralda do monte. De instante a instante parava e inclinava-se para o lado dos rochedos extremos, quasi todos imersos.

— Que tal!...

Achava por demais extravagante o capricho da mulher. Preparava os termos em que lh'o havia de censurar. — Tanto tempo assim, molhada, em cima de uns madeiros toscos.

E caminhando olhava sempre para o mar. Vencida meia encosta do monte do Conselho, ia-o agora flanqueando em busca da costa escarpada. E seguia nessa direção, quando lhe apareceu uma figura incrível: Suzana, a sua cara Suzana, que vinha mais abaixo, ao abrigo de uma moitas, num andar tão arrastado, tão penoso!... E apenas o viu imobilizou-se, cobriu o rosto com as mãos, pôs-se a soluçar... Estavam já nos braços um do outro.

— Suzana, que é isto?... Que desastre... O caboclo?... a jangada?... Fala! Mas que chero é este? E estás com os pulsos azues?... E este vergão... Suzana! Que foi isso? Alguma... violência?...

A custo ela pôde dizer que... uma tentativa.

O oficial, atônito, deu ainda alguns passos para perseguir a fera.

D. Suzana deteve-o, implorando:

— Esconda-me, leve-me...

E chorava, mordida os lábios, engolia os soluços.

V

Era impossível fazer daquilo um segredo para o arrabalde. Todo êle o soube, as elegantes banhistas, o grupo dos nadadores e amantes da canoagem, o mulherio das cabanas; os jangadeiros, assombrados, sentindo-se comprometidos no conceito dos ricos hospedes e na sua própria humildade; os hospedes, agastadíssimos, feridos no seu melindre, no seu nobre egoismo de brancos educados e finos.

Todos estes sussuravam seus pudores e indignações. Todos pasmavam ante a audácia do bruto, e em pensamento o matavam... Mas nenhum suspeitou, nem de longe, que por aqueles mudos rochedos e aquelas águas saturadas de tanto mistério acabara de passar a alma selvagem de Mariquita.

UM LIVRO DE VALOR,

inteiramente

GRATIS!

Peça-nos, hoje, o exemplar do "Meu Livro de Receitas". Contem inúmeras receitas fáceis e deliciosas, feitas com a incomparável

MAIZENA DURYEA

À MAIZENA BRASIL S. A. 53
CAIXA POSTAL, F. S. PAULO

Peço enviar-me, grátis, o "Meu Livro de Receitas"

Nome

Rua

Cidade

Estado

Será você uma perfeita dona de casa ?

(Respostas às pág. 40 e 41)

N. 1
a) raspo.
b) para cada quilo passo uma colherzinha de fermento em pó.

N. 2
a) em casa.
b) junto uma colher de amoníaco à água.

N. 3
a) em água morna, só com espuma, sem esfregar sabão e uma colherzinha de sal.
b) sei.

N. 4
a) de caçadas e em pedaços.
b) aproveito.

N. 5
a) sei aproveitar.
b) tenho medidas. Fruto de experiência.

N. 6
a) bem gelado.
b) entrada, sopa, salada, peixe com purê ou pudim de legumes com camarão, arroz com carne ou aves assadas, massas, sobremesa, café, licor. De cerimônia.

N. 7
a) sim.
b) sim.

N. 8
a) sim.
b) sim.

N. 9
a) ha.
b) ha.

N. 10
a) sim: mercurio cromo, água oxigenada. Manteiga em papel impermeável para queimadura, etc.
b) sim: comprimidos com chá e limão, leite queimado com açúcar, etc.

N. 11
a) talco, ou papel impermeável e colher aquecida sobre ele.
b) limão com sal, leite, etc.

N. 12

a) sim: arroz enfeitado com salsa e tomate, bifes com molho de refogado, azeitonas, torradas, paio em fatias, ovo cozido, saladas individuais de tomate em forma de cesta com alface, ovos aquecidos no forno com fatias de queijo e presunto. Sobremesa: caldo de laranja engrossado com maisena sobre frutas picadas.
b) sim.

N. 13

a) sim: mergulhando num recipiente com benzina deixando secar ao ar livre.
b) sim.

N. 14

a) sou.
b) sou.

N. 15

a) sim.
b) sim.

N. 16

a) sim.
b) sim.

N. 17

a) sim.
b) não. Só ele pode entender da disposição dos seus papéis. Iria fazer confusão, sem saber onde guardá-los ou a importância de cada um.

N. 18

a) sim.
b) sim.

N. 19

a) sim.
b) sim. Tricot, crochet.

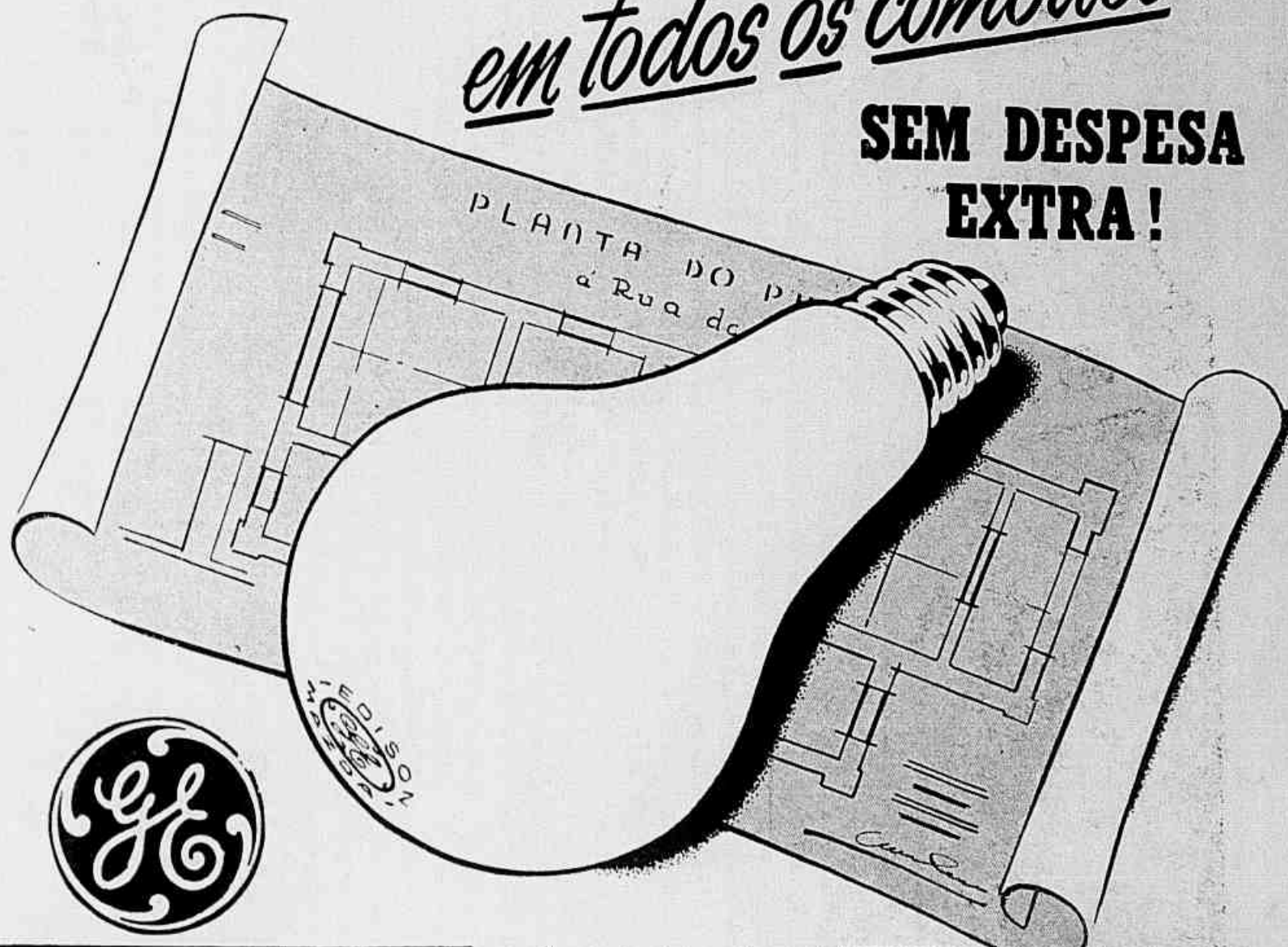
N. 20

a) sim, lustrando um e escovando outros diariamente.
b) Sim. Passando uma revista semanal. Limpando os cristais com água, sabão, escova macia e enxugando-os bem. Lavando a louça e areando os talheres com uma rolha ou pedaço de cortiça.

MAIS LUZ

em todos os cômodos

SEM DESPESA EXTRA!



NA SALA-DE-ESTAR



Uma lâmpada de 150 watts junto à sua poltrona tornará repouso a leitura.

Evite cortes e falhas, tendo uma lâmpada de 40 watts em cada candela.

• É verdade... Isso é possível, sempre que se adquiram lâmpadas Edison Mazda G.E., as lâmpadas de qualidade. E o segredo está no novo filamento **DUOSPICAL**, que permite obter, com o mesmo consumo de energia, 20% mais de luz.

NA COZINHA



A cozinha também requer boa iluminação: no mínimo uma lâmpada de 100 watts.

2 lâmpadas de 60 watts no teto e outra de 60 para a leitura proporcionam iluminação satisfatória.

NO BANHEIRO



Lâmpadas
EDISON-MAZDA

GENERAL ELECTRIC

NO DORMITÓRIO



Consolidação das Leis do Trabalho e da Previdência Social

Obra de extraordinário valor, de grande oportunidade, a "Consolidação" veio prestar serviço inestimável a quantos lidam com a legislação trabalhista em nosso país.

Em dois volumes estão condensadas todas as leis do trabalho, no Brasil; é realmente um plano sistemático perfeito.

Notas e observações de M. Cavalcanti de Carvalho, autor de "Direito, Justiça e Processo do Trabalho", "Direito Sindical e Corporativo", "Evolução do Estado Brasileiro", etc.

Preço dos dois volumes, 70 \$ 000

A venda em todas as livrarias do Brasil.

Pedidos à CIA. EDITORA AMERICANA S/A — Rua Maranguape, 15 — Rio, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio.

ATLANTIC
RICHMOND

CREME DENTAL



ecial